

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Imagens Sociais de Pessoas Transgénero: uma análise a partir de estudantes do ensino superior português

Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Evolução e Biologia e Humanas, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Cristina Santos (Centro de Estudos Sociais Laboratório Associado da Universidade de Coimbra) e da Professora Doutora Sofia Wasterlain (Universidade de Coimbra).

Joana Brilhante

2016

Imagem da Capa: execução gráfica por Inês Martins

Sumário

LISTA DE FIGURAS.....	v
LISTA DE TABELAS.....	ix
RESUMO/PALAVRAS-CHAVE.....	x
ABSTRACT/KEY-WORDS.....	xii
AGRADECIMENTOS	xiv
1. INTRODUÇÃO	
1.1 Nota introdutória.....	3
1.2 Os géneros.....	7
1.3 Da medicina à manutenção da heteronormatividade	11
2. MATERIAL E MÉTODOS	
2.1 Material.....	19
2.1.1 Amostra.....	19
2.1.2 Escala de genderismo e transfobia.....	20
2.2 Métodos.....	20
3. RESULTADOS	
3.1 Dados sociodemográficos.....	27
3.2 Escala de genderismo e transfobia.....	32
3.2.1 Diferenças entre grupos: género; crenças religiosas; tipo de ensino e amigos LGBT.....	35
3.2.2 Diferenças entre grupos: ciclo de estudos; orientação sexual; afinidade política; nacionalidade e residência de origem.....	46
3.2.3 Diferenças entre grupos: orientação sexual; afinidade política; ciclo de estudos e residência de origem.....	48
4. DISCUSSÃO.....	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICES	
A- Glossário	
B- Questionário	
C- Instituições de ensino representadas na amostra	
D- Itens da escala GTS e respetivo fator	

- E- Análise descritiva das respostas à GTS
- F- Resultados da aplicação do teste t para duas amostras independentes
- G- Resultados da aplicação do teste paramétrico *One-way ANOVA*
- H- Resultados da aplicação do teste não-paramétrico *Kruskal Wallis*

Lista de Figuras

Capítulo 1

Figura 1.1 Ranking dos países da União Europeia (UE) no *Rainbow Europe* da ILGA- Europe (2016). 13

Figura 1.2 Eurobarómetro da ILGA-Europe relativo ao reconhecimento legal do género e à integridade corporal. 14

Capítulo 2

Figura 2.1 Diagrama representativo da escala tipo Likert de 7 pontos utilizada no questionário. 21

Capítulo 3

Figura 3.1 Diagrama representativo da participação ao questionário. 27

Figura 3.2 Distribuição percentual de participantes segundo o género com que se identificam. 28

Figura 3.3 Distribuição percentual das/os respondentes por tipo de ensino que frequentam. 28

Figura 3.4 Distribuição percentual das/os respondentes por ciclo de estudos que frequentam. 28

Figura 3.5 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Qual a sua orientação sexual?". 29

Figura 3.6 Afinidade política das/os participantes. 29

Figura 3.7 Distribuição percentual das respostas dadas à pergunta "Possui crenças religiosas?". 30

Figura 3.8 Distribuição percentual da residência de origem das/os participantes. 30

Figura 3.9 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Tem ou conhece amigos/as homossexuais ou bissexuais?". 31

Figura 3.10 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Tem ou conhece amigos transgénero?". 31

Figura 3.11 Valores médios das respostas dadas às perguntas da escala de genderismo e transfobia (Hill e Willoughby, 2005). As perguntas encontram-se separadas por cores segundo a característica que avaliam, roxo para as perguntas que avaliam <i>gender-bashing</i> e azul para transfobia e genderismo.	33
Figura 3.12 Pontuações atribuídas às questões que mediam o gender-bashing.	34
Figura 3.13 Pontuações atribuídas às questões que mediam transfobia e genderismo.	34
Figura 3.14 Pontuações atribuídas às questões que mediam transfobia e genderismo.	34
Figura 3.15 Média das pontuações dadas à GTS pelas mulheres e homens, segundo as respostas relativas às crenças religiosas.	42
Figura 3.16 Média das pontuações atribuídas pelos indivíduos que se identificaram enquanto homens à pergunta três e cinco da GTS. Os indivíduos encontram-se separados segundo a categoria "Tem amigos/as ou conhece alguém lésbica, gay ou bissexual?"	45
Figura 3.17 Pontuação média atribuída pelas mulheres (n=376) da categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"	45
Figura 3.18 Pontuação média atribuída pelos homens (n=152) da categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"	46
Figura 3.19 Pontuação média na GTS atribuída pelas mulheres e pelos homens separados pela categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"	46
Figura 3.20 Resultados da aplicação do teste paramétrico <i>one-way</i> ANOVA onde se verificou não existirem diferenças.	47
Figura 3.21 Médias das pontuações dadas às respostas das perguntas 5, 7, 8 e 10 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).	50
Figura 3.22 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 12, 14, 15 e 16 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).	50

Figura 3.23 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 17, 18, 19 e 21 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.24 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 22, 24 e 25 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.25 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 26, 27, 29, 30 e 31 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual.

Figura 3.26 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 3, 4, 7, 8 e 16 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.27 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 18, 22, 26, 27 e 28 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.28 Média total das pontuações à escala pelos indivíduos separados segundo a sua orientação sexual.

Figura 3.29 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 3, 4, e 5 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.30 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 7, 10 e 12 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

- Figura 3.31** Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 14, 15, 16, 17 55
pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).
- Figura 3.32** Média das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 19, 23, 24 e 25 56
pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).
- Figura 3.33** Média das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 26, 27, 29 e 30 56
pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).
- Figura 3.34** Pontuações atribuídas pelos homens, definidos pela sua afinidade política, 57
às questões 4; 27 e 30. $N=152$.
- Figura 3.35** Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 5, 7, 8 pelas 57
estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).
- Figura 3.36** Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 12, 15, 17, 21 58
e 22 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).
- Figura 3.37** Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 24, 25, 26 e 58
27 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.38 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 28, 29, 30, 31 59 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Figura 3.39 Média das pontuações atribuídas às três perguntas onde se verificaram 60 diferenças estatisticamente relevantes nas respostas dos alunos de acordo com a sua residência de origem.

Capítulo 4

Figura 4.1 Escala de pontuações possíveis na GTS. 65

Lista de tabelas

Capítulo 3

Tabela 3.1 Resultados do teste t para as questões onde se encontraram as 36 diferenças entre homens e mulheres.

Tabela 3. 2 Resultados significativos da aplicação do teste t à pergunta "Possui 38 crenças religiosas?" n=homens

Tabela 3.3 Resultados da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças 40 religiosas?". Apenas estão representados os casos onde se encontraram diferenças estatisticamente significativas. n= mulheres.

Tabela 3. 4 Resultados do t-teste aplicado ao grupo "Possui amigos/as ou 44 conhecidos/as lésbicas, gays ou bissexuais". Os resultados são apenas dos indivíduos que se identificaram enquanto homens.

Resumo

O relatório da Agência Europeia dos Direitos Fundamentais diz-nos que as pessoas transgénero se encontram entre as minorias sociais que mais sofrem de abusos e discriminação. Em Portugal, escasseiam os estudos ou centros de investigação dedicados aos estudos LGBT, sendo que o incentivo à pesquisa e à produção de estudos interdisciplinares sobre esta temática se torna fundamental não só à sua compreensão como também ao combate à desigualdade de género.

Pretendeu-se com este trabalho - constituído por uma amostra de 528 estudantes do ensino superior português - aceder às atitudes de indivíduos cisgénero para com pessoas transgénero, tendo em conta três conceitos: transfobia, genderismo e *gender-bashing*. O questionário foi baseado na Escala de Genderismo e Transfobia (GTS), desenvolvida por Hill e Willoughby (2005), cuja fiabilidade tem vindo a ser verificada nos mais variados estudos (Winter et al., 2008, 2009; Costa et al., 2010; Willoughby et al., 2010; Costa e Davies, 2012; Riggs et al., 2012).

Os resultados obtidos mostram que, no geral, as/os estudantes parecem ser pouco transfóbicas/os e genderistas, menos ainda parecem existir atitudes de violência para com pessoas cuja expressão/identidade de género não esteja em conformidade com o binarismo tradicional. Não obstante, aquando da divisão da amostra por categorias, sobressaem atitudes mais negativas por parte dos indivíduos que se identificam enquanto homens. Possuir crenças religiosas e/ou não ter familiaridade com indivíduos transgénero também foram categorias associadas a maiores níveis de discriminação. Destacam-se com pontuações mais elevadas as pessoas cuja orientação sexual difere da heterossexualidade e/ou com afinidade política de esquerda e extrema-esquerda.

No geral a GTS mostra-se uma escala fiável para aceder às atitudes para com pessoas transgénero. É necessária a aplicação desta medida em populações menos

escolarizadas descentralizando dos grandes centros urbanos, assim como perceber como o género molda a vida das pessoas.

Palavras-chave

Identidade de género, discriminação, *gender-bashing*, transfobia, genderismo.

Abstract

The Fundamental Rights Agency's report states that transgender people are amongst the social minorities who experience the most abuse and prejudice. In Portugal, research projects and research centers dedicated to LGBT studies are scarce. Thus, promoting research and interdisciplinary studies on this matter is a priority, since these are essential for its understanding and for the fight against gender inequality. This study – composed by a sample of 528 students from the Portuguese higher academic setting - aims to provide insight to the attitudes of cisgender individuals towards transgender people, based on three concepts: transphobia, genderism and gender-bashing. The questionnaire is based on the Gender and Transphobia Scale (GTS), developed by Hill and Willoughby (2005), whose reliability has been verified by various studies (Winter et al., 2008, 2009; Costa et al., 2010; Willoughby et al., 2010; Costa e Davies, 2012; Riggs et al. 2012).

The results show that, in general, students don't demonstrate high levels of transphobia or genderism, while the levels are even lower concerning violent attitudes against people whose gender expression/identity is not in conformity with the traditional binarism. Notwithstanding, when dividing the samples into categories, attitudes by individuals who identify themselves as men stand out as more negative. Holding religious beliefs and/or not being familiar with transgender individuals are also categories associated with higher levels of discrimination. On the other hand, people with a sexual orientation different from heterosexuality and/or with left wing political affiliations have a more positive outlook.

Overall, GTS seems to be a reliable way to access the attitudes concerning transgender people. It needs to be applied in less educated populations decentralized from the great urban centers, being necessary to perceive how gender shapes people's lives.

Keywords

Gender identity, discrimination, gender-bashing, transphobia, genderism.

Agradecimentos

“Momentos há na vida em que a questão de saber se é possível pensar de modo diferente daquele que se pensa e perceber de modo diferente daquele que se vê é indispensável para continuar a observar ou refletir” (Foucault, 1994b: 14). Este trabalho foi fruto de um destes momentos, possibilitado apenas pelo facto de ter a sorte de viver rodeada por fontes de motivação e inspiração. A elas, devo aqui um sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, à professora Sofia Wasterlain, por acreditar e me fazer acreditar que é possível fazer diferente. Pela omnipresença, apoio, paciência e trabalho, não só durante este último ano, mas desde o primeiro dia de aulas. A professoras e professores, como a professora Sofia, devo a minha paixão pelas ciências sociais e humanas e a vontade de todos os dias melhorar, na esperança de um dia poder ser como elas.

À Ana Cristina Santos, a quem faço um esforço (enorme) para tratar por “tu”. Não só pela ajuda preciosa desde a escolha do tema, à correção da última palavra, mas principalmente pela qualidade do seu trabalho e ativismo inspiradores, que me fazem ter vontade de mudar o mundo. Obrigada!

À tia Fatinha, por toda a ajuda, entusiasmo, por acreditar e por ser uma das forças da natureza que mais admiro.

A todo o corpo docente e funcionários/as da “ala das Antropologias”, por serem mais do que professores/as e funcionários/as, são mentores/as, conselheiros/as e amigos/as.

À minha família e amigos/as, pelo amor e pelo carinho.

Ao meu lar, Cebola, Fatinha, Serafim, Diana, Macho, Dani, Mariana!, tudo é melhor convosco, foram a melhor surpresa que Coimbra me deu. Obrigada por fazerem de mim uma pessoa melhor. Sei que é para a vida.

Por último, por ser mais importante, por ser força, por ser proteção, por ser possibilidade, por ser o porto seguro, por ser a razão, por ser amor, à minha Mãe. Não há mestrados, cursos ou doutoramentos que me deem palavras justas para exprimir a gratidão e o amor que te tenho. Obrigada.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Nota introdutória

A expressão de género é provavelmente a primeira característica que notamos quando conhecemos alguém. A dicotomia homem/mulher faz parte do dia-a-dia de todas as pessoas e é, talvez, a mais poderosa das dicotomias nas sociedades ocidentais. O género está presente nas nossas vidas, muitas vezes até antes do nascimento, definindo a maioria, se não todas, as nossas interações sociais (Pinto e Moleiro, 2015), refletindo a forma como um indivíduo expressa a sua identidade sexual no contexto cultural onde se insere (Roughgarden, 2004). Assim, a partir dos estudos de género podemos compreender as relações entre os sexos, a organização da vida social e “descodificar e compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (Carvalho, 2001 *in* Filho, 2005: 136).

Refletindo a individualidade de cada pessoa ao abrigo das normas culturais e da sociedade, o género impõe expectativas ao indivíduo (Roughgarden, 2004) que nem sempre estão de acordo com a identidade do próprio. Assim, por vezes, a identidade de género não é concordante com o sexo do indivíduo atribuído à nascença. Falamos neste caso de homens e de mulheres transgénero (Pinto e Moleiro, 2012). Nos casos em que existe concordância entre identidade de género e sexo atribuído à nascença, falamos de pessoas cisgénero¹ (Bagagli, 2013).

A palavra transgénero é utilizada como um guarda-chuva (Lev, 2004 *in* Burdge, 2007; Valentine, 2007) sob o qual se encontram os termos “que se aplicam a indivíduos que não expressam o seu género das formas tradicionais” (Burdge, 2007: 244). Há toda uma panóplia de papéis de género que estão inseridos no “guarda-chuva” transgénero, dos quais se falam posteriormente, procurando delimitar e compreender o conceito. Infelizmente, esta é uma categoria ofuscada

¹ Encontra-se em apêndice um glossário sobre identidade de género. Consultar apêndice A.

na nossa sociedade, uma ausência sobre a qual Saleiro (2009) discorre a partir da metáfora de “vazio social”². Como mostram vários estudos e relatórios³, estas são pessoas frequentemente percebidas como alvo de discriminação (Costa et al., 2010; Kooy, 2010; Norton e Herek, 2012; Riggs et al. 2012) a par de outras categorias como a etnia, a deficiência, a orientação sexual ou o estatuto social (Costa et al., 2010). Dentro da investigação sobre estas discriminações destacam-se os trabalhos de Hill (2002) e de Hill e Willoughby (2005), baseados em três categorias que têm vindo a ser utilizadas para conceptualizar a discriminação face a pessoas trans⁴: transfobia, genderismo e *gender-bashing*⁵ (Costa et al., 2010).

O termo transfobia refere-se “a um nojo emocional para com pessoas que não se conformem com as expectativas de género definidas pela sociedade (...) sentir repulsa por mulheres masculinas, homens femininos, travestis e/ou transsexuais” (Hill e Willoughby, 2005: 533). Por sua vez o genderismo é “uma crença cultural que perpetua avaliações negativas de pessoas que não se apresentem enquanto homens e mulheres estereotipados. Genderistas são pessoas que consideram que os que não se conformam com as expectativas socioculturais de género são patológicos” (Hill e Willoughby, 2005: 534). Já o *gender-bashing* corresponde ao ataque, assédio, ou perseguição de pessoas que não se conformam com as normas de género (Wilchins, 1997 *in* Hill e Willoughby, 2005: 534).

² Destacam-se os trabalhos de associações portuguesas que lutam contra este “vazio”. São exemplos a: Não Te Prives, Rede ex-aequo, ILGA-Portugal, Panteras Rosa, Grupo Transsexual Portugal, entre outras.

³ Como é o exemplo do relatório “*Being trans in European Union*” disponível em:

http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra-2014-being-trans-eu-comparative-0_en.pdf

⁴ O termo “trans” é utilizado para fazer referência a pessoas cuja identidade/expressão de género não corresponde às normas sociais.

⁵ *Gender-bashing* é o termo cunhado pelos autores e o utilizado nos artigos consultados que utilizaram a GTS enquanto método de análise. No entanto, pode-se encontrar na literatura os termos violência de género ou violência transfóbica, como é o caso do documento “Saiba mais” das Nações Unidas disponível em: https://www.unfe.org/system/unfe-42-sm_violencia_homofobica.pdf [Acedido a 17-7-2016].

Em Portugal, as questões Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans - doravante LGBT - ganharam relevo em meados dos anos 90. Não obstante um número crescente de estudos sobretudo na área das Ciências Sociais (Nogueira, 2004; Santos, 2005, 2006, 2013b; Dinis, 2008; Oliveira e Nogueira, 2009; Saleiro, 2009; Costa et al., 2010; Queirós et al., 2010; Pinto e Moleiro, 2012; Gato et al., 2014; Leite e Henriques, 2014; Rodrigues et al., 2015), continuam a ser insuficientes os trabalhos que abordam os problemas destas minorias, tal como a importância que lhes é atribuída (Vale de Almeida, 2010).

Há hoje uma maior complexidade dos discursos políticos e sociais em torno do estatuto das minorias sexuais, levando à necessidade crescente de se levantarem as causas, consequências, implicações políticas, sociais e culturais que as discriminações conferem (Santos, 2005, 2013b; Costa et al., 2010). “No caso das pessoas trans e/ou intersexo as experiências discriminatórias passam também pela organização de uma sociedade onde o género é pensado de uma forma rígida e binária, e por isso excludente” (Costa et al., 2010: 94), que se prende a identidades e categorias sustentadas por sistemas de poder e opressão, perpetuando a suposta naturalidade das posições identitárias onde se colocam os indivíduos (Davy et al., 2008).

Sendo um tema atual e de importância inegável, propomos uma reflexão entre a biologia, a antropologia, a sociologia e a filosofia, onde se fará um levantamento do estado da arte dentro dos estudos de género, no que às pessoas transgénero diz respeito. Procurar-se-á a origem do termo, a sua definição e implicações sociais da sua utilização, com vista a elucidar os contextos sociais que envolvem o aparecimento de discursos discriminatórios resultantes da identidade de género, através de imagens sociais.

Para concretizarmos o objetivo a que nos propomos, recorreremos à utilização de um questionário desenvolvido por Hill e Willoughby (2005), denominado

“Escala de Transfobia e Genderismo (GTS)”. Este questionário teve como público-alvo a comunidade académica em Portugal, de maneira a que os resultados sobre a imagem social das pessoas trans provenham do olhar de pessoas cisgênero com escolaridade superior.

Dentro da comunidade cisgênero, em que medida terá a variável de género influência sobre atitudes mais discriminatórias? Terá o contacto com pessoas LGBT uma influência positiva no que toca à compreensão e atitudes para com as pessoas trans? Estudos como o de Costa et al. (2010), Riggs et al. (2012), Norton e Herek (2012), entre outros, dizem-nos que sim, que há respostas positivas associadas a estas questões. Será que esta é uma tendência também observável em estudantes do ensino superior em Portugal?

Ao trabalhar sobre problemáticas de género, confrontamo-nos com a limitação binária do próprio conceito. De acordo com as convenções socioculturais dominantes, somos homens, ou somos mulheres. Isto levanta problemas a vários níveis; o que é que define as categorias sociais de homem e mulher? E as características biológicas de macho e fêmea? Estão relacionadas?

Ao analisar alguma literatura sobre estudos de género dentro das áreas sociais e culturais, encontramos uma tendência de rutura para com a biologia. É afirmado que a perspetiva biológica legitima a hierarquização e a sistematização da diversidade, baseando-se em descrições normativas (Dinis, 2008). Roughgarden (2004) dá-nos uma perspetiva diferente, onde diversidade é a palavra de ordem. Utilizando a biologia e a etologia, a autora apresenta-nos a diversidade das espécies, mostrando que o ser humano não é exceção. Não será a biologia uma ferramenta útil na compreensão das organizações sociais, e não deveria a academia unir conhecimentos em busca de uma sociedade menos desigual?

Estas são algumas questões para as quais procuraremos resposta ao longo do estudo, a par dos resultados do inquérito, onde se tentará averiguar a

existência ou não, da discriminação das pessoas trans, por parte da comunidade académica portuguesa e se sim, de que forma é que ela se expressa.

Sustentando a crença de que a academia forma não só novos/as investigadores e investigadoras, como novos/as atores sociopolíticos, entende-se a urgência de alargar a produção científica de forma a contribuir para o combate das desigualdades, discriminações e exclusões sociais destas que são pessoas reais, infelizmente, *trans-parentes* ao olhar da sociedade moderna.

1.2 Os Géneros

“Both anthropology and feminism have to cope with difference”

Moore, 1988: 11

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir, 1967: 9

“Enquanto investigadores/as, inevitavelmente amplificamos algumas vozes enquanto silenciámos outras. Quando assinalamos mecanismos de identificação de “outro”, caímos no risco de ser presas da própria estrutura que queremos criticar. Podemos até dar origem a novas formas de submissão. Não obstante, temos de assumir este risco; temos de afirmar a complexidade da teoria com os seus objetos de crítica” (Spivak, 1987; Derrida, 1997 *in* Gressgard, 2010: 541).

“O estudo dos fenómenos sociais exige uma abordagem quase arqueológica facilitadora de um enquadramento nos vários contextos que construíram, direta ou indiretamente, os moldes que hoje nos apresentam” (Santos, 2005: 41). Em matéria de direitos humanos a história lavra-se longa, sendo considerada a primeira carta dos direitos humanos do mundo, o cilindro de Ciro (539 a.C.),

passando pela Magna Carta (1215), até à declaração universal dos Direitos Humanos em 1948⁶.

As simbologias de género e dos estereótipos inerentes ao sexo têm sido matérias de análise das ciências sociais, em particular, das teorias feministas com principal incidência a partir dos anos 70 (Dinis, 2008; Oliveira, 2015). Este interesse cresce por vários motivos, entre eles, os movimentos políticos feministas, lésbicos, gays ou o impacto da sida e do vírus da imunodeficiência humana (VIH) (Parker, 2000).

Uma das maiores dificuldades das investigações nesta matéria concerne ao que à variabilidade diz respeito. Henrietta Moore, na sua obra *Feminismo e Antropologia* (1988), explica-nos a variabilidade cultural que subjaz as categorias de “mulher” e “homem” mostrando-nos que estas aparecem num espectro muito diverso, que se altera com o período histórico, as variações culturais, de cultura para cultura. Os estudos de género, suportados pela teoria feminista⁷, vão ao encontro a este espectro de que nos fala Moore. Esta vertente do feminismo - também conhecida como “segunda vaga” - fez uma releitura do conceito de género rompendo com o binarismo, através de um olhar fluido e interseccional (Oliveira, 2015), cuja masculinidade e feminilidade aparecem enquanto metáforas de poder que funcionam na manutenção das práticas sociais e dos valores (Foucault, 1994a; Leite e Oliveira, 2013). A inscrição no corpo daquilo que é feminino ou masculino acontece sempre ao abrigo de uma determinada cultura (Louro, 2000).

Judith Butler (2004), um dos nomes mais sonantes no que à construção de género diz respeito, diz-nos que o género é uma atividade incessante por nós desempenhada, não automática, nem mecânica, cuja origem está no exterior de nós próprios, na sociabilidade. A prova da fluidez destas práticas é realçada pelas

⁶ In: Uma breve história dos direitos humanos (S.A., S.D) <http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/brief-history/cyrus-cylinder.html> [acedido a 24-6-2016].

⁷ Ressalva-se que a teoria feminista tem muitas vertentes, algumas das quais poderão não estar de acordo com a variabilidade de género que aqui se discute.

formas de relacionamento e estilos de vida que têm vindo a ficar mais visíveis nas últimas décadas. Novas formas de nos fazermos homens e mulheres, desejos corporais passíveis de ser realizados cirurgicamente, transgressões de categorias, de fronteiras sexuais, novas formas de nascer ou de morrer. Todos estes avanços tecnológicos e transformações sociais afetam diretamente a forma como contruímos as identidades de género e sexuais (Louro,2000).

Esta construção de processos identitários, que por sua vez dá origem à multiplicidade de realidades de que nos fala Moore, choca com a binariedade da categorização de homem e mulher. Mesmo a biologia humana, desde o século XVIII, coloca os sexos enquanto opostos - definidos pelo tamanho dos gâmetas que produzem - de onde brotam papéis de género materializados em “corpos estáveis, anistóricos e sexuados” (Laqueur, 1992: 6; Roughgarden, 2004). Estas dicotomias macho/fêmea, homem/mulher, oriundas da sociologia ou da biologia, mostram-se redutoras, sendo incapazes de reproduzir o leque de identidades existente, como são exemplos os casos intersexo^{8,9,10}. Estes são muitas vezes “normalizados” aquando do nascimento da criança através de intervenções cirúrgicas (Ezie, 2010). Esta “normalização” vai contra a diversidade da própria biologia cuja estabilidade está dependente da existência da diversidade (Roughgarden, 2004). Leite e Henriques (2014) culpabilizam esta gramática binário-normativa na visão imperialista estadunidense. Dizem estar de acordo com Bordieu e Wacquant, que

⁸ A 14 de Outubro de 2015 o JN noticiou que o tribunal francês havia reconhecido pela primeira vez a existência de um terceiro género. O caso referia-se a uma pessoa intersexo que nasceu com uma vagina rudimentar, um micropénis e sem testículos. O indivíduo em questão afirmou que naquele dia era finalmente reconhecido pela sociedade, como realmente era. Disponível em: <http://www.jn.pt/mundo/interior/tribunal-frances-reconhece-o-terceiro-genero-sexual-4834206.html?id=4834206> [acedido a 24-6-2016].

⁹ Informações sobre a proposta “Human Rights and Intersex People” realizada pelo conselho da europa disponível em: <http://observador.pt/2015/05/11/portugal-tera-um-terceiro-genero-no-bilhete-identidade/> [acedido a 24-6-2016].

¹⁰ Outra notícia sobre o reconhecimento legal da intersexualidade, neste caso nos Estados Unidos: <https://www.theguardian.com/world/2016/jun/16/jamie-shupe-first-non-binary-person-oregon> [Acedido a 24-6-2016].

afirmavam que esta (visão estadunidense) “repousa sobre o poder de universalizar os particularismos ligados a uma tradição histórica singular, fazendo-os não se reconhecerem como tais” (Bourdieu e Wacquant, 1998 *in* Leite e Henriques 2014: 3).

“A formação de um sujeito exige a identificação com o fantasma normativo do sexo”.

Butler, 2000: 112

Foi através dos estudos de intersexualidade que surgiu o termo transgénero durante os anos 50 do século XX (Saleiro, 2013). Ainda nesta década, em 1957, Harry Benjamin cunha o termo transsexual (Vale de Almeida, 2010). Segundo Saleiro (2013), estes fenómenos podem-nos ajudar a compreender o próprio conceito de género. Sendo um dos pilares da teoria queer, segundo linhas relativistas/construtivistas, os estudos de género baseados na multiplicidade sociológica, desafiam a patologização das identidades trans (Saleiro, 2013), suportadas pela medicina e pela biologia molecular atuais (Roughgarden, 2004).

O termo transsexual refere-se às pessoas cuja identidade de género é incongruente com o sexo que lhe foi atribuído à nascença e que vive como um membro do outro sexo independentemente das intervenções cirúrgicas que já tenha tido ou que queira fazer. Por sua vez, transgénero inclui todas as expressões de género fora das definições tradicionais heteronormativas, incluindo transsexuais, intersexo, *gender queer*, transvestismo, entre outras (Valentine, 2007; Hines, 2007; Nagoshi e Brzuzy 2010; Moleiro e Pinto, 2015).

No trabalho que aqui se apresenta, utilizam-se os termos transgénero e trans, enquanto guarda-chuva de todas as expressões supramencionadas. Mas, pautando pelo rigor, ressalva-se a pertinência da divisão dos termos “transsexuais” e “transgénero”. Isto porque, como nos diz Saleiro (2013), uns

(transsexuais) não se posicionam à margem do sistema dos dois sexos/géneros, que é precisamente o que define os outros.

1.3 Da medicina à manutenção da heteronormatividade

Na década de 70 a homossexualidade foi retirada do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, à data DSM-II (Moleiro e Pinto, 2015), graças à pesquisa e ativismo de Evelyn Hooker (Vale de Almeida, 2010) que levou à concordância de que a patologização comprometia o funcionamento social (Moleiro e Pinto, 2015). Hoje, são os diagnósticos trans que dividem por um lado a classe médica, por outro, o ativismo trans. De um lado defende-se que uma visão patologizante reforça os estigmas, a discriminação, e é vista como um impedimento à liberdade das pessoas no que à sua identidade diz respeito. Por outro, defendem-se os diagnósticos de modo a assegurar o acesso aos cuidados médicos, sendo que os sistemas de saúde estão sujeitos a um diagnóstico para a atribuição de medicamentos (Moleiro e Pinto, 2015). Existem ainda casos, como o da Dinamarca que, por estar em desacordo com a classificação médica atual, decidiu que a 1 de janeiro de 2017, o que o mundo trata como uma doença - a disforia da identidade de género, passa a não ser considerada desta forma no seu país¹¹.

Desde os anos 80 até à versão atualmente utilizada, o DSM-V passou a ser categórico, dividindo o normal e o patológico a partir de inclusões ou exclusões

¹¹ Noticiado em *The Local*: <http://www.thelocal.dk/20160513/denmark-to-remove-transgender-from-list-of-mental-illnesses> e em *Pink News*: http://www.pinknews.co.uk/2016/05/13/denmark-will-no-longer-treat-transgenderism-as-a-mental-illness/?utm_source=PNFB&utm_medium=SocialFB&utm_content=FBN&utm_campaign=PNFacebook [acedido a 24-6-2016].

nas categorias nosológicas. O que difere do modelo dimensional da nosografia psiquiátrica, onde o normal e o patológico são opostos no espectro onde se distribui a condição humana. A versão vigente procura uma homogeneidade para fidelização dos diagnósticos, que, de acordo com Leite e Henriques (2014), não possui uma base científica que justifique a escolha do modelo.

“Talvez a intervenção da igreja na sexualidade conjugal e a sua recusa das “fraudes” à procriação tenham perdido, de há duzentos anos para cá, muita da sua insistência. Mas a medicina, essa entrou em força nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, que nasceria das práticas sexuais “incompletas”; classificou cuidadosamente todas as formas de prazeres anexos; integrou-os no “desenvolvimento” e nas “perturbações” do instinto, chamou a si a sua gestão” (Foucault, 1994a: 45).

A medicina encontra-se entre os conhecimentos especializados que gerem os corpos e as vidas, legitimando e dando força a uma heterossexualidade hegemónica (Oliveira et al., 2010). Esta heteronormatividade define-se enquanto “(...) um sistema de práticas legais, institucionais, e culturais, que propaga suposições binárias acerca do género, crenças de que este reflete o sexo biológico e de que a única atração sexual aceitável e *natural* é a que existe entre os dois géneros opostos” (Oliveira et al., 2010: 150; Schilt e Westbrook, 2009). O incumprimento ou desvio destas crenças resulta em atos de discriminação, que Ana Cristina Santos (2012: 250) define enquanto “um produto coletivo resultante de relações desiguais de poder, (...) [cujo] foco é retirado da vítima (indivíduo) e colocado no sistema estrutural que possibilita e legitima a discriminação”.

A discriminação conhece várias formas de propagação, desde a “simples” linguagem do dia-a-dia, à organização dos sistemas sociais. Torna-se urgente

avançar com políticas públicas que promovam a inclusão e proibindo a discriminação (Saleiro, 2013). Segundo o barómetro da *Rainbow Europe*¹² Portugal situa-se em 4º lugar, no que aos direitos humanos e discriminação diz respeito (ver figura 1.1).

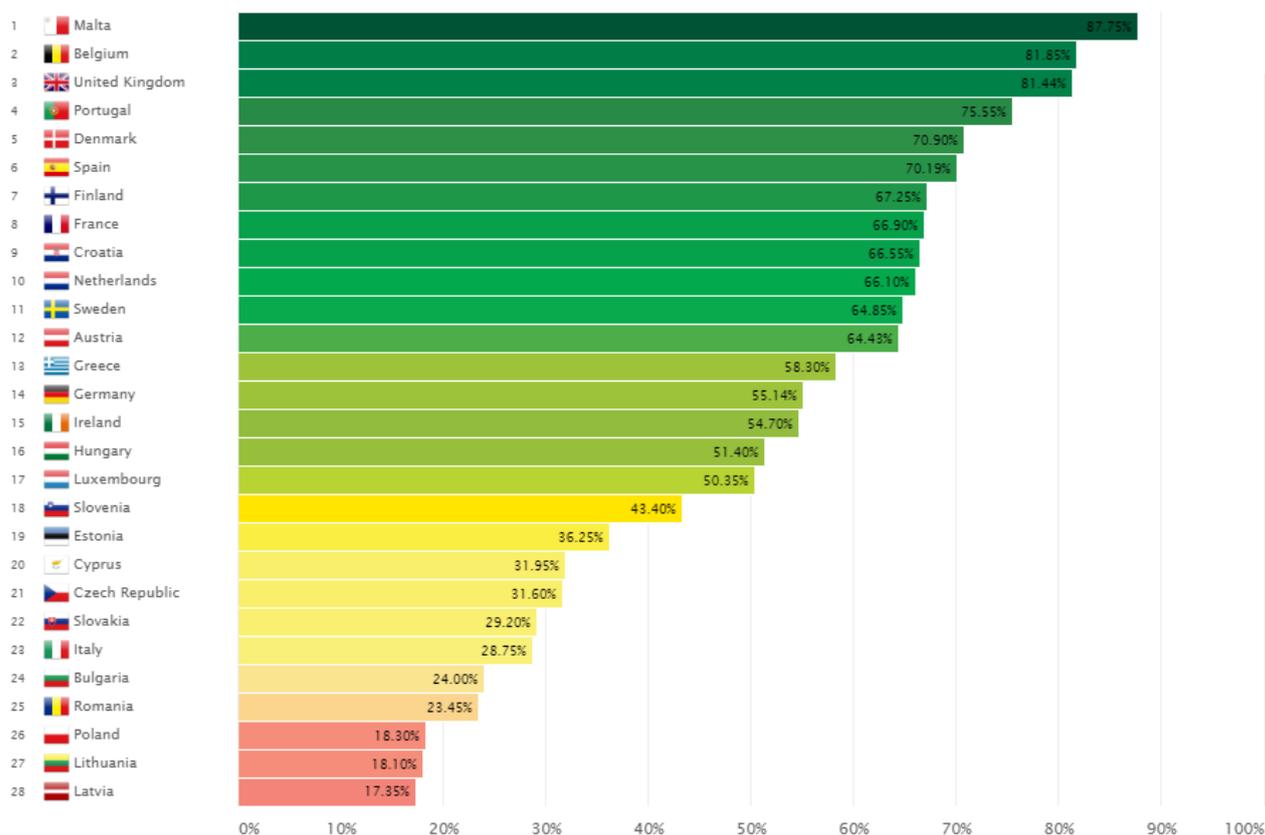


Figura 1.1 Ranking dos países da União Europeia (UE) no *Rainbow Europe* da ILGA-Europe¹³ (2016).

No gráfico representado, a escala parte dos 0%, que corresponde a graves violações dos direitos humanos e discriminação, aos 100% onde se considera o respeito total pelos direitos humanos e igualdade.

¹² O *Rainbow Europe* é uma medida financiada pela UE e levada a cabo pela ILGA-Europe, com o objetivo de dar a conhecer o contexto europeu dos desenvolvimentos sociais e políticos no que aos direitos LGBTI diz respeito. Disponível em: <https://rainbow-europe.org/> [Acedido a 20-6-2016].

¹³ ILGA- Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero: é uma associação de solidariedade social, sendo a mais antiga associação de defesa dos direitos LGBT em Portugal. Mais informações em: <http://ilga-portugal.pt/institucional/historial.php> [Acedido a 20-6-2016].

Ao aprofundarmos os resultados do Euro barómetro para as leis de identidade de género e de integridade corporal, os resultados são representados na figura 1.2.

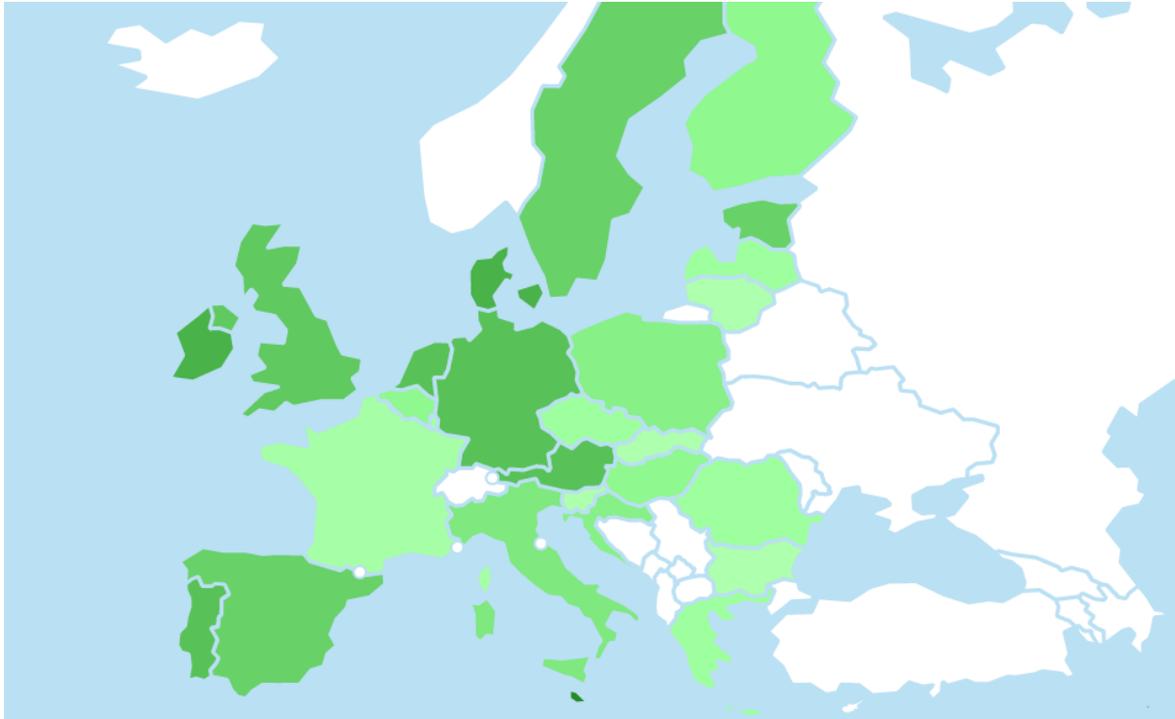


Figura 1.2 Euro barómetro da ILGA-Europe relativo ao reconhecimento legal do género e à integridade corporal.

Os critérios avaliados são: a existência de medidas legais; evidência de procedimentos administrativos; alteração do nome; ausência da necessidade de diagnóstico de perturbação/opinião psicológica; a ausência de intervenção cirúrgica obrigatória; ausência da obrigatoriedade de esterilização; ausência da obrigatoriedade de divórcio; sem restrição de idade; proibição de intervenção médica antes de a criança ter idade de assinar um consentimento informado (para os casos intersexo). Malta é o país com aquela que é considerada a lei de identidade de género mais avançada do mundo. Todos os critérios suprarreferidos estão previstos nas leis, correspondendo a uma pontuação de 100%. Seguem-se no *ranking* a Irlanda e a Dinamarca com 79% e Portugal, Holanda, Alemanha e

Áustria com 66%. No caso português, não se verificam os critérios da ausência de diagnóstico; da restrição de idade e da intervenção médica nos casos intersexo.

As experiências de discriminação colocam barreiras significativas à saúde mental e ao bem-estar das pessoas trans. O reconhecimento destas pessoas, legal e socialmente, é fundamental para a sua integração na sociedade assim como para a sua aceitação pessoal (Pinto e Moleiro, 2015). Assim revelam-se aqui preocupações que devem ser de todos e de todas, para a construção de uma sociedade menos desigual, que pauta pela exploração de uma das suas características mais naturais, a diversidade.

Com o intuito de contribuir para o enriquecimento das matérias que aqui se discutem, apresentam-se enquanto objetivos deste trabalho:

- Perceber se o *genderismo*, a *transfobia* e o *gender-bashing* são perceptíveis na comunidade académica em Portugal;
- Verificar se as categorias - género, ciclo de estudos, instituição de ensino, afinidade política, crenças religiosas, orientação sexual, amigos/as LGB, amigos/as trans e residência de origem - se mostram bons indicadores no que à discriminação de pessoas trans diz respeito.

2. MATERIAL e MÉTODOS

2.1. MATERIAL

A recolha de dados da amostra realizou-se através de um questionário *online*¹⁴ dividido em duas partes:

- ✚ Uma primeira, com questões sociodemográficas;
- ✚ Uma segunda, constituída pela escala de Transfobia e Genderismo desenvolvida por Hill e Willoughby (2005).

O questionário, desenvolvido através da plataforma *Google docs*, foi divulgado através das redes sociais.

AMOSTRA

O questionário esteve disponível a partir do dia 21 de dezembro de 2015, até ao dia três de janeiro de 2016, perfazendo um total de 13 dias de recolha de dados. Foi de participação voluntária, tendo sido os/as participantes informados/as do anonimato das respostas. Participaram 535 indivíduos. Deste total, foram descartados quatro questionários por não corresponderem a estudantes do ensino superior, ficando para análise 531 inquéritos pertencentes a estudantes de 45 instituições¹⁵ portuguesas de ensino superior.

A larga maioria das/os participantes identificou-se como mulheres (70,8%), 28,6% identificaram-se como homens e 0,6% enquanto transgénero. Os respondentes têm proveniência de Norte a Sul do país, incluindo as Regiões Autónomas. É uma amostra maioritariamente jovem, ficando a média de idades nos 22 anos (desvio padrão, $dp=3,48$).

¹⁴ O questionário pode ser consultado no apêndice B.

¹⁵ As instituições de ensino representadas podem ser consultadas no apêndice C.

Escala de genderismo e transfobia

A escala de genderismo e transfobia (GTS) desenvolvida por Hill e Willoughby em 2005 foi já validada em várias populações de diversos países, como as Filipinas, Canadá, EUA, China e Portugal (Winter et al., 2008; Willoughby et al., 2010; Gerhardstein e Anderson, 2010; Costa et al., 2010; Costa e Davies, 2012). É um método que se mostra fiável recaindo sobre a análise de duas subescalas, a de genderismo e transfobia e a de *gender-bashing*. Os estudos de Hill (2002) mostram-nos que o preconceito para com pessoas trans assenta nestes três conceitos, ainda que os resultados práticos tenham levado, em 2005, Hill e Willoughby a juntar os dois primeiros numa única subescala por se mostrarem altamente correlacionados (Hill e Willoughby, 2005). Esta forte correlação bifatorial demonstrada também no estudo português (Costa et al., 2010) levou a que se optasse neste trabalho pela junção das duas subescalas.

Assim conta-se com o fator genderismo/transfobia que conceptualiza as questões ligadas à repulsa, ódio e medo, face a expressões de género percebidas como diferentes daquilo que é mais comum; e o fator *gender-bashing* que corresponde aos insultos, ataques e práticas violentas face a terceiros cuja expressão de género fuja à norma¹⁶ (Costa et al., 2010).

2.2 MÉTODOS

A recolha de dados por questionário *online* é um método muito utilizado nas mais variadas áreas e pelas mais diversas razões, entre elas, a facilidade de divulgação (Hash e Spencer, 2009 *in* Costa et al., 2010), a possibilidade de alcançar um grupo heterogéneo, em larga escala geográfica e em pouco tempo.

¹⁶ As perguntas da GTS e o fator correspondente podem ser consultadas no Apêndice D

Neste estudo, após as primeiras 48 horas em que o inquérito esteve *online* obteve-se uma adesão de 370 indivíduos, mostrando a eficiência das redes sociais na propagação e na obtenção de material para análise.

Na primeira parte do questionário as respostas às 13 questões sociodemográficas foram utilizadas para a caracterização da amostra. Utilizaram-se os inquéritos de todos/as os/as estudantes (n=531).

A segunda parte, a escala GTS, continha as 32 questões desenvolvidas pelos autores. Nesta fase apenas foram utilizados os inquéritos das/os estudantes que se identificaram enquanto mulheres e homens (n=528). Foi pedido que os/as inquiridos/as utilizassem uma escala do tipo Likert de 7 pontos, em que o 1 correspondia a “concordo totalmente” e o 7 a “discordo totalmente”. Inferiu-se a atitude das pessoas face a indivíduos trans, através das pontuações atribuídas às questões desenvolvidas pelos autores.

Traduziram-se as 32 afirmações da escala para a língua portuguesa e orientaram-se as questões todas no mesmo sentido, com o objetivo de facilitar a atribuição da pontuação por parte dos inquiridos. Deste modo, para todas as questões, a pontuação 7 corresponde à atitude mais positiva (ao menor grau de discriminação) e o valor 1 corresponde à pontuação mais discriminatória (figura 2.1).

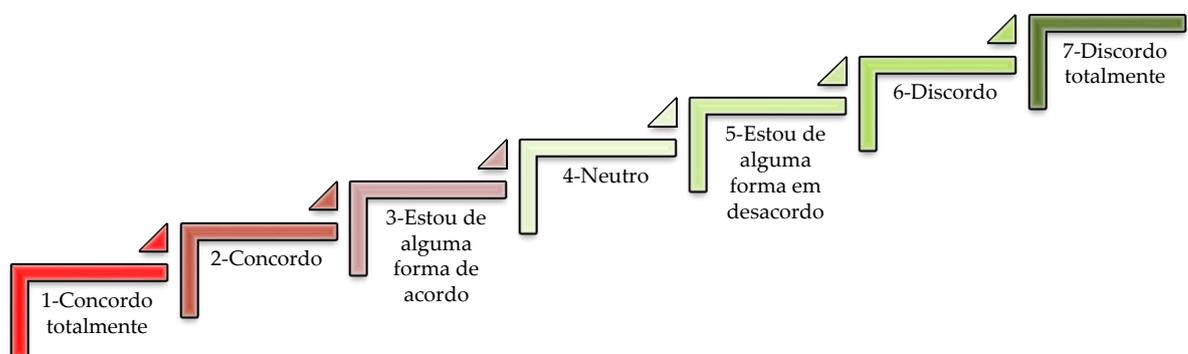


Figura 2. 1 Diagrama representativo da escala tipo Likert de 7 pontos utilizada no questionário.

No cabeçalho do questionário, colocou-se o título “Escala de género” em vez do título original “Escala de genderismo e transfobia” com o intuito de não sugerir as respostas dos participantes.

TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados resultantes da participação nos inquéritos foram todos codificados e inseridos no programa IBM SPSS® versão 20. Após a sua inserção processou-se a análise estatística descritiva de onde se sumarizou e organizou a informação segundo os seguintes grupos (variáveis nominais independentes): Idade, Instituição de ensino; Tipo de ensino; Ciclo de estudos; Género; Orientação sexual; Afinidade política; Nacionalidade; Residência de origem; Amigos/as LGB e Amigos/as trans.

Uma vez que a pontuação dada às perguntas da GTS é uma variável quantitativa dependente e os grupos supramencionados são as variáveis independentes pretendia-se verificar se as médias das pontuações atribuídas às questões variavam segundo as categorias dos grupos. A fiabilidade da escala foi verificada através do alfa de *Cronbach*.

Tendo a amostra sido retirada de uma população normalmente distribuída, as pontuações seguem uma distribuição normal¹⁷. Assumido este pressuposto, nas questões em que as categorias se dividiam apenas em duas respostas (ex.: perguntas de sim/não) utilizou-se o teste paramétrico *t* para amostras independentes com o intuito de perceber se existiam diferenças nas médias das pontuações atribuídas por grupo. Tendo estas diferenças sido claramente confirmadas na questão do género das/os participantes, os testes *t* realizados

¹⁷ Teorema do limite central: “Sejam $X_1 \dots X_n$ variáveis aleatórias independentes com a mesma distribuição, que se admite ter variância finita, qualquer que seja a forma de distribuição destas variáveis, se o valor de N for suficientemente grande, a variável soma segue aproximadamente uma distribuição Normal” (Guimarães e Cabral, 1997: 241).

posteriormente foram feitos separadamente por género para que as diferenças manifestadas previamente não influenciassem os resultados dos outros grupos.

Para verificar se existiam diferenças nos grupos onde as/os estudantes eram separadas/os em mais do que duas categorias (ex.: orientação sexual) a análise estatística realizada foi por meio do teste paramétrico *one-way* ANOVA. Nos casos onde não se verificou o pressuposto da homogeneidade necessário para a realização da ANOVA, recorreu-se ao teste não-paramétrico *Kruskal Wallis H* para k amostras independentes.

Para os resultados do *Kruskal Wallis* cuja rejeição da H_0 nos mostrou haver diferenças entre os grupos foi feita uma nova análise ANOVA, desta vez através do *Rank* das questões e posteriormente o teste *post-hoc* de *Scheffé* com o intuito de compreender onde se situavam estas diferenças.

Para os grupos “Instituição de ensino” e “Nacionalidade” devido ao facto de as categorias se dividirem de forma muito irregular, não foi realizado o teste *Kruskal Wallis* para nenhum dos casos.

3. Resultados

3.1 Dados sociodemográficos

A amostra (figura 3.1) contou com a participação de 376 pessoas que se identificam enquanto mulheres (70,8%), 152 que se identificam como homens (28,6%) e três que se identificam como transgénero (0,6%) (figura 3.2). Encontram-se representadas 45 instituições de ensino superior portuguesas, sendo que 453 respondentes eram estudantes do ensino superior universitário e 71 eram estudantes do ensino superior politécnico (Figura 3.3). Na sua grande maioria, as instituições representadas são do ensino público.

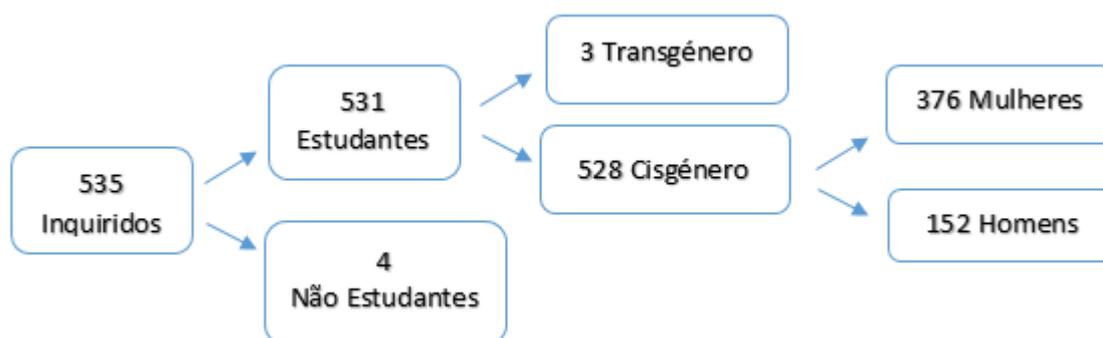


Figura 3. 1 Diagrama representativo da participação ao questionário.

O ciclo de estudos mais representado foi a licenciatura (1º ciclo) com 311 participantes, seguindo-se o segundo ciclo (mestrados) com 207 estudantes e o terceiro ciclo (doutoramento) com 13 participantes (distribuições percentuais representadas na figura 3.4).

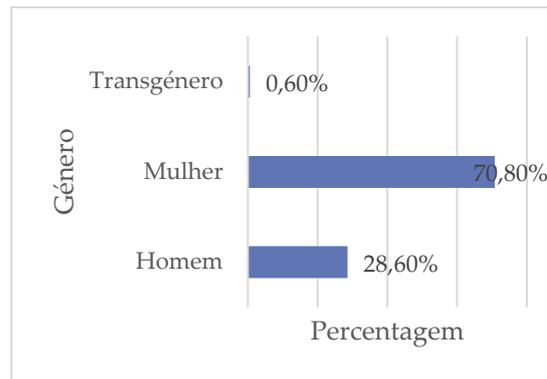


Figura 3. 2 Distribuição percentual de participantes segundo o género com que se identificam.

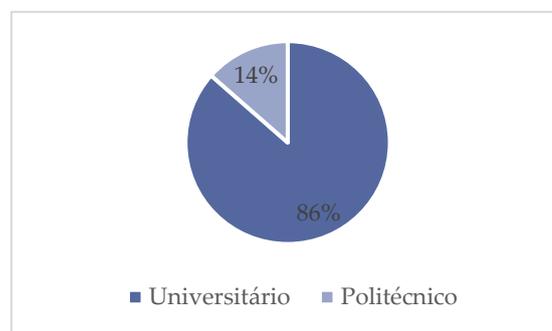


Figura 3. 3 Distribuição percentual das/os respondentes por tipo de ensino que frequentam.

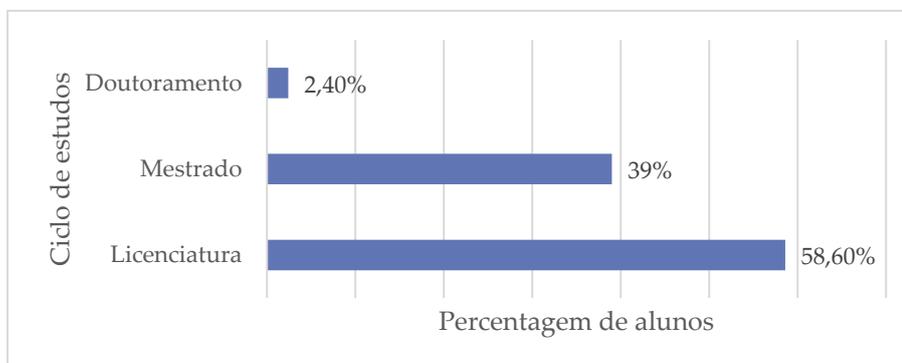


Figura 3. 4 Distribuição percentual das/os respondentes por ciclo de estudos que frequentam.

A dispersão de idades encontra-se entre os 17 e os 46 anos, situando-se a média nos 22 anos ($\pm 3,48$). Representam-se as percentagens das orientações sexuais dos inquiridos na figura 3.5. Uma larga maioria identificou-se enquanto heterossexual (438 estudantes), uma pequena minoria (seis indivíduos),

identificou-se como tendo “outra” orientação sexual onde se aglomeraram as respostas: assexual, pansexual e não definido. E 16% dos sujeitos - correspondentes a 85 estudantes - identificaram-se como homossexuais ou bissexuais.

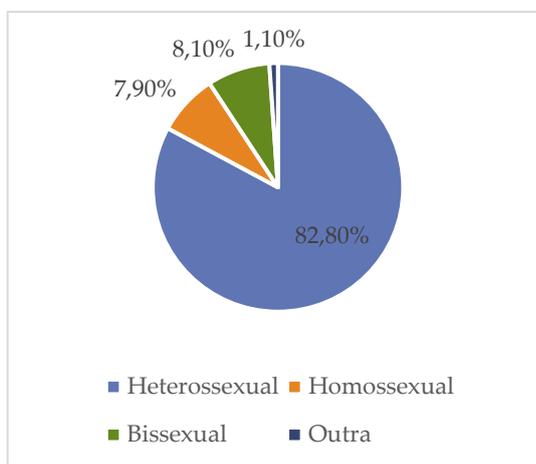


Figura 3. 5 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Qual a sua orientação sexual?".

No que toca à orientação política das pessoas inquiridas, a esquerda é mais popular contando com a identificação de 199 estudantes. Quase tão “popular” foi também a resposta “sem afinidade política” que conta com 37,5 pontos percentuais correspondentes a 193 indivíduos (figura 3.6).

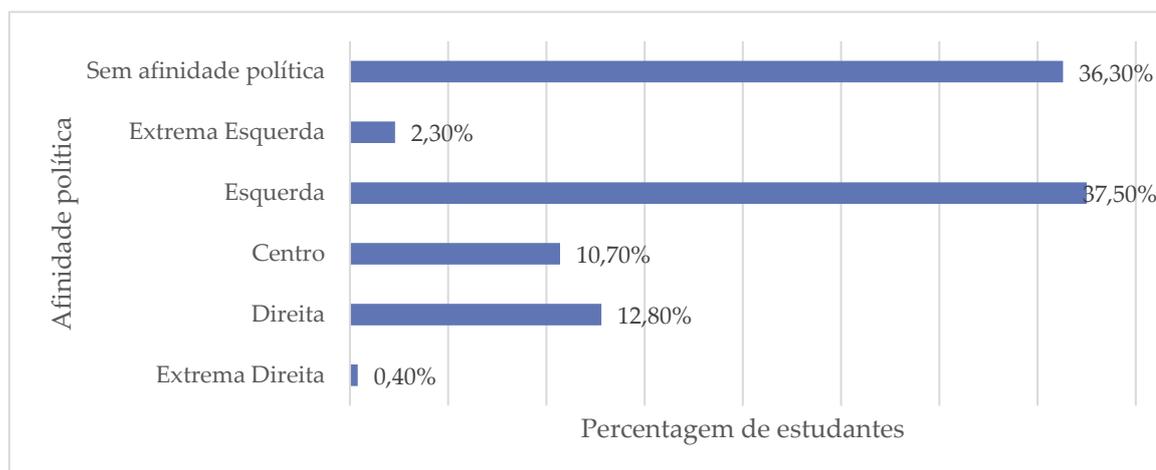


Figura 3. 6 Afinidade política das/os participantes.

Já na questão relativa às crenças religiosas (figura 3.7) a maioria afirma não possuir qualquer crença religiosa ainda que 213 estudantes tenham respondido afirmativamente.

Obteve-se a participação de um indivíduo venezuelano, um suíço, três brasileiras, dois brasileiros e três luso-descendentes, sendo que a restante amostra era de origem portuguesa.

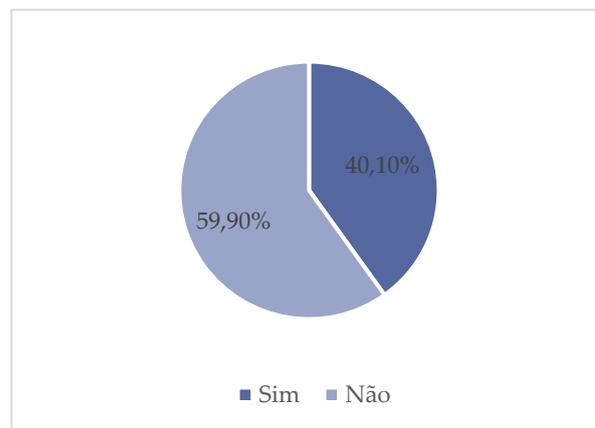


Figura 3. 7 Distribuição percentual das respostas dadas à pergunta "Possui crenças religiosas?".

A área de residência mais representada é o centro de Portugal, como se pode verificar através da consulta da figura 3.8. A amostra conta com 330 indivíduos com área de residência na região Centro (114 do interior e 216 do litoral), 144 com residência na região norte (93 do litoral e 51 do interior), 37

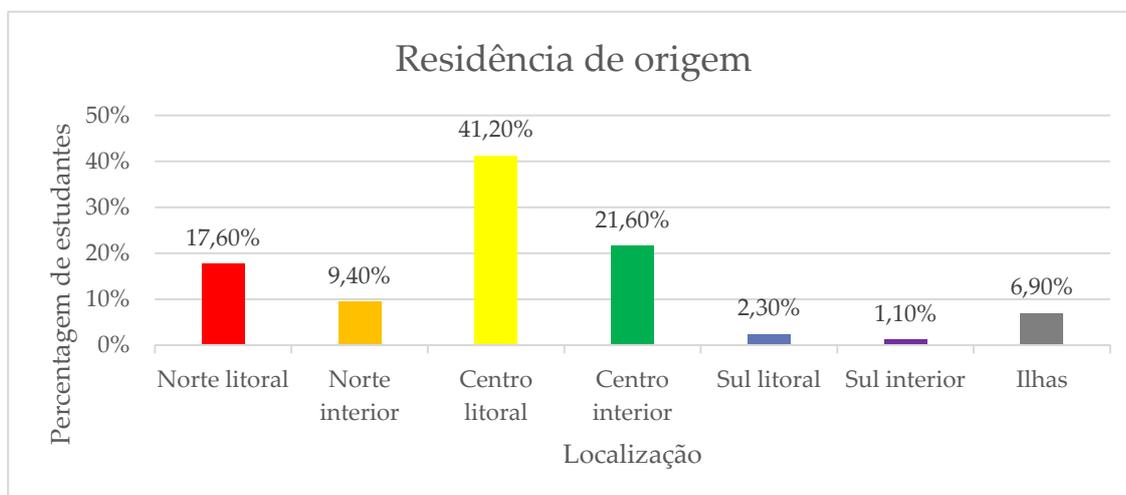


Figura 3. 8 Distribuição percentual da residência de origem das/os participantes.

estudantes das regiões autónomas e 20 estudantes com residência no sul do país (13 do litoral e 7 do interior).

As últimas duas perguntas sociodemográficas do questionário eram relativas à familiaridade dos inquiridos com pessoas homossexuais/bissexuais e transgénero. As respostas encontram-se apresentadas nas figuras abaixo:

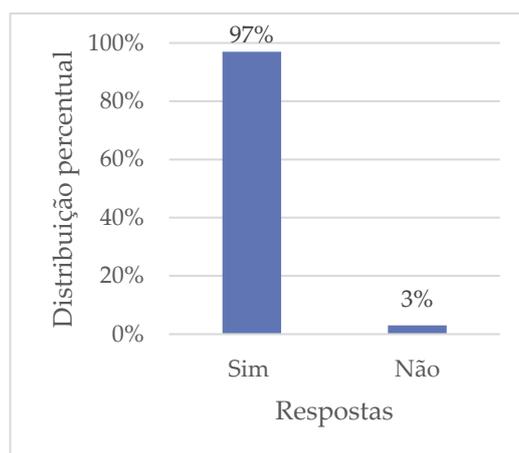


Figura 3. 9 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Tem ou conhece amigos/as homossexuais ou bissexuais?".

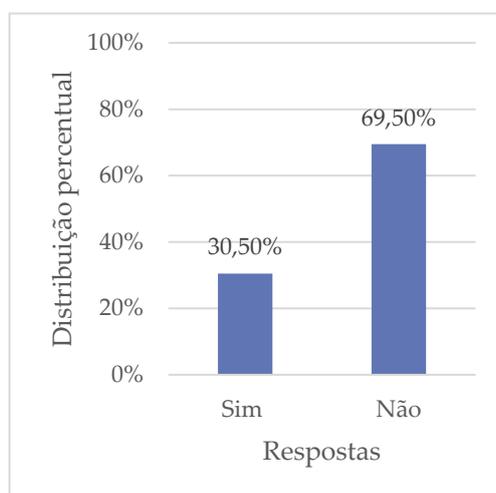


Figura 3. 10 Distribuição percentual das respostas à pergunta "Tem ou conhece amigos transgénero?".

Como se pode verificar através da análise dos gráficos apresentados, a esmagadora maioria dos participantes (97%) possui amigos ou amigas com

orientação sexual diferente da heterossexual, já o mesmo não acontece para amigos/as ou conhecidos/as trans, onde a maioria (aproximadamente 70%) das pessoas inquiridas afirma não conhecer ninguém transgênero.

3.2. Escala de genderismo e transfobia (GTS)

Para a análise estatística da segunda parte do questionário, a escala de genderismo e transfobia de Hill e Willoughby (2005) - doravante GTS - apenas se utilizaram as respostas dos indivíduos que se identificaram enquanto cissexuais $n=528$.

Calculou-se o alfa de *Cronbach* para verificar a consistência da escala verificando-se um $\alpha=0,938$, sendo validada a fiabilidade da escala. Para a subescala de genderismo obteve-se um $\alpha=0,787$, para a subescala de transfobia um $\alpha=0,928$ e para a subescala *gender-bashing* um $\alpha=0,751$.

Sendo que os valores da escala de Likert são considerados tanto melhores quanto mais perto de 7 se aproximarem, podemos afirmar que, em termos gerais¹⁸, obtiveram-se valores bastante positivos com pontuações acima dos 5 pontos, sendo apresentados níveis baixos de *gender-bashing*, genderismo e transfobia. A pontuação média mais baixa dada a uma questão foi 5,31 pontos, na pergunta 27 “As pessoas ou são homens ou são mulheres”. Os resultados obtidos encontram-se representados na figura 3.11.

¹⁸ A análise descritiva às respostas da GTS pode ser consultada nas tabelas do apêndice E.

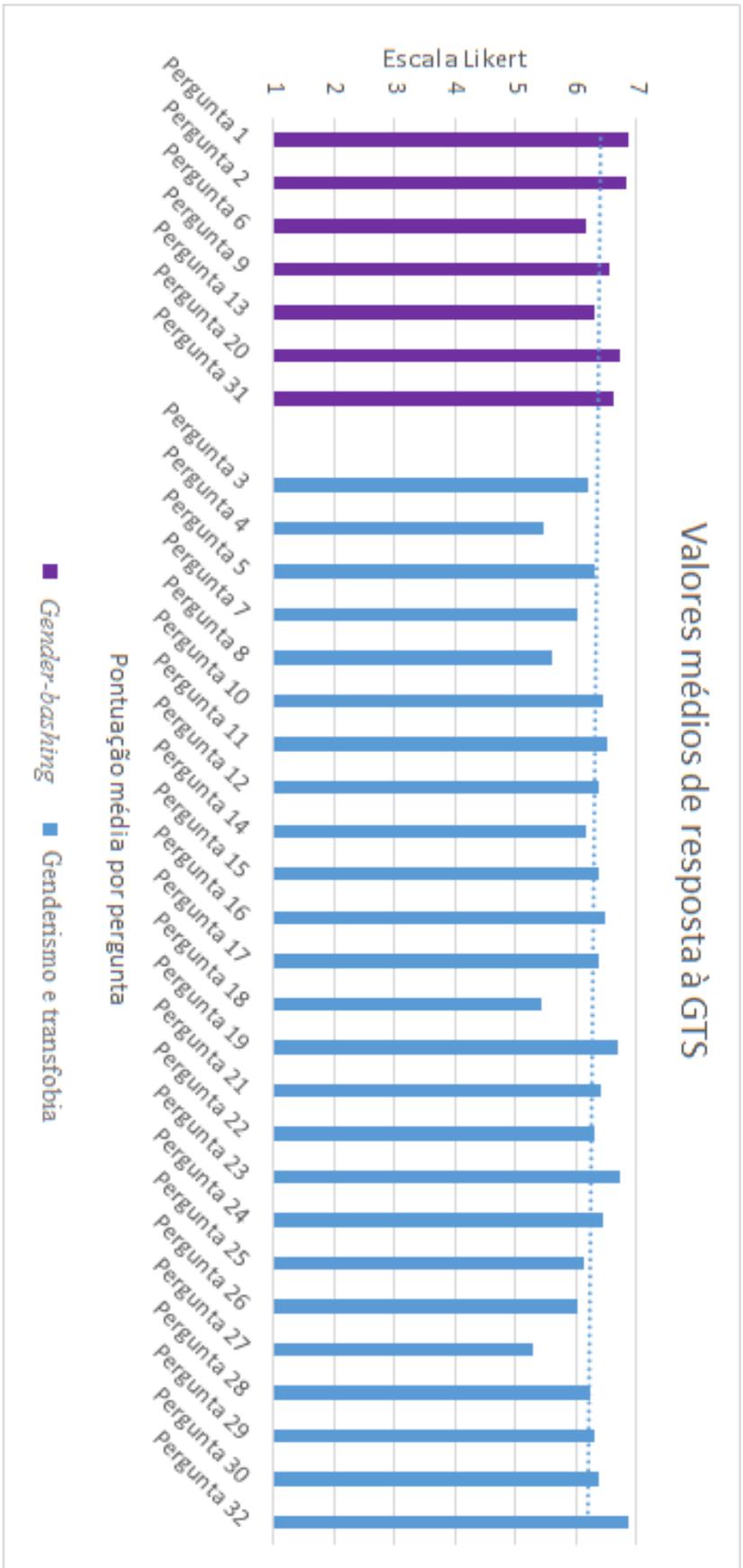


Figura 3. 11 Valores médios das respostas dadas às perguntas da escala de genderismo e transfobia (Hill e Willoughby, 2005). As perguntas encontram-se separadas por cores segundo a característica que avaliam, roxo para as perguntas que avaliam *gender-bashing* e azul para transfobia e genderismo.

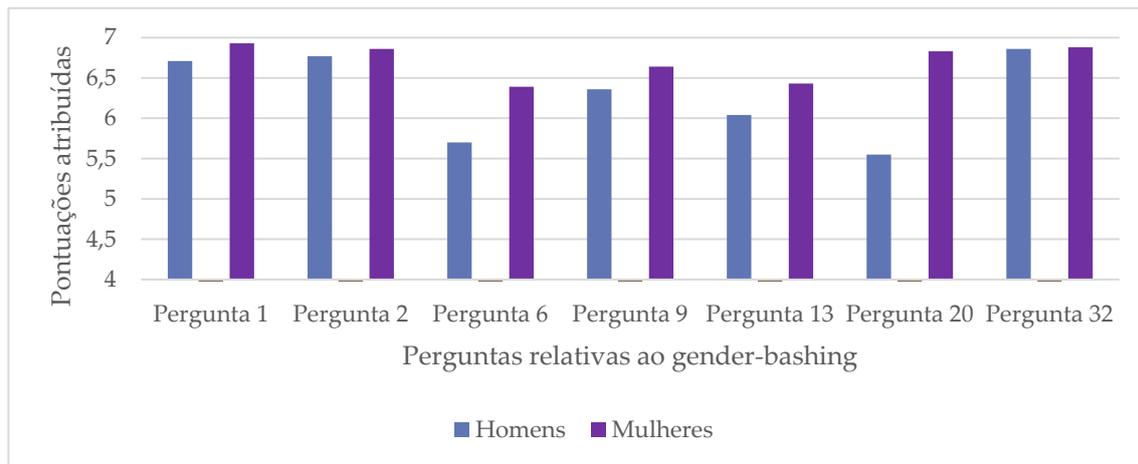


Figura 3. 12 Pontuações atribuídas às questões que mediam o gender-bashing.

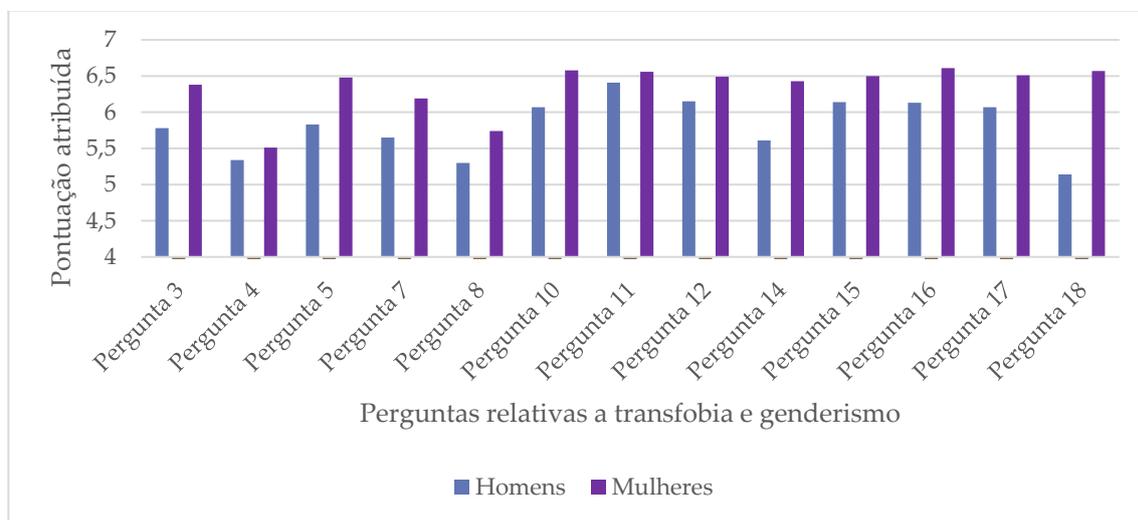


Figura 3. 13 Pontuações atribuídas às questões que mediam transfobia e genderismo.

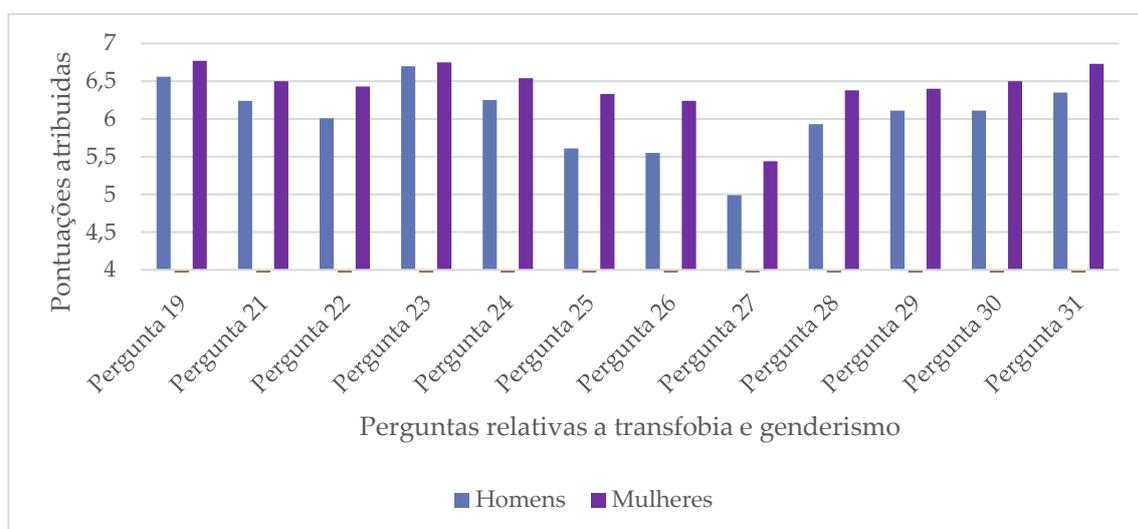


Figura 3. 14 Pontuações atribuídas às questões que mediam transfobia e genderismo.

Fazendo uma separação das categorias das perguntas de acordo com o género com que os indivíduos se identificam, obtiveram-se os resultados apresentados nas figuras 3.12; 3.13 e 3.14. Como se pode verificar, os homens pontuam sem exceção e independentemente da subescala, menos do que as mulheres não obstante os valores positivos das pontuações gerais. Note-se que em nenhuma das questões as médias se situam abaixo do valor quatro, considerado “neutro”.

3.2.1 Diferenças entre grupos: género, crenças religiosas, tipo de ensino e amigos LGBT

São cinco as questões da primeira parte do questionário que apresentam apenas duas hipóteses de resposta. Estas são relativas: ao género, às crenças religiosas, ao tipo de ensino¹⁹, aos/às amigos/as LGB e amigos/as trans.

Nas tabelas do apêndice F encontram-se os resultados dos testes t realizados.

Os resultados foram bastante claros. Das 32 questões da GTS, apenas em 5 não se demonstraram diferenças nas respostas entre os géneros. Assim, e como se pode verificar através da consulta dos gráficos 3.12, 3.13 e 3.14, as mulheres têm sempre respostas mais positivas do que os homens em todas as questões da escala e apenas na pergunta 2, 4, 11, 23 e 32 é que estes valores não se traduzem como sendo estatisticamente significativos. A tabela 3.1 mostra as questões onde se verificaram diferenças entre as respostas entre pessoas que identificam como homens e pessoas que se identificam enquanto mulheres.

¹⁹ Não foi perguntado diretamente qual era o subsistema de ensino das/os participantes. Este foi um trabalho feito posteriormente, através da utilização da resposta das/os inquiridas/os à pergunta “Qual a instituição de ensino que frequenta?”.

Tabela 3. 1 Resultados do teste t para as questões onde se encontraram as diferenças entre homens e mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=528	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	3,073	178,234	0,002
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	4,201	214,437	0,000
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	4,611	202,841	0,000
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	4,522	206,290	0,000
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	3,551	226,628	0,000
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	2,548	254,971	0,011
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	2,655	225,950	0,008
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	4,004	199,936	0,000
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	2,809	221,312	0,005
Pergunta 13. Já fiz pouco de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	2,939	223,358	0,004
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	5,354	202,886	0,000
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	2,929	219,107	0,004
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	3,816	195,787	0,000

Tabela 3. 1 (Continuação) Resultados do teste t para as questões onde se encontraram as diferenças entre homens e mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=528	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um perverso;	3,503	208,687	0,001
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	2,616	526	0,009
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	2,570	208,658	0,011
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	3,267	181,403	0,001
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	2,405	228,212	0,017
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	3,338	214,088	0,001
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	2,333	214,362	0,021
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	4,890	215,393	0,000
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	4,100	210,410	0,000
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	2,246	242,717	0,026
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	3,201	213,372	0,002
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	2,541	526	0,011
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	2,941	213,299	0,004
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	3,791	190,344	0,000

Relativamente à questão “Possui crenças religiosas?” em 24 das questões (consultar tabela 3.2), no caso dos indivíduos que se identificaram enquanto

homens, encontraram-se diferenças dos estudantes que afirmam possuir crenças religiosas e dos indivíduos que não as possuem, apenas em 8 das 32 perguntas da GTS, as diferenças não se mostraram estatisticamente significativas (teste completo na tabela F-3, apêndice F).

Tabela 3. 2 Resultados significativos da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças religiosas?" n=homens

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	-2,431	61,571	0,018
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	-2,740	76,048	0,008
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	-6,418	150	0,000
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	-2,751	73,581	0,007
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	-4,005	72,414	0,000
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	-3,092	150	0,002
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	-3,781	61,798	0,000
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	-3,163	63,369	0,002
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	-4,448	67,392	0,000
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	-2,975	63,169	0,004
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	-3,733	58,079	0,000
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um perverso;	-3,573	58,144	0,001
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	-3,374	150	0,001

Tabela 3.2 Resultados significativos da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças religiosas?" n= homens (continuação).

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	-2,968	58,710	0,004
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	-2,752	70,203	0,008
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	-2,655	53,752	0,010
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	-2,850	70,315	0,006
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	-4,022	65,168	0,000
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	-3,365	73,520	0,001
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	-4,604	150	0,000
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	-3,045	65,848	0,003
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	-3,432	66,747	0,001
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	-2,864	60,139	0,006
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	-2,145	51,063	0,037

Ainda na questão das crenças religiosas, mas agora relativamente às inquiridas que se identificaram enquanto mulheres, registaram-se ainda mais diferenças do que nos inquiridos tendo-se encontrado diferenças em 29 das 32

questões da GTS. Os resultados dos testes t encontram-se na tabela 3.3, para consultar os resultados do teste na sua totalidade consultar a tabela F-2 do apêndice F.

Tabela 3.3 Resultados da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças religiosas?". Apenas estão representados os casos onde se encontraram diferenças estatisticamente significativas. n= mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	-2,377	240,280	0,018
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	3,369	281,439	0,001
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	-7,121	292,378	0,000
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	-3,768	264,098	0,000
Pergunta 6. Já provoqueei um homem por ter um comportamento feminino;	-2,210	322,260	0,028
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	-4,144	290,472	0,000
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	-4,964	323,154	0,000
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	-2,370	312,324	0,018
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	-2,076	296,476	0,039
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	-3,863	293,194	0,000
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	-4,811	268,571	0,000
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	-4,644	248,761	0,000

Tabela 3.3 Resultados da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças religiosas?". Apenas estão representados os casos onde se encontraram diferenças estatisticamente significativas. n= mulheres (continuação).

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	-3,150	264,063	0,002
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	-3,577	277,622	0,000
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	-3,719	317,966	0,000
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	-3,645	255,415	0,000
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	-2,150	263,670	0,032
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	-2,148	319,509	0,032
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	-2,355	324,244	0,019
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	-3,545	208,799	0,000
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	-4,348	272,811	0,000
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	-3,391	293,595	0,001
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	-2,564	311,864	0,011
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	-5,256	309,607	0,000

Tabela 3.3 Resultados da aplicação do teste t à pergunta "Possui crenças religiosas?". Apenas estão representados os casos onde se encontraram diferenças estatisticamente significativas n= mulheres (continuação).

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	T-teste 95% confiança		
	t	gl	Sig.
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	-2,333	309,423	0,020
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	-4,027	278,943	0,000
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	-3,465	292,309	0,001
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	-2,636	302,518	0,009
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	-2,094	534,142	0,037

Como se pode verificar através da observação das tabelas suprarreferidas, tanto o género como o facto de a pessoa possuir/não possuir crenças religiosas influencia a posição em relação às perguntas colocadas pela GTS. A figura que se segue mostra-nos estas diferenças através da média das pontuações gerais à escala.

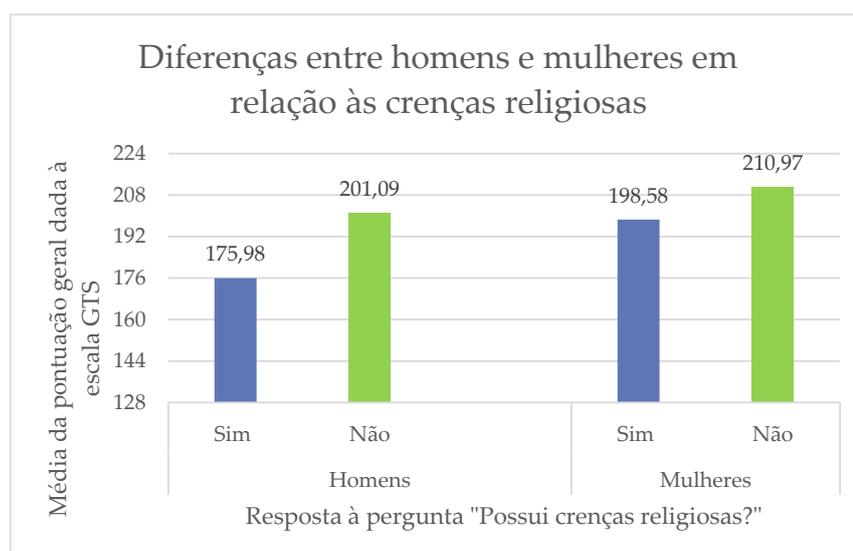


Figura 3. 15 Média das pontuações dadas à GTS pelas mulheres e homens, segundo as respostas relativas às crenças religiosas.

A pontuação máxima que se pode obter é de 224 pontos, correspondendo à atitude menos discriminatória. Como podemos observar através da figura 3.15 os indivíduos que afirmam possuir crenças religiosas pontuam menos, independentemente do género. Para os homens com crenças religiosas a pontuação média é de apenas $175,98 \pm 29,44$ pontos e para as mulheres $198,58 \pm 22,11$. Os homens que afirmam não ter crenças religiosas pontuam mais do que as mulheres que afirmam ter crenças religiosas, tendo uma pontuação média na escala de $201,09 \pm 22,68$ e a pontuação média mais alta é atribuída pelas mulheres que afirmam não possuir quaisquer crenças religiosas com $210,97 \pm 15,95$ pontos.

O mesmo não se verificou quanto se aplicou o teste t para o grupo “tipo de ensino” que se dividia em universitário e politécnico. Neste caso, não se apuraram evidências estatísticas para se afirmar que existem diferenças nas respostas das mulheres que frequentam o ensino universitário e as mulheres que frequentam o ensino politécnico (tabela F-7, apêndice F). A única exceção coloca-se na pergunta número 13 - “Já fiz pouco de uma mulher por ela agir e parecer masculina” - em que se obteve um $t_{(114,249)} = -2,307$; $p = 0,023$ mostrando diferenças entre as médias das respostas das estudantes do politécnico (Média, $M=6,65$) e as médias de resposta das estudantes universitárias ($M=6,40$).

Os resultados do teste t ao “tipo de ensino” foi praticamente idêntico para os homens (tabela F-6, apêndice F). Verifica-se uma única diferença: a pergunta onde se encontraram diferenças nas médias das respostas dos estudantes do politécnico ($M=4,84$) em relação aos estudantes universitários ($M=5,74$) residir na pergunta 25 - “Homens femininos deixam-me desconfortável” - ($t(147)=2,219$; $p=0,028$), notando-se um desconforto maior por parte dos estudantes dos politécnicos na presença de homens femininos.

Na questão relativa aos/às amigos/as lésbicas, gays ou bissexuais (LGB), dividiram-se em estudantes que sim, tinham amigos LGB, e estudantes que

afirmavam não ter/conhecer pessoas LGB. No grupo das mulheres não se verificou qualquer diferença nas médias às respostas da GTS quer estas conhecessem ou não pessoas LGB, sendo que o teste t apresentou uma significância sempre superior a 0,05 (ver tabela F-5, apêndice F).

No caso dos homens verificaram-se diferenças em relação a duas questões: pergunta três ($t_{(150)}=2,030$; $p= 0,044$) e cinco ($t_{(150)}=2,373$; $p=0,019$), como se pode verificar através da consulta da tabela 3.4. Assim, tem-se legitimidade estatística para afirmar que, no caso dos homens, aqueles que não têm amigos LGB estão menos recetivos à hipótese de um amigo mudar de sexo, do que os homens que têm amigos gays, lésbicas ou bissexuais (ver gráfico 3.16). Nas restantes 30 perguntas não existiram diferenças significativas nas respostas dos indivíduos (consultar tabela F-4, apêndice F).

Tabela 3. 4 Resultados do t-teste aplicado ao grupo "Possui amigos/as ou conhecidos/as lésbicas, gays ou bissexuais". Os resultados são apenas dos indivíduos que se identificaram enquanto homens.

Amigos/as ou conhecidos/as LGB n=152	Teste t 95%conf.			Média / desvio padrão	
	t	gl	Sig.	Sim	Não
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me.	2,030	150	0,044	5,83± 1,59	4,57± 1,99
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, eu não o iria apoiar abertamente.	2,373	150	0,019	5,90± 1,57	4,43± 2,23



Figura 3. 16 Média das pontuações atribuídas pelos indivíduos que se identificaram enquanto homens à pergunta três e cinco da GTS. Os indivíduos encontram-se separados segundo a categoria "Tem amigos/as ou conhece alguém lésbica, gay ou bissexual?"

Para o grupo "tem amigos/as transgénero?" as respostas à escala GTS mostraram diferenças tanto dos homens como nas mulheres²⁰ (consultar figuras 3.17 e 3.18). Para ambos os géneros, em 25 das respostas o facto de terem amigos/as trans influencia as pontuações que atribuem, como se pode verificar através das figuras seguintes, homens e mulheres que dizem não ter amigos, ou não conhecer pessoas trans, pontuam menos na escala. As tabelas com os testes completos podem ser consultadas no apêndice F: tabela F-8 para os valores das mulheres e tabela F-9 para os valores dos homens.

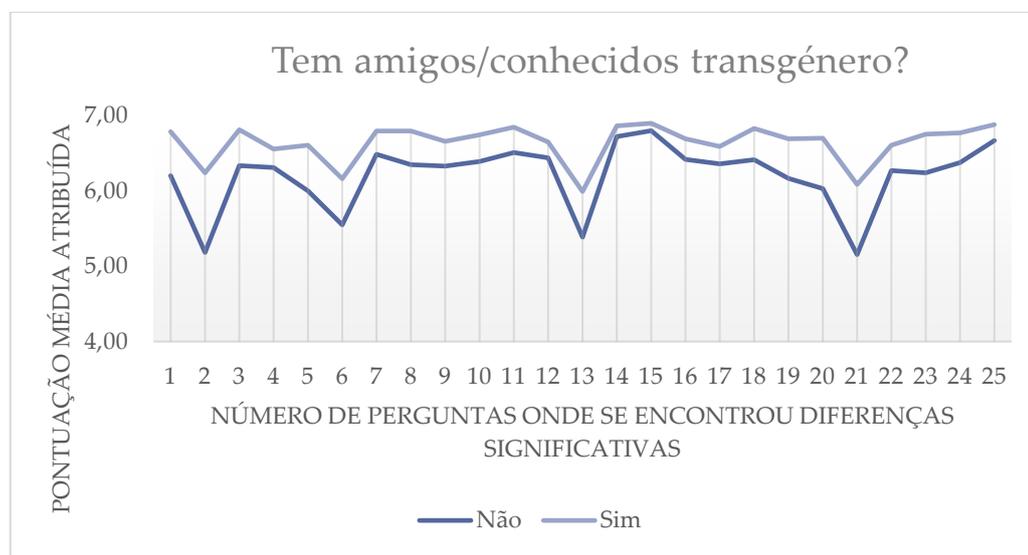


Figura 3. 17 Pontuação média atribuída pelas mulheres (n=376) da categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"

²⁰ Sempre que nos referimos a "homens" e a "mulheres" estamos-nos a basear na identificação de cada indivíduo.

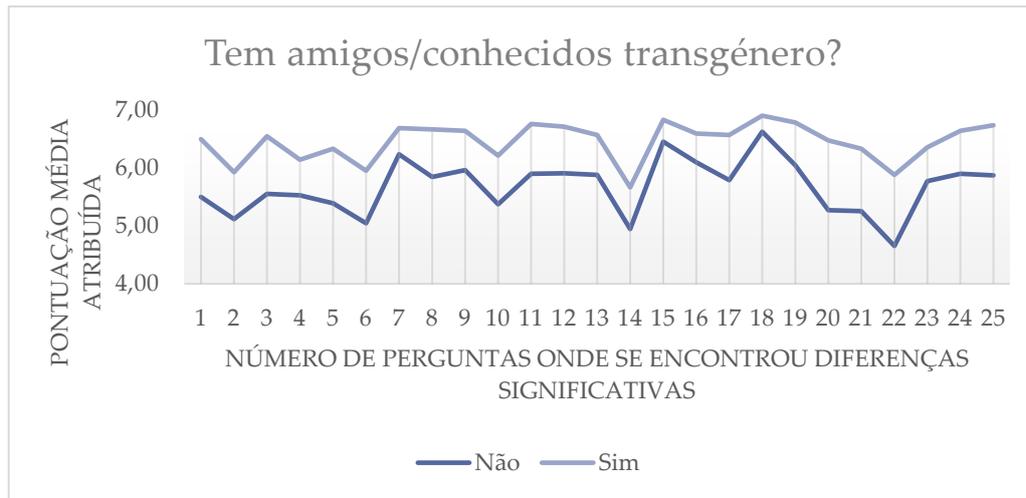


Figura 3. 18 Pontuação média atribuída pelos homens (n=152) da categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"

A figura 3.19 mostra as pontuações totais na escala com os indivíduos separados segundo a categoria em análise:

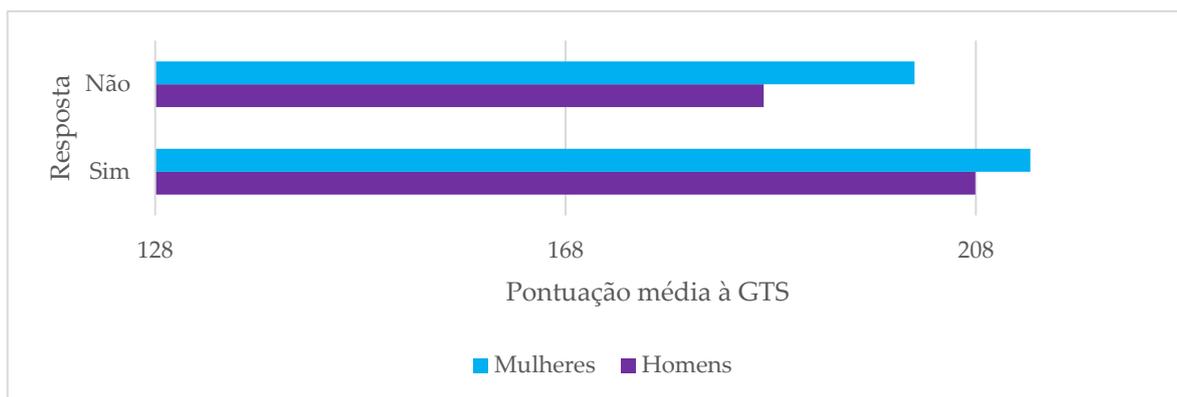


Figura 3. 19 Pontuação média na GTS atribuída pelas mulheres e pelos homens separados pela categoria "Tem amigos ou conhecidos transgénero?"

3.2.2 Diferenças entre grupos: instituição de ensino, ciclo de estudos, orientação sexual, afinidade política, nacionalidade e residência de origem

Para as categorias que se dividiam em três ou mais grupos realizou-se o teste paramétrico *One-way ANOVA*.

Em análise estiveram as categorias:

- Instituição (dividida em 45 grupos referentes a 45 instituições de ensino superior portuguesas)
- Ciclo de estudos (dividida em três grupos: 1º, 2º e 3º ciclos)
- Orientação sexual (dividida em quatro grupos: homo/hétero/bissexual e outra)
- Afinidade política (dividida em seis grupos: extrema-esquerda, esquerda, centro, direita, extrema-direita ou sem afinidade política)
- Nacionalidade (dividida em três grupos: Portuguesa, luso-descendente ou outra)
- Residência de origem (dividida em sete grupos: norte litoral/interior, centro litoral/interior, sul litoral/interior e regiões autónomas).

Os resultados da aplicação do teste encontram-se na tabela G-1, que pode ser consultada no apêndice G. Como se pode verificar através da consulta da tabela, todas as vezes que os pressupostos foram verificados o teste de variância revelou não existirem diferenças significativas entre os diferentes grupos.

O gráfico que se segue mostra o número de perguntas em que as categorias mostraram não existir diferenças.

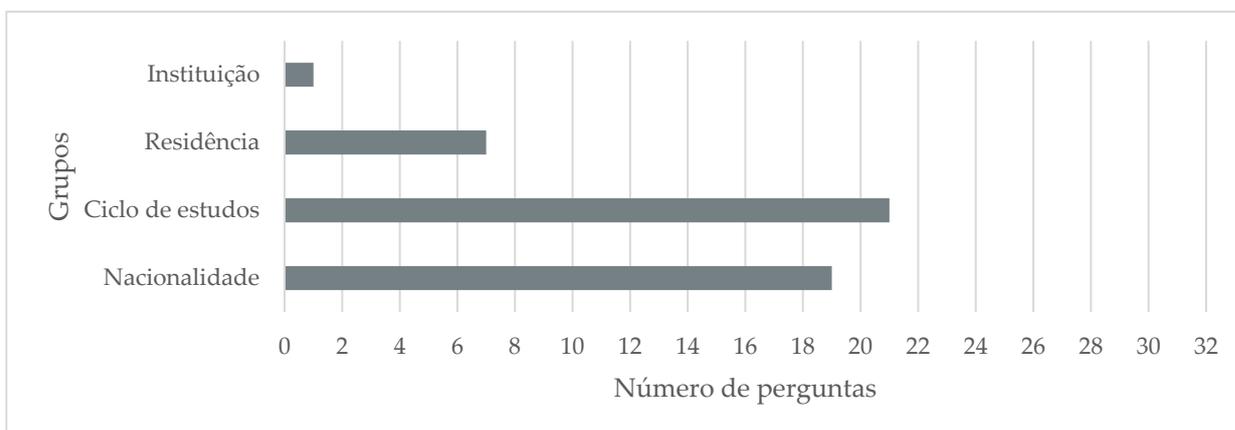


Figura 3. 20 Resultados da aplicação do teste paramétrico *one-way* ANOVA onde se verificou não existirem diferenças.

Como se pode verificar, em 21 das 32 perguntas da GTS, o “ciclo de estudos” que um/a estudante frequenta não influencia as suas respostas à escala de genderismo e transfobia, por outras palavras, não existem evidências

estatísticas, em 21 das perguntas, para se afirmar que a média das pontuações dadas à nossa escala, seja significativamente diferente em estudantes de licenciatura, estudantes de mestrado e estudantes de doutoramento. Nas restantes 11 perguntas não se verificou o pressuposto da homogeneidade de variâncias.

Na categoria “nacionalidade” foram 19 as perguntas onde se verificou não existirem diferenças nas pontuações dadas, sendo possível afirmar que nestes casos os grupos de estudantes definidos pela sua nacionalidade não demonstraram diferenças nas pontuações dadas às perguntas da escala GTS.

No caso dos grupos definidos pela “instituição de ensino”, com exceção da pergunta 28 “Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres”, onde não se encontraram diferenças entre as respostas dos estudantes das várias instituições, em todas as restantes perguntas não se verificaram os pressupostos necessários a realizar o teste *one-way* ANOVA.

A categoria definida pela “residência de origem” dos estudantes também violou o pressuposto da homogeneidade das variâncias das pontuações às respostas na maioria das questões da GTS, no entanto, mostrou alguns valores significativos em sete das perguntas da escala, concluindo-se que nestes casos, não se apuraram resultados estatísticos para afirmar que os estudantes respondiam de forma diferente segundo a zona do país onde possuem a sua morada oficial.

Em ambas as categorias orientação sexual e afinidade política não se verificou o pressuposto da homogeneidade da amostra para nenhuma das questões.

3.2.3 Diferenças entre grupos: orientação sexual, política, ciclo de estudos e residência de origem

Para os casos em que a amostra não cumpriu os pressupostos necessários para se realizarem os testes paramétricos aplicou-se o teste não paramétrico *Kruskall Wallis* para k amostras independentes. Falamos dos casos dos grupos:

“orientação sexual” e “afinidade política”, de todas as perguntas exceto a 25, 21, 20, 18, 9, 6 e 3 no caso do grupo “residência de origem”; das perguntas 1, 9, 19, 23, 25, 27, 29, 32, 10, 24, 30 no caso do grupo “ciclo de estudos”;

Para o grupo “orientação sexual” que dividia os estudantes que se identificaram enquanto homens nas categorias: heterossexual, homossexual, bissexual e outra; os resultados do teste podem ser consultados na tabela H-1 no apêndice H. Nas perguntas onde se encontraram diferenças significativas (ver figuras 3.21; 3.22; 3.23; 3.24 e 3.25) procurou-se saber onde é que se encontravam estas diferenças. Os resultados do teste *post-hoc Scheffé* encontram-se na tabela H-2 do apêndice H. Através da consulta da tabela podemos verificar que em 21 perguntas encontramos diferenças em termos médios, nas pontuações atribuídas pelos homens à escala GTS segundo a sua orientação sexual. Por outras palavras, em média e falando respetivamente às perguntas onde se encontraram as diferenças, um homem heterossexual responde sempre de forma mais negativa do que um homem homossexual. Por outro lado, os homens bissexuais têm pontuações mais positivas do que os homens heterossexuais e homossexuais, com exceção da pergunta 26 – “Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens” - onde os homens homossexuais obtiveram uma pontuação média mais positiva do que os bissexuais (ver figura 3.25). Os resultados das pontuações médias dos homens, definidos pela sua orientação sexual podem ser consultadas nos gráficos que se seguem.

As pontuações apresentadas são apenas relativas às perguntas onde se obteve um resultado estatisticamente significativo ($p < 0,05$) no teste de comparações múltiplas *Scheffé*.

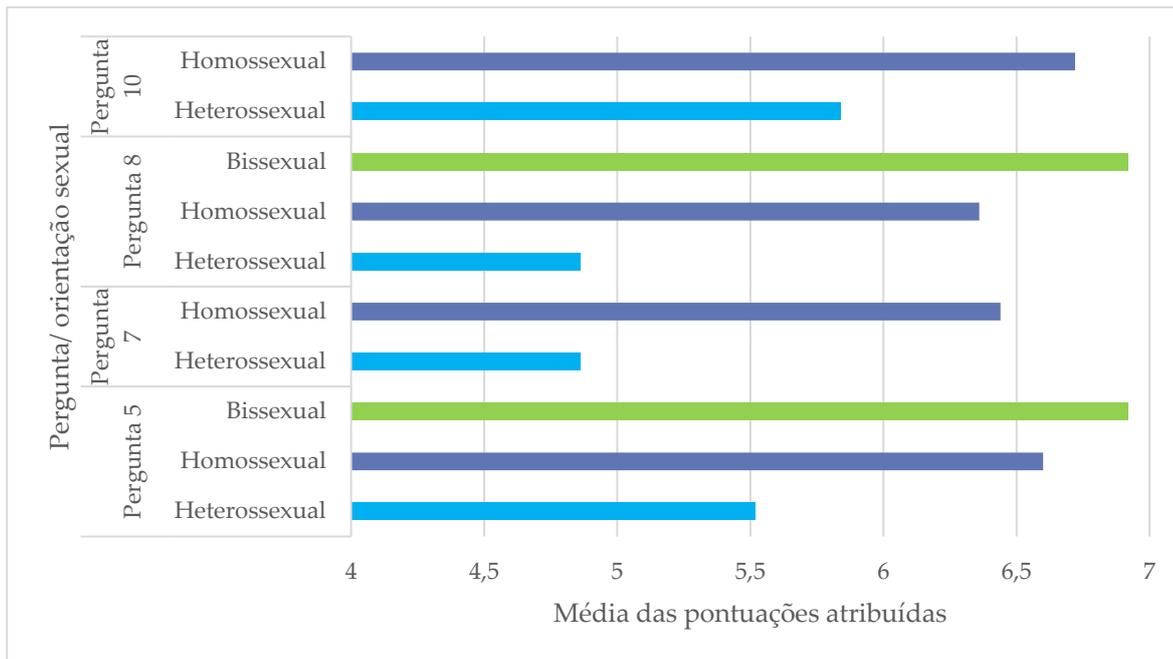


Figura 3. 21 Médias das pontuações dadas às respostas das perguntas 5, 7, 8 e 10 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

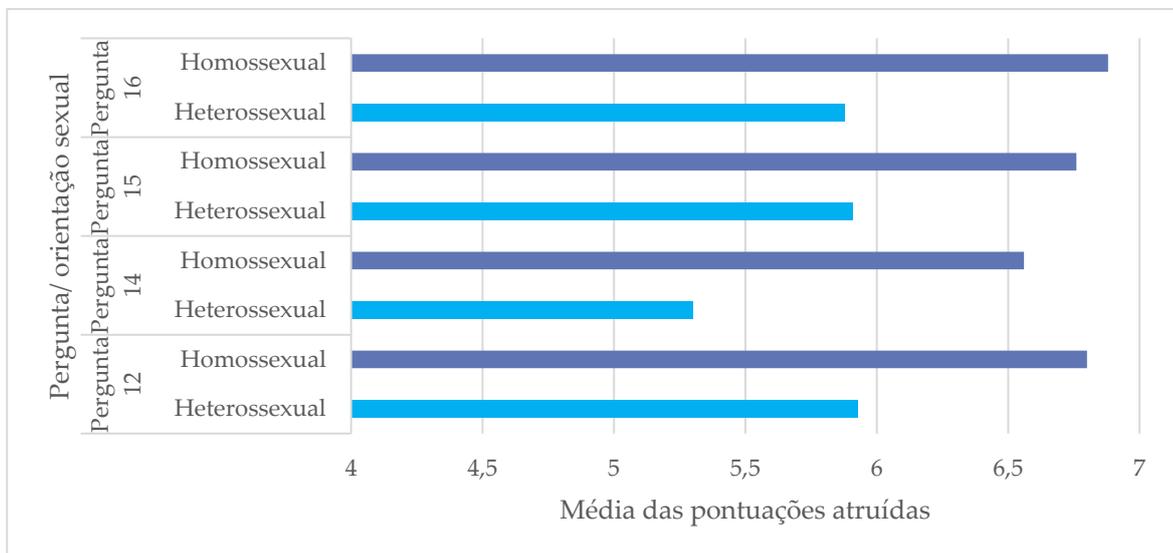


Figura 3. 22 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 12, 14, 15 e 16 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

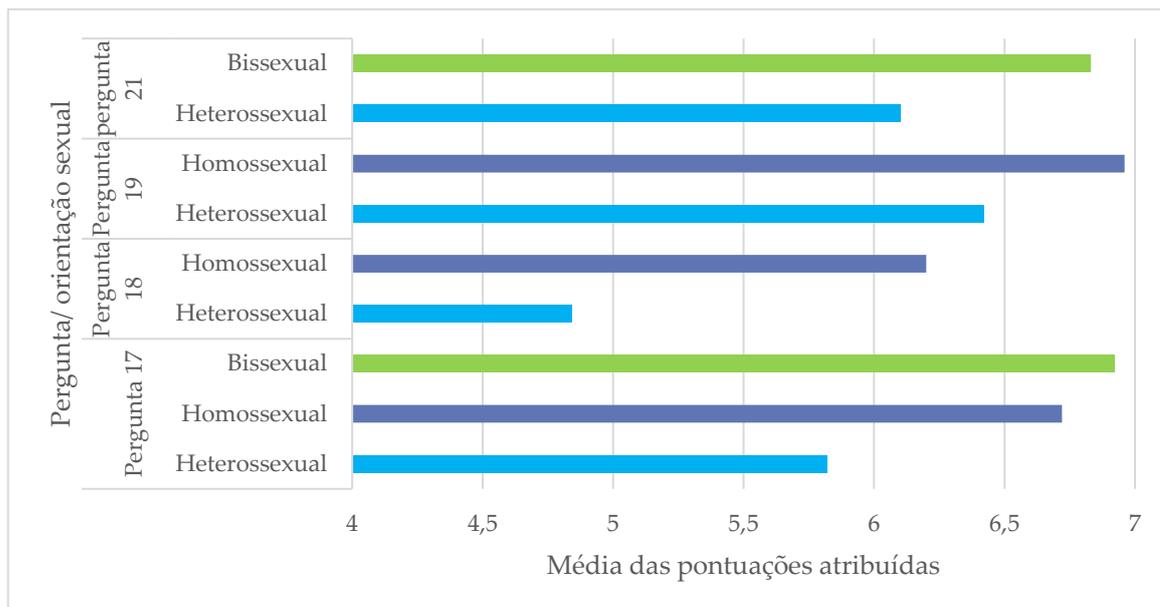


Figura 3. 23 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 17, 18, 19 e 21 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

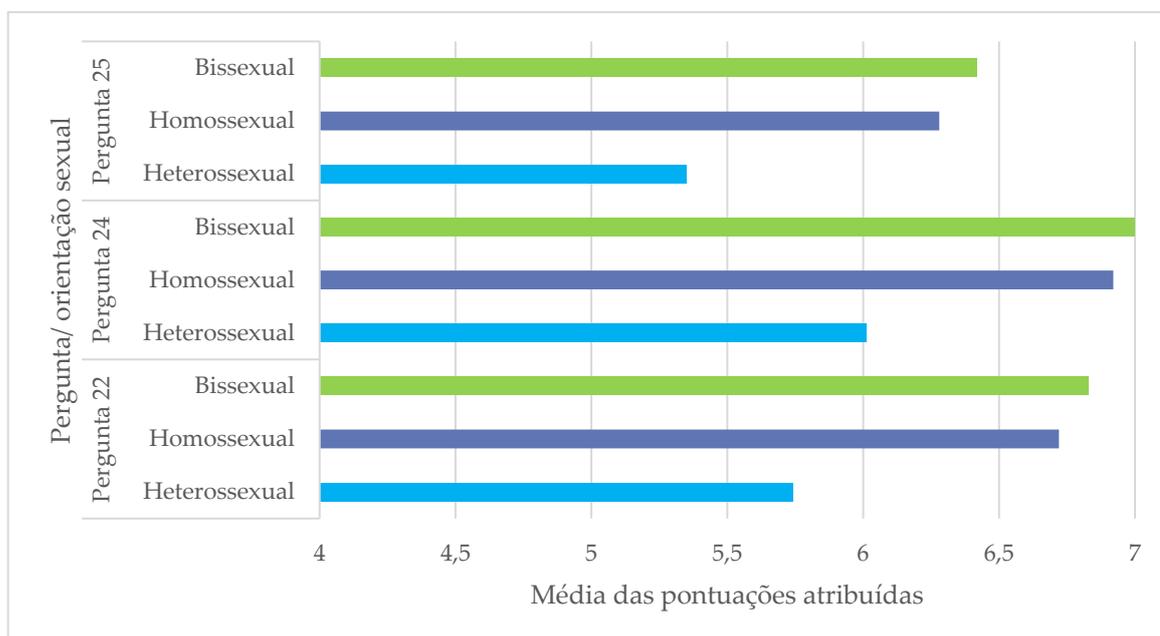


Figura 3. 2412 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 22, 24 e 25 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

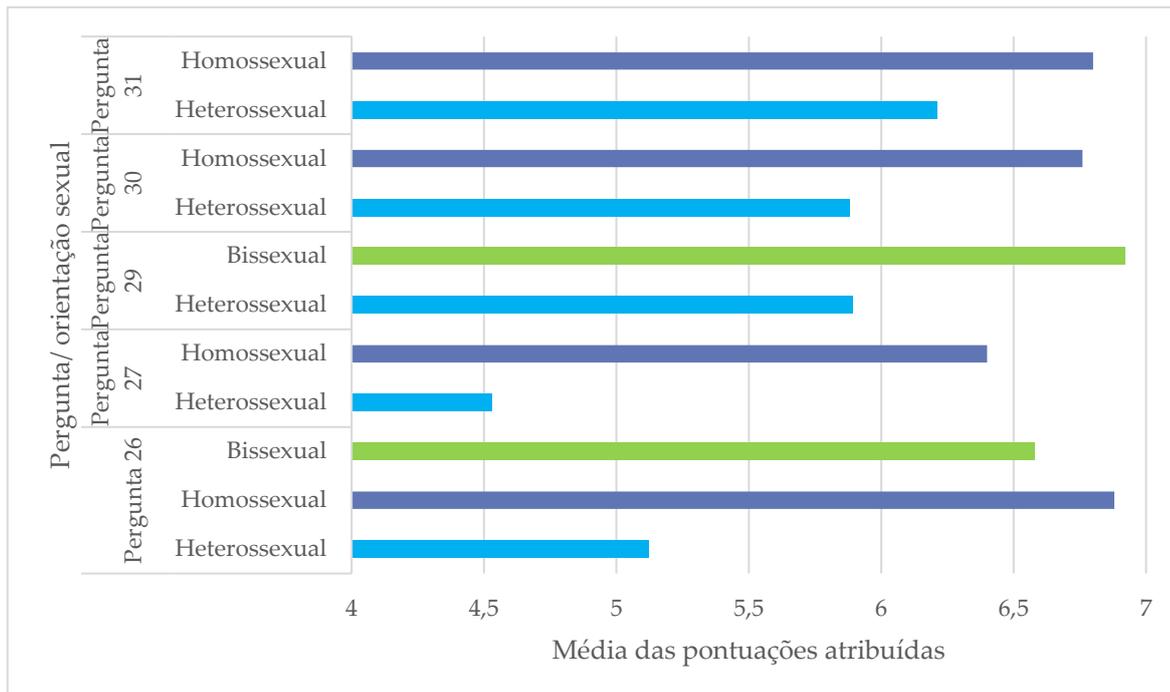


Figura 3. 25 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 26, 27, 29, 30 e 31 pelos indivíduos que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação sexual.

No que toca às estudantes que se identificaram enquanto mulheres (n=374), o resultado da aplicação do *Kruskall Wallis* encontra-se na tabela H-3 do apêndice H. Para os casos em que o teste deu significativo, os resultados do teste de *Scheffé* encontram-se na tabela H-4. Os gráficos que se seguem representam os resultados significativos:

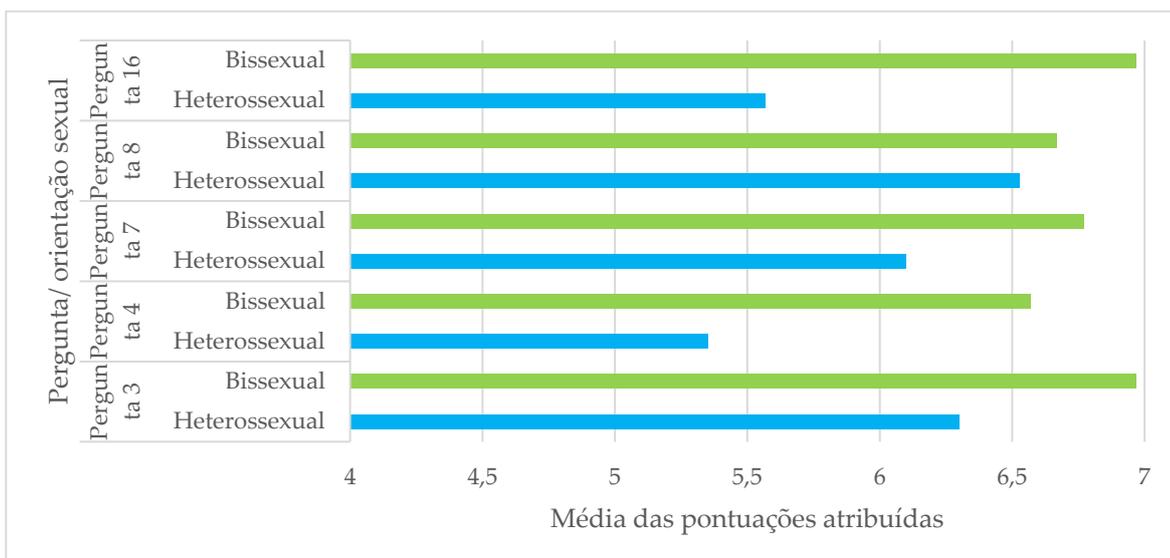


Figura 3. 26 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 3, 4, 7, 8 e 16 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

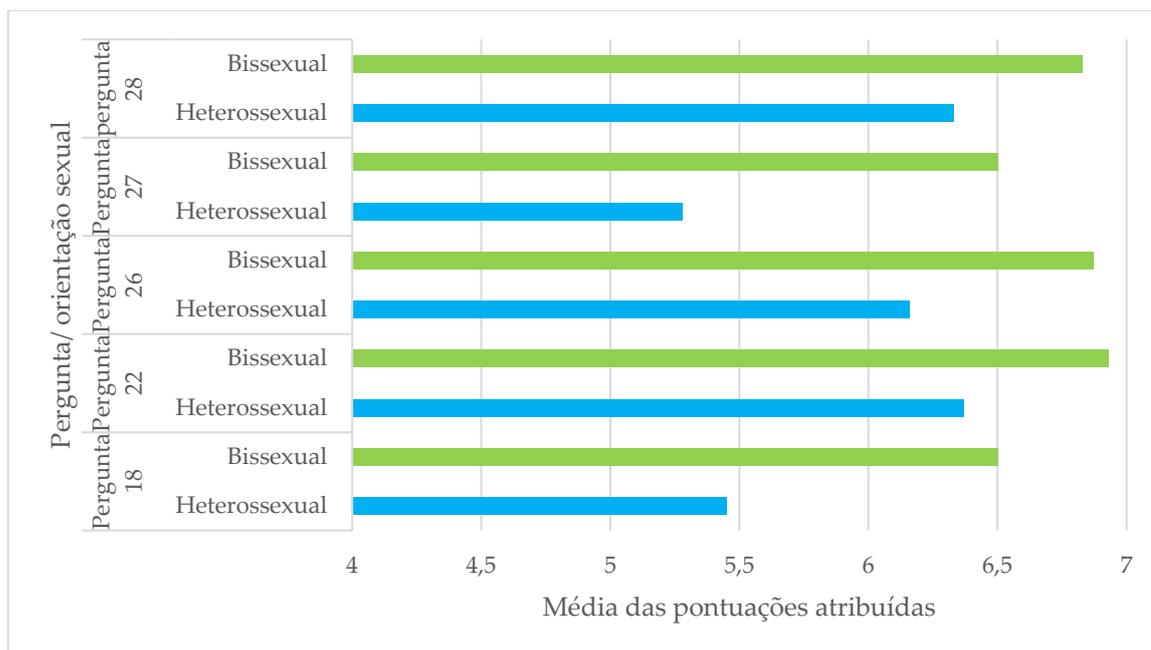


Figura 3. 27 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 18, 22, 26, 27 e 28 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação sexual. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

A figura 3.28 compila os resultados de mulheres e homens, separados segundo a sua orientação sexual, através das pontuações gerais na escala.

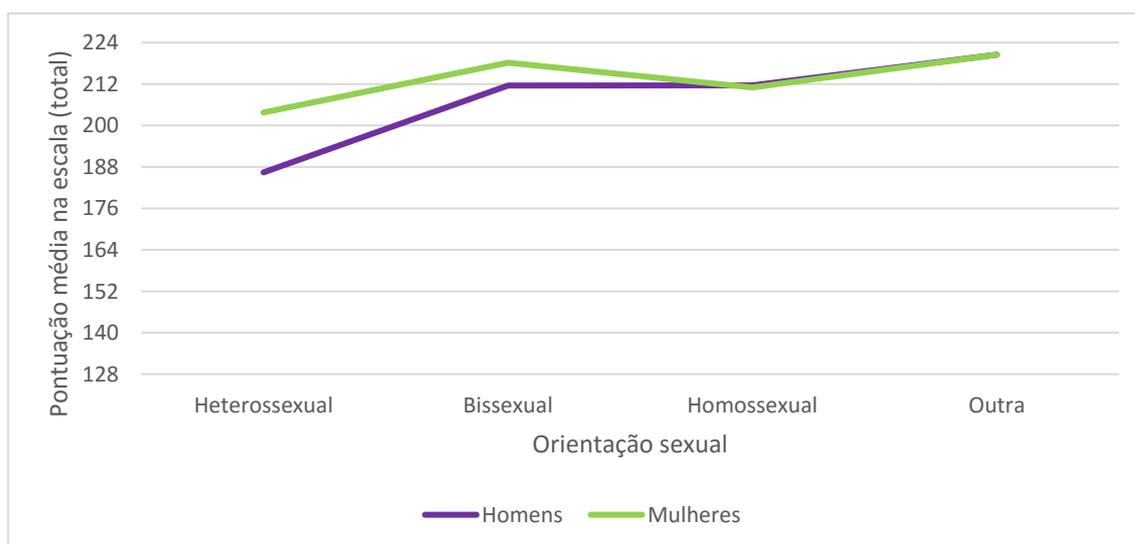


Figura 3. 28 Média total das pontuações à escala pelos indivíduos separados segundo a sua orientação sexual.

Seguiu-se a análise do grupo “afinidade política” que dividia os/as estudantes pelas categorias: extrema-direita n=1²¹; direita n= 42; centro n=42; esquerda n=131; extrema-esquerda n=4 e sem afinidade política n=155, no caso das alunas e para os alunos: extrema-direita n=1; direita n=26; centro n=15; esquerda n=67; extrema-esquerda n=7 e sem afinidade política n=36.

Os resultados da aplicação do teste não paramétrico *Kruskall Wallis* encontram-se na tabela H-5, do apêndice H. Nos casos significativos, - onde se aceitou existir pelo menos um grupo de estudantes, definido pela sua afinidade política, cujas respostas à GTS eram diferentes das demais - pode-se consultar a aplicação da ANOVA aos *ranks* das perguntas na tabela H-6. Através dos resultados do teste *post-hoc Scheffé* e da análise descritiva construíram-se os seguintes gráficos representativos das diferenças das respostas dos estudantes (figuras 3.29; 3.30; 3.31; 3.32; 3.33), divididos conforme a sua afinidade política. Em análise estão apenas os estudantes que se identificaram enquanto homens (n=152).

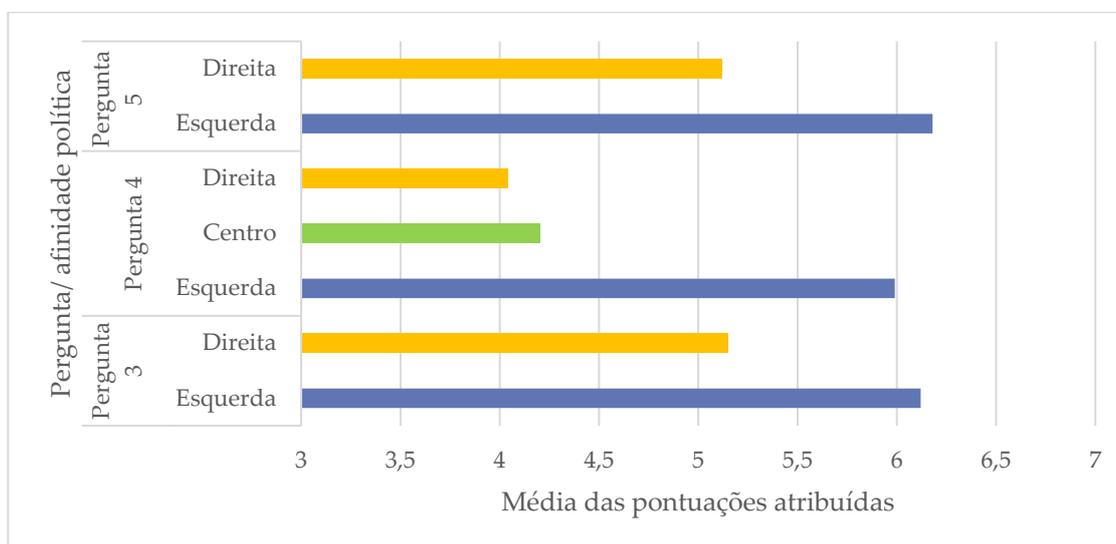


Figura 3. 29 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 3, 4, e 5 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p<0,05$).

²¹ Na categoria “extrema-direita” foram retirados os casos da análise (n=2) pois apenas existia um indivíduo em cada um dos géneros o que tornava impossível a aplicação do teste.

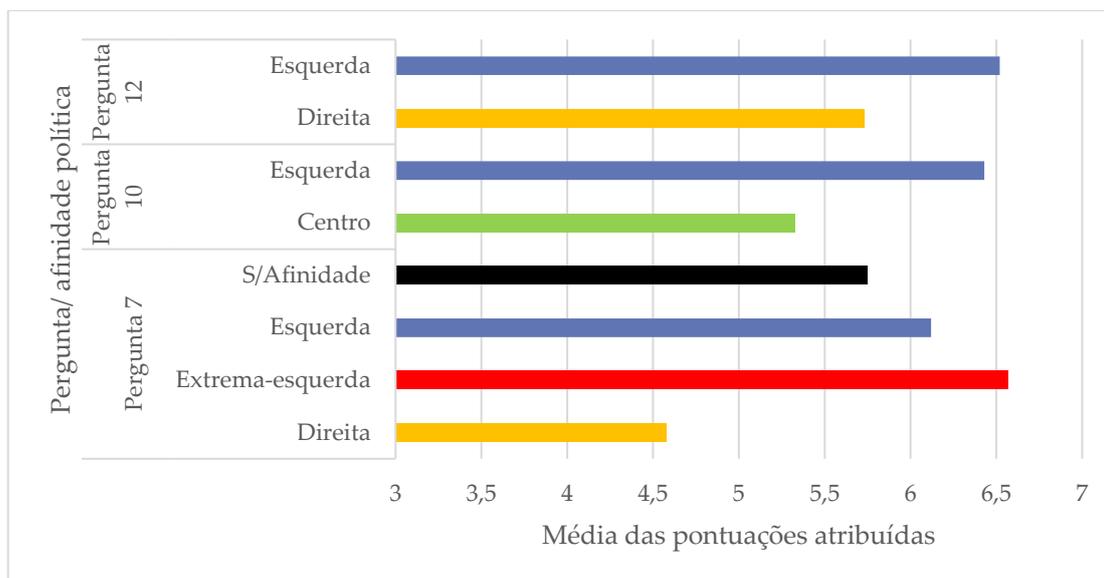


Figura 3. 30 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 7, 10 e 12 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

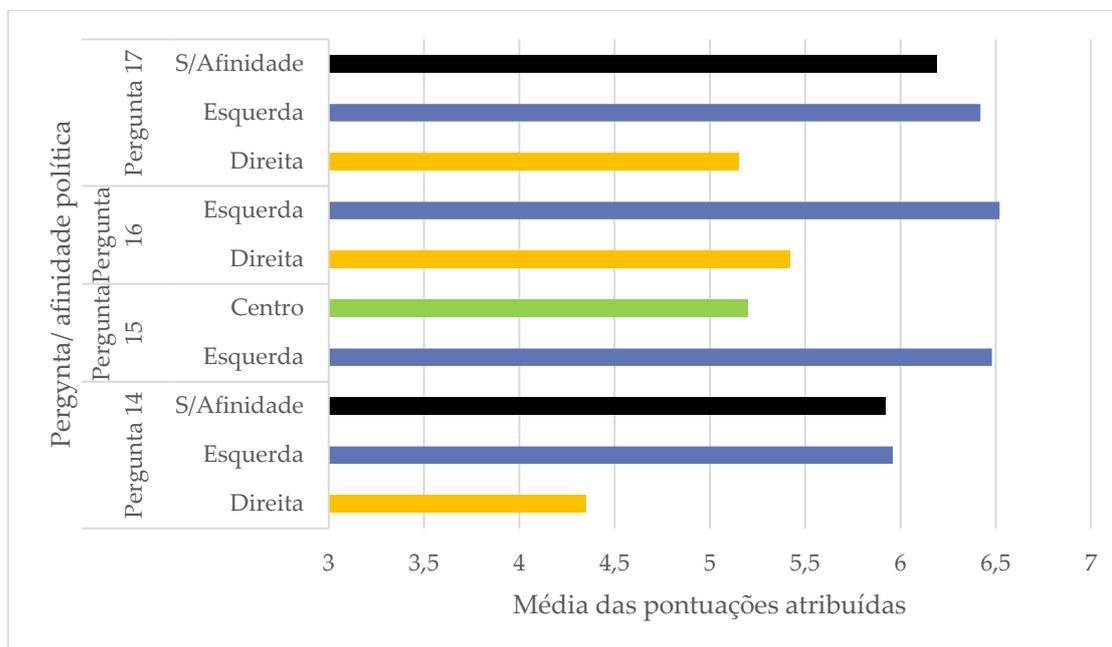


Figura 3. 31 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 14, 15, 16, 17 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

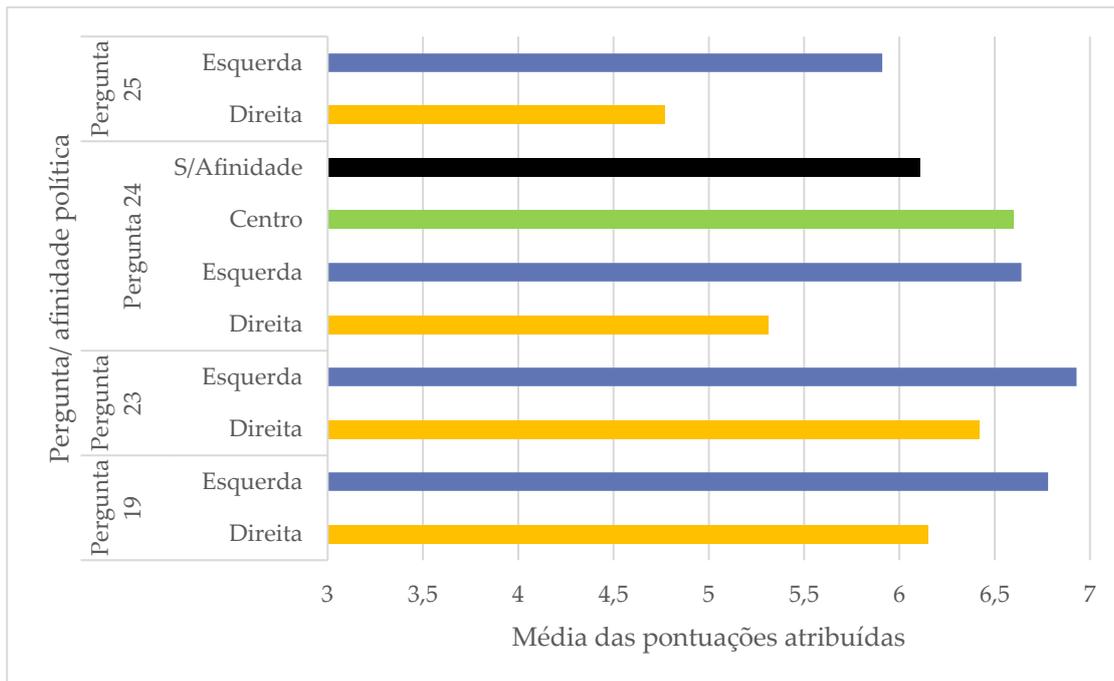


Figura 3. 32 Média das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 19, 23, 24 e 25 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

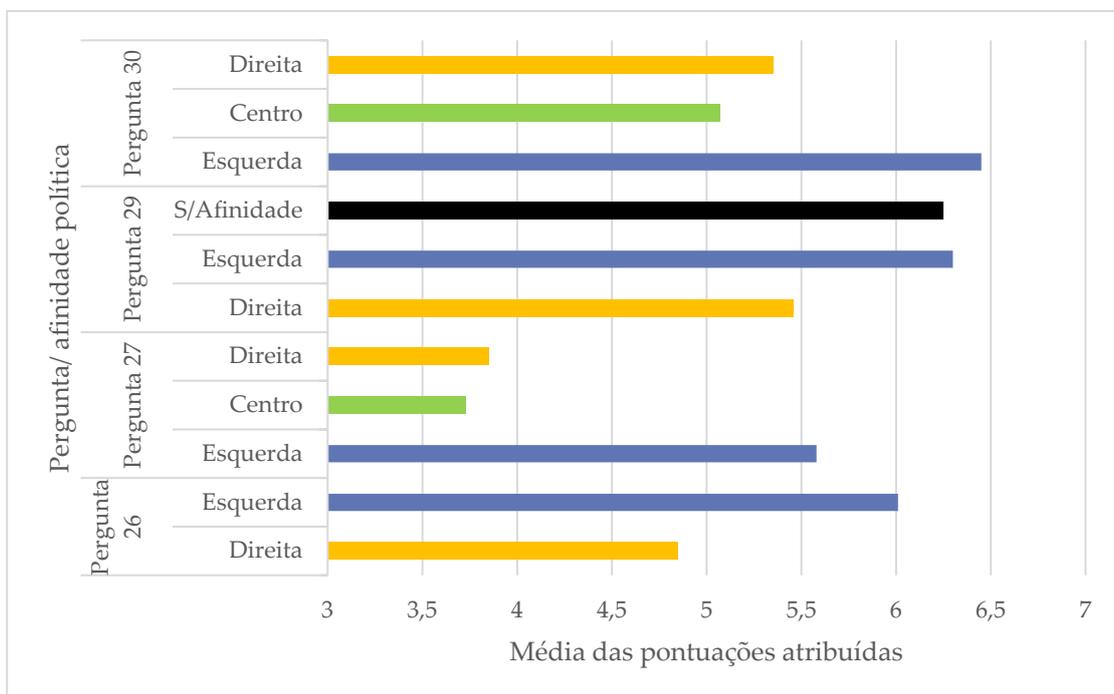


Figura 3. 33 Média das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 26, 27, 29 e 30 pelos estudantes que se identificam enquanto homens, separados pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Salienta-se que no caso das questões 4, 27 e 30 os valores atribuídos pelos homens de “centro” ou não diferem muito dos valores dos homens de direita (como na pergunta 4), ou, apresentam valores mais discriminatórios (perguntas 27 e 30), ver figura 3.34.

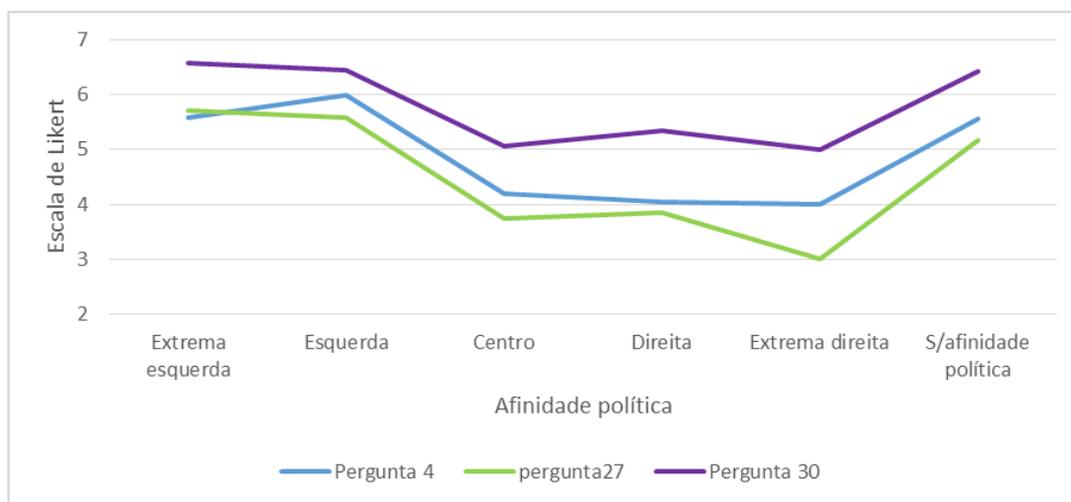


Figura 3. 34 Pontuações atribuídas pelos homens, definidos pela sua afinidade política, às questões 4; 27 e 30. N=152.

No caso das alunas, os resultados ao teste não paramétrico *Kruskall Wallis* podem ser consultados na tabela H-7 do apêndice H, para os casos onde se rejeitou a hipótese nula os resultados do *post-hoc Scheffé* encontram-se na tabela H-8. Podem-se consultar as médias das pontuações atribuídas nas questões onde se encontraram diferenças significativas nos gráficos seguintes:

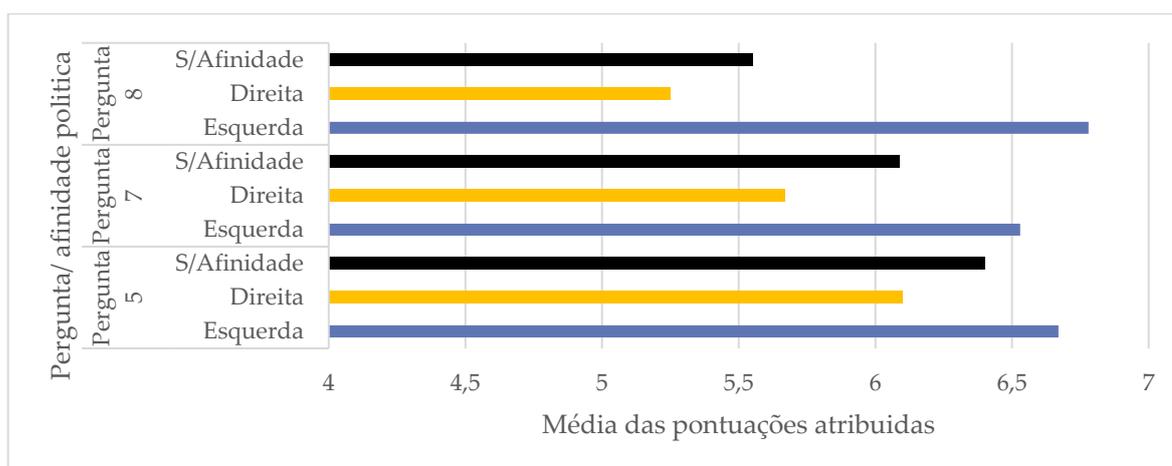


Figura 3. 35 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 5, 7, 8 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

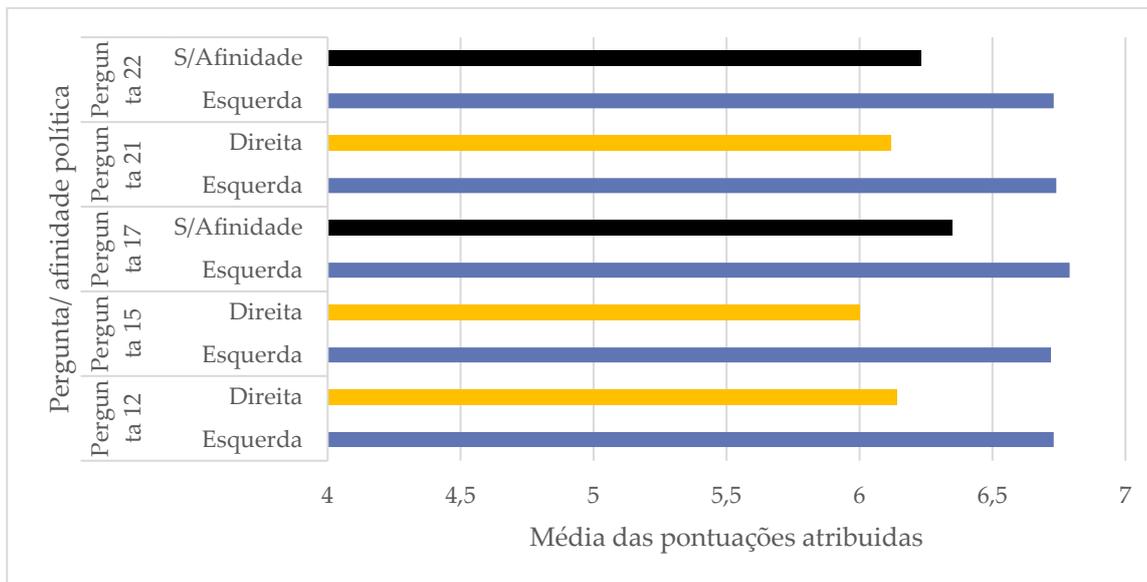


Figura 3. 36 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 12, 15, 17, 21 e 22 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

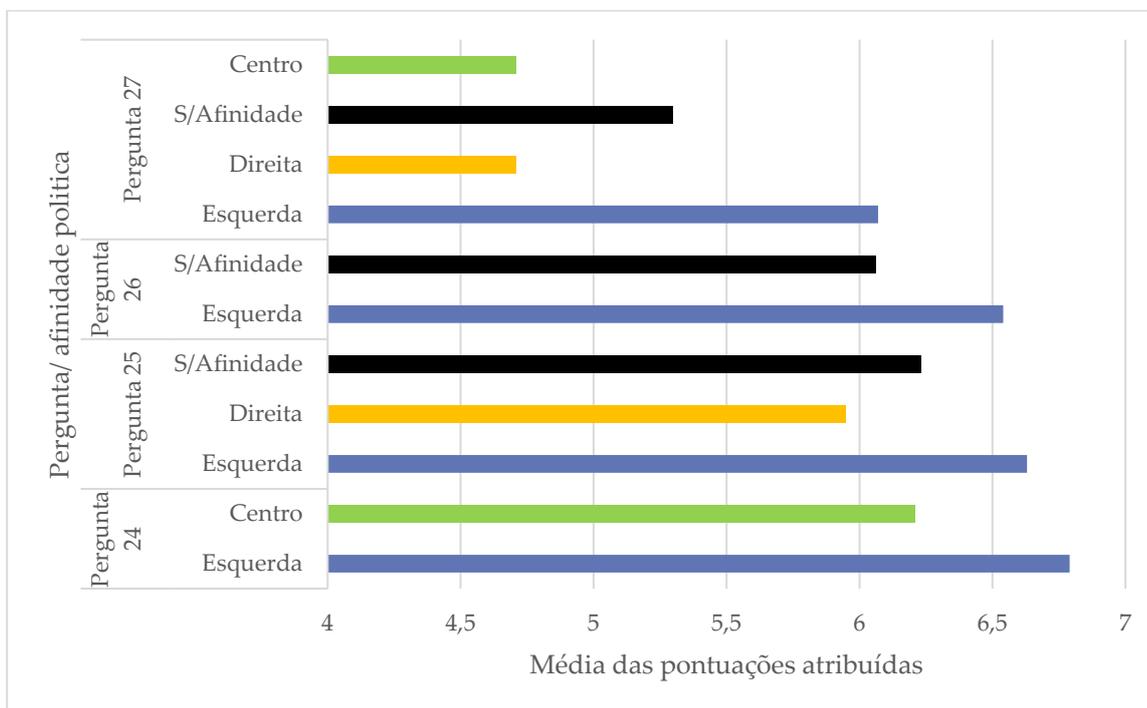


Figura 3. 37 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 24, 25, 26 e 27 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

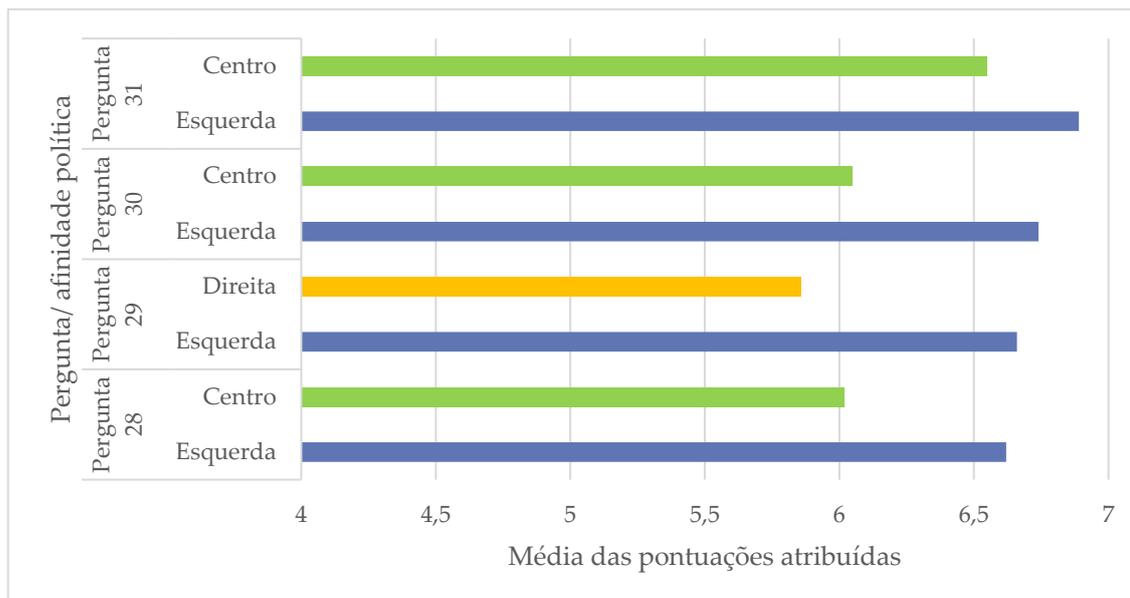


Figura 3. 38 Médias das pontuações atribuídas às respostas das perguntas 28, 29, 30, 31 pelas estudantes que se identificam enquanto mulheres, separadas pela sua orientação política. Só se encontram representadas as perguntas em que as diferenças nas respostas, entre as categorias, são estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Para o grupo “ciclo de estudos”, os estudantes que se identificaram como homens ($n=152$) foram divididos em 3 categorias: licenciatura ($n=84$), mestrados ($n=60$) e doutoramento ($n=8$)²². As questões em análise são: 1, 9, 10, 19, 23, 24, 25, 26, 29, 30 e 32. Os resultados da aplicação do teste encontram-se na tabela H-9 (apêndice H) e para todas as questões a significância é superior a 0,05 pelo que nos mostra não existirem diferenças na distribuição das respostas dos estudantes, por outras palavras, indica que o ciclo de estudos que um aluno frequenta não influencia a forma como responde à GTS.

No caso das alunas, as categorias são: licenciatura ($n=224$), mestrado ($n=147$) e doutoramento ($n=5$)²¹. Em nenhum dos casos foram encontradas diferenças pelo que se retém, que à semelhança do que se tinha verificado com os alunos, o ciclo de estudos que as alunas frequentam também não influencia as suas respostas à GTS. A tabela com os resultados do teste encontra-se no apêndice H (tabela H-10).

²² Ressalva-se que para o caso dos estudantes e das estudantes de doutoramento, o n é muito inferior ao dos restantes ciclos de estudos, o que poderá ter influenciado os resultados

Para o grupo “residência de origem” os alunos dividiam-se nas seguintes categorias: regiões autónomas (n=13), norte litoral (n=27), norte interior (n=12), centro litoral (n=66), centro interior (n=26), sul litoral²³ (n=2), sul interior (n=2).

Os resultados do teste de *Kruskall Wallis* (tabela H-11, apêndice H) mostraram-nos que para as três perguntas 11, 12 e 15 existe pelo menos um grupo de estudantes, definido pela sua residência de origem, que possui uma distribuição das respostas diferente das demais. Apesar de darem resultados significativos no teste ANOVA, os resultados do *post-hoc Sheffé* (tabela-H 12, apêndice H) mostraram uma significância superior a 0,05. As categorias que apresentaram diferenças estão representadas no gráfico seguinte:

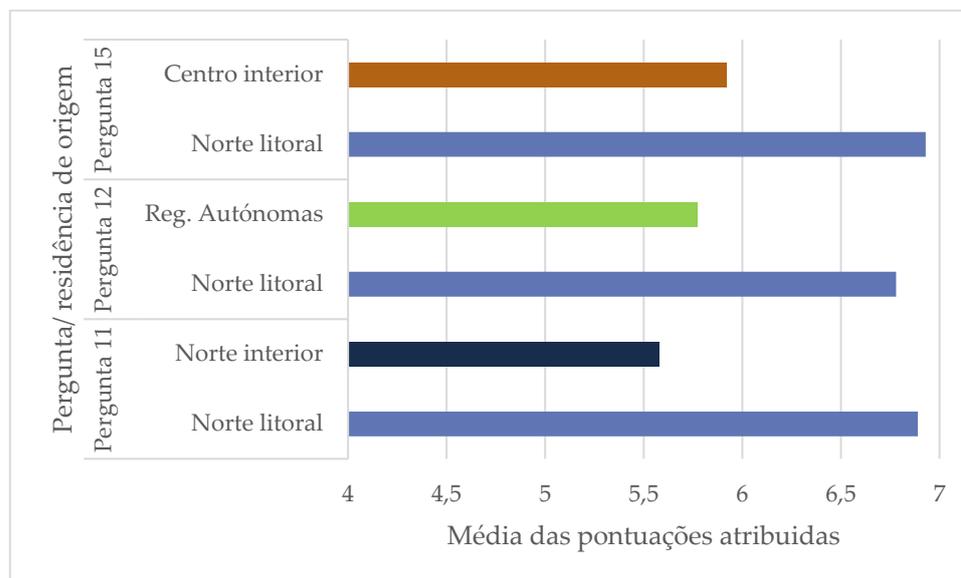


Figura 3. 39 Média das pontuações atribuídas às três perguntas onde se verificaram diferenças estatisticamente relevantes nas respostas dos alunos de acordo com a sua residência de origem.

No caso da análise para as respostas das estudantes separadas segundo a sua residência de origem, obtiveram-se as seguintes categorias: norte litoral (n=64), norte interior (n= 37), centro litoral (n=149), centro interior (n=86), sul litoral (n=10), sul interior²² (n=4), regiões autónomas (n=23). Os resultados do teste *Kruskall Wallis*

²³ Ressalva-se o facto de o Sul (interior e litoral) estar representado por apenas quatro estudantes no caso dos homens e também por apenas quatro estudantes (Sul interior) no caso das mulheres, o que poderá ter tido influência nos resultados.

mostram que para todas as perguntas as estudantes mostram a mesma distribuição das pontuações atribuídas à escala (consultar tabela H-13, apêndice H) com exceção da pergunta 27 “As pessoas ou são homens ou são mulheres”. Neste caso, verificou-se que existiam diferenças na resposta de pelo menos um grupo de estudantes. Após a análise do teste *Scheffé* esta diferença mostrou-se entre as categorias “Norte litoral” (média= 5,78 ± 1,73) e “Sul litoral” (média=3,40 ± 2,27) com uma significância de 0,091 que apesar de ser um valor superior a 0,05, ambos os testes *Kruskall Wallis* (p=0,012) e ANOVA (p=0,011) evidenciaram a significância deste valor.

4. DISCUSSÃO

O objetivo primordial deste estudo consistiu em perceber - através da utilização da escala (GTS) desenvolvida por Hill e Willoughby (2005) - se há ou não transfobia, genderismo e *gender-bashing*, por parte de estudantes do ensino superior português para com pessoas transgénero e transsexuais.

As pontuações da escala foram no geral muito elevadas, tendo a pessoa que pontuou menos 119 pontos e a pessoa que mais pontuou 224. A variação possível era de 32 a 224 pontos (ver figura 4.1), correspondendo a pontuação mais baixa a maiores níveis de discriminação. A pontuação média de uma/um estudante no nosso estudo foi de 201 ($\pm 23,06$) pontos, estando claramente do lado menos discriminatório da escala.

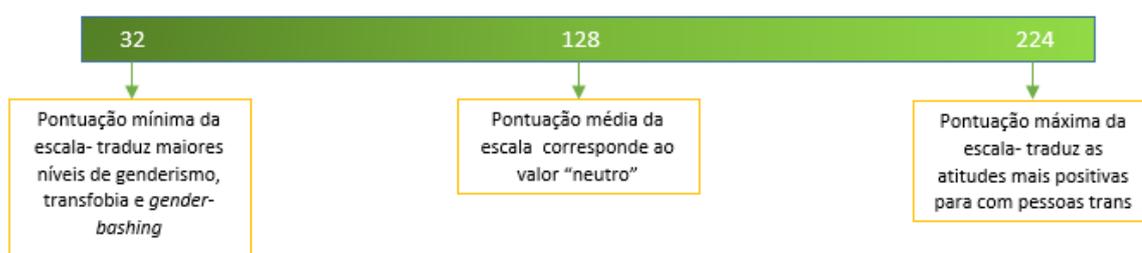


Figura 4. 1 Escala de pontuações possíveis na GTS.

Comparativamente com aplicações da GTS noutras populações universitárias, as alunas e alunos das instituições portuguesas destacaram-se com pontuações mais elevadas. Os/as estudantes de Hong Kong pontuaram²⁴ 107,89 (Winter et al., 2008), os/as estudantes canadianos/as 100,4 pontos (Willoughby et al., 2010) e os/as estudantes de psicologia na Austrália 85,92 (Riggs et al., 2012). Os resultados da amostra portuguesa são mais semelhantes aos valores obtidos pelo estudo de Willoughby a profissionais de saúde estadunidenses. Neste trabalho de

²⁴ Nestes casos, os autores reverteram as pontuações da escala. Quanto mais próximo de 32, menores níveis de discriminação.

Willoughby et al. (2010), os/as participantes obtiveram uma pontuação de 57,2²³, ficando apenas a 25 pontos da pontuação menos discriminatória, no nosso caso, ficaram a 23 pontos. Em 2013, Julie Cochran aplicou a escala a profissionais de saúde em Ohio e, no geral, a pontuação foi de 51,74²³. Neste último, as pontuações foram ainda mais favoráveis do que as do estudo que aqui se apresenta, ficando os/as inquiridos/as a apenas 19 pontos da atitude menos discriminatória. Para todos os casos apresentados deve ter-se em conta um certo nível de desejabilidade social nas respostas, sendo que há a possibilidade de os inquiridos optarem pela resposta “politicamente mais correta”.

No que toca às diferenças de género, a maior parte da literatura consultada aponta para uma maior discriminação por parte dos homens (Hill e Willoughby, 2005; Tee e Hegarty, 2006; Winter et al., 2008; Costa et al., 2010; Gerhardstein e Anderson, 2010; Kooy, 2010; Willoughby et al., 2010; Riggs et al., 2012; Norton e Herek, 2012), o que se veio a confirmar na comunidade académica estudada. Em ambas as subescalas os homens obtiveram valores inferiores aos apresentados pelas mulheres e como se pôde verificar, em 27 das 32 perguntas da GTS, estas diferenças mostraram-se estatisticamente significativas.

No geral, os indivíduos que se identificaram enquanto homens, obtiveram para a subescala de *gender-bashing* $M=6,28 (\pm 0,49)$ e as alunas que se identificaram enquanto mulheres, $M=6,71 (\pm 0,20)$. Para a subescala de genderismo e transfobia, os homens pontuaram em média 5,92 ($\pm 0,43$) e as mulheres 6,38 ($\pm 0,33$).

As três questões em que as pessoas pontuaram mais avaliavam *gender-bashing*: pergunta 1 “Já bati em rapazes que parecem maricas” ($M= 6,86$; $dp= 0,56$), pergunta 2 “Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina” ($M=6,84$; $dp=5,55$) e pergunta 32 “Se eu encontrasse um homem a usar saltos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe” ($M=6,87$; $dp= 0,43$). Esta informação pode ser interpretada com o facto de os atos de medo/nojo,

manifestados em forma de violência e insulto, não parecerem comuns na comunidade estudada. Isto vai de acordo com o apresentado em 2008 por Winter et al. na análise aos estudantes de Hong Kong e no estudo de Costa et al. (2010) na população portuguesa, mas que é contrário aos resultados apresentados por Gerhardstein e Anderson (2010) em estudantes do centro oeste estadunidense. Neste último, os valores na subescala de *gender-bashing* mostram atitudes mais discriminatórias, do que na subescala de transfobia e genderismo. À semelhança do que nos mostrou o estudo supramencionado, feito em Portugal, na subescala de *gender-bashing*, a pergunta onde as/os estudantes pontuaram menos diz respeito ao gozo com o comportamento de homens femininos “ $M=5,55 \pm 1,86$ ” (Costa et al., 2010: 126), sendo esta aparentemente a forma mais disseminada de comportamento em relação à categoria de insulto/violência, que no caso que aqui se apresenta, mostra-se válido para ambos os géneros ($M_{\text{Homens}}=5,70 \pm 1,73$; $M_{\text{Mulheres}}=6,39 \pm 1,14$).

A pergunta 27 “As pessoas ou são homens ou são mulheres” ($M=5,31$; $\pm 1,95$), juntamente com a pergunta 4 “Deus criou apenas dois sexos” ($M=5,36$; $\pm 2,01$) fazem parte das três perguntas menos pontuadas pelas/os estudantes. Estando ambas radicadas a um modelo binário de sexo/género, a baixa pontuação das/os respondentes poderá estar a revelar desconhecimento e/ou dificuldade de perceber um modelo diferente do binário para os sistemas de género e sexo. Esta foi uma hipótese levantada no estudo de Costa et al. (2010), e que os resultados que aqui se apresentam vêm reforçar. A relação entre as crenças sobre os papéis de género, e a sua relação positivamente associada a atitudes negativas para com pessoas trans, é explorada nos trabalhos de Tee e Hegarty (2006) e Hill e Willoughby (2005), entre outros.

A investigação de Costa et al. mostra uma relação entre as habilitações literárias e o grau de transfobia/genderismo. No estudo aqui apresentado, o ciclo

de estudos frequentado não revelou diferenças nas respostas das/os estudantes. Este resultado está de acordo com o trabalho levado a cabo por Winter et al. (2008), em estudantes de Hong Kong, cujo ano frequentado pelos alunos tampouco demonstrou valores com significância estatística nas respostas à escala. Esta ausência de diferença poderá dever-se à população cujas habilitações já são suficientemente elevadas para se diluírem as diferenças, pelo facto de não haver um hiato muito elevado entre os graus académicos estudados, ou ainda devido à pequena representatividade dos estudantes de terceiro ciclo.

Outro preditor referenciado na literatura é o da afinidade política dos inquiridos (Nagoshi et al., 2008; Costa et al., 2010). Segundo Costa et al. (2010: 124) “quanto mais à esquerda se posiciona o indivíduo, menor o grau de transfobia/genderismo”, o que se veio a confirmar, em parte, na comunidade académica estudada. Sempre que a categoria “esquerda” é referenciada nos resultados estatisticamente relevantes, é, a par da categoria “extrema-esquerda”, a que revela valores menos discriminatórios. No entanto, torna-se interessante observar que no nosso estudo esta diferença não é linear, contrariamente aos resultados de Costa et al. (2010). No caso dos homens houve questões onde o “centro” praticamente não se diferenciou das respostas “de direita” (ver figura 4.2) - pergunta 4 “Deus criou apenas dois sexos” $M_{direita}= 4,04 \pm 2,14$; $M_{centro}=4,20 \pm 2,15$) - comparativamente com a média das respostas à mesma pergunta dos homens de esquerda $M=5,99 \pm 1,66$. E existem inclusive duas questões onde os homens “centristas” se mostraram menos favoráveis do que os de direita: pergunta 27 “As pessoas ou são homens ou mulheres” $M_{direita}=3,85 \pm 2,15$, $M_{centro}=3,73 \pm 2,28$ e pergunta 30 “É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem” $M_{direita}=5,35 \pm 1,81$; $M_{centro}=5,07 \pm 2,09$. A par disto ressalva-se que, no caso da pergunta 27, ambas as médias se encontram do lado discriminatório da escala (pontuações <4). No caso das mulheres esta homogeneidade das respostas

de centro político $M_{\text{centro}}=4,71 \pm 1,99$ e de direita $M_{\text{direita}}=4,71 \pm 2,06$ só se demonstrou na pergunta 27 e, contrariamente ao verificado com os homens, situam-se (ainda que por pouco) do lado menos discriminatório da escala. Assim, os resultados aqui apresentados não estão totalmente de acordo com a afirmação de Costa et al. (2010), pelo que nem sempre a posição mais à esquerda se apresenta como a menos discriminatória. Não obstante, pessoas que apresentam uma orientação política de esquerda e extrema-esquerda revelam em média e sem exceção, pontuações mais elevadas na escala de genderismo e transfobia.

Desde logo um dos objetivos iniciais do estudo era perceber se a orientação sexual dos/as inquiridos/as influenciava as respostas à GTS. As diferenças mostraram-se claras no caso dos homens. Destacam-se as orientações diferentes da heterossexualidade pela positiva ($M_{\text{Homossexuais}}=211,64 \pm 13,46$; $M_{\text{Bissexuais}}=211,58 \pm 12,62$; $M_{\text{Outra}}=220,50 \pm 4,95$) e claramente menos recetivos os heterossexuais ($186,43 \pm 28,36$). Relembrem-se que estas diferenças são estatisticamente significativas no caso dos homens em 21 das 32 perguntas da escala. No caso das mulheres as diferenças são menos conspícuas, ficando as dissemelhanças estatisticamente significativas apenas entre o grupo de mulheres heterossexuais $M=203,78 \pm 19,94$ e bissexuais $M=218,17 \pm 9,76$.

A correlação entre a homofobia e a transfobia tem vindo a ser analisada por vários investigadores, estando positivamente correlacionadas, como nos mostram os trabalhos de Hill e Willoughby (2005), de Nagoshi et al. (2008) e de Costa et al. (2010). As pesquisas em homofobia indicam que tanto os homens heterossexuais como homossexuais expressam atitudes mais intolerantes do que as mulheres, independentemente da sua orientação sexual. Este dado, apresentado por Kite e Whitely em 1996 e por Lamar e Kite em 1998, difere dos resultados apresentados na amostra de estudantes em Portugal. Tanto os homens gays como as mulheres lésbicas obtiveram uma pontuação média à GTS de 211 pontos. Pode-se especular

que o facto de os resultados não estarem em conformidade com os dos autores supramencionados poderá ser o reflexo de um avanço em relação aos “valores heterossexistas inculcados aos homens” (Winter et al., 2008: 671) manifestados vinte anos depois, através das minorias sexuais. Importa ressaltar que, apesar de na sigla LGBT, estas minorias se apresentarem enquanto grupo, as realidades inerentes a cada uma são muito distintas pelos mais variados fatores. É errado pensar que uma pessoa por ser homossexual não terá comportamentos discriminatórios relativos às minorias sexuais. Como nos diz Jillian Weiss no seu artigo “GL vs. BT” (2003) também existe heterossexismo nas comunidades gay e lésbica, como forma de desaprovação de formas de sexualidade mais “radicais” (Weiss, 2003). Ana Cristina Santos explora estas matérias no contexto português (Santos, 2013a; Santos e Pereira 2013), utilizando o exemplo da aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2010, em que o foco político do ativismo teve como bandeira a aprovação desta lei, ao invés de um pilar focado na diversidade sexual (Santos, 2013a). A autora cunha este fenómeno de “ativismo sincrético” (Santos, 2008 *in* Santos 2009; Trujillo e Santos, 2014). Parece-nos que o problema em trabalhar estes conceitos como se de matérias pontuais se tratassem - como o exemplo supramencionado - é o de se cair na “tolerância”. Usamos o exemplo dado por Wendy Brown (2006: 75): “ (...) hoje, o discurso político popular trata mulheres heterossexuais como candidatas à igualdade, enquanto as mulheres lésbicas são candidatas à tolerância; a diferença inerente às primeiras é garantida por uma heterossexualidade social e familiar enquanto em relação às segundas não pode ser.” A autora prossegue dizendo: “(...) enquanto o género conceber a heterossexualidade não é um tema de tolerância, o género desprendido de uma matriz heterossexual- que inclui, não apenas gays, mas corpos transgéneros e transsexuais- culmina de imediato no discurso da tolerância (...), que faz reconhecer que o Outro permanece politicamente fora da norma da

cidadania[,] (...) que não se encontra incorporado” (Brown, 2006: 75). Esta tolerância pode servir de camuflagem ao desconhecimento e à discriminação, não sendo uma realidade apenas das pessoas heterossexuais, mas da sociedade no geral. Foucault (1994a: 28), no primeiro volume da sua obra “História da sexualidade” diz-nos “ (...) deve-se falar dele [sexo] como de uma coisa que não se tem simplesmente que condenar ou tolerar, mas que gerir, que inserir em sistemas de utilidade, que regular para o bem de todos, que fazer funcionar em ordem a um ótimo”, contrariando as estratégias disciplinares de normalização moderna, que segundo Gressgard (2010: 541/542), se encontram intimamente ligadas a técnicas de regulação e intervenção, “mascaradas enquanto tolerância humanista liberal”. Apesar de Foucault estar a falar especificamente de sexo, achamos que o mesmo se aplica, ou se deve aplicar, às questões de género.

O estudo na população portuguesa (Costa et al., 2010) encontrou uma relação entre o contacto com a diversidade sexual e os níveis de transfobia/genderismo. Existem outros estudos que relacionam a homofobia e a transfobia (Hill e Willoughby, 2005; Nagoshi et al., 2008; Costa e Davies, 2012; Norton e Herek, 2012), afirmando estarem positivamente relacionadas. No caso do estudo de Costa e colaboradores (2010), quanto mais familiarizados/as com pessoas com orientação diferente da heterossexualidade, mais tolerantes os/as participantes se mostravam em relação aos indicadores da escala GTS. No caso que aqui se apresenta, não se encontrou esta relação. Uma hipótese para tal não se verificar é o facto de apenas três por cento das/os estudantes afirmarem não conhecer/ter amigos/as lésbicas, gays ou bissexuais. Tratamos assim uma população que, ao que parece, está extremamente familiarizada com a diversidade sexual. No caso das mulheres, apenas nove (2,4%) das 376 inquiridas afirmou não ter amigos, nem conhecer ninguém LGB. Aquando do tratamento estatístico, não foram encontradas diferenças nas respostas entre os dois grupos. No caso dos

homens, apenas sete (4,6%) dos 152 inquiridos afirmou não ter amigos, nem conhecer ninguém LGB. No entanto, torna-se interessante ressaltar que apesar de na maioria das perguntas não se terem encontrado diferenças nas respostas dos dois grupos, nas perguntas relativas à mudança de sexo de um amigo próximo - pergunta três ("Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me") e pergunta 5 ("Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente") - existem diferenças estatisticamente significativas que nos mostram que os homens que afirmam não conhecer ninguém LGB estão menos recetivos à ideia de um amigo mudar de sexo.

Um dos motivos pelos quais as/os estudantes poderão ter demonstrado valores tão elevados na escala, poderá prender-se com aquilo a que Pettigrew (2009) apelidou de "efeito secundário de transferência" (Norton e Herek, 2012: 2), que resulta do contacto com grupos estigmatizados e que é transferido nas atitudes para com outras minorias, também elas estigmatizadas (Norton e Herek, 2012). Isto poderá ter tido efeito na "boa prestação" das/os estudantes em geral à escala, visto terem afirmado quase na totalidade dos casos, convívio com pessoas LGB. Não obstante a relação entre a homofobia e a transfobia, e como já mencionado, ressalva-se que não devem ser esquecidas as particularidades de cada grupo. Como afirma Meredith Worthen (2013), o sucesso do combate às discriminações reflete-se na perceção de como estas similitudes ou diferenças, se manifestam em cada grupo em particular e tendo em conta a intersseccionalidade.

Os resultados da pergunta "Tem amigos ou conhece alguém transgénero?" diferem do caso anterior. Apenas 30% afirma ter amigos/as ou conhecer alguém trans. Era de se esperar, assim como acontece com as populações familiarizadas com a diversidade sexual, que as pessoas com contacto com pessoas trans tenham atitudes mais positivas a distintas expressões e diversidades de género, como se

verifica no estudo de Riggs et al. (2012). Os pressupostos foram verificados através dos resultados apresentados no capítulo anterior: em 78% das respostas existem diferenças estatisticamente significativas entre as pessoas que conhecem pessoas trans e as que não conhecem. As médias nas respostas à escala de genderismo mostram-nos que, independentemente do género com que se identificam, as pessoas que afirmam não ter contacto com pessoas trans têm atitudes mais negativas ($M_{\text{Homens}(110)}=187,31\pm 28,68$; $M_{\text{Mulheres}(259)}= 202,02\pm 21,45$) do que os indivíduos que convivem ou conhecem pessoas trans ($M_{\text{Homens}(42)}=207,95\pm 17,73$; $M_{\text{Mulheres}(117)}=213,31\pm 12,75$).

No que à residência de origem diz respeito, Hill e Willoughby (2005) dizem-nos que é de se esperar que pessoas residentes em centros urbanos tenham atitudes menos discriminatórias do que as pessoas que vivem no interior em comunidades mais pequenas. No caso que aqui se apresenta, no geral, não se verificam diferenças significativas entre a residência de origem das/os inquiridas/os. O motivo poderá prender-se ao facto de a maioria das/os participantes (60,3%) ter origem no litoral do país, onde se situam as maiores cidades, ou, mesmo que tenham uma proveniência rural, de momento se encontrarem a estudar num centro urbano. No caso das mulheres só se encontraram diferenças na resposta a uma pergunta -“As pessoas ou são homens ou são mulheres” -onde as mulheres do norte litoral ($M_{(64)}= 5,78\pm 1,73$) se mostram de forma estatisticamente relevante, mais abertas à possibilidade de um género não binário do que as mulheres provenientes do sul litoral ($M_{(10)}=3,40\pm 2,27$), cuja pontuação se situa no lado discriminatório da escala (<4). No caso das estudantes, 62,5% tinha proveniência no centro do país, o que poderá ter resultado na homogeneidade das respostas.

Já para os estudantes (que se identificaram enquanto homens) cujas distribuições são mais uniformes, encontram-se diferenças em três perguntas,

sendo que o grupo que se demonstra sempre mais favorável é o proveniente do norte litoral. No geral neste grupo, que separa as/os estudantes segundo a sua residência de origem, a disparidade das distribuições poderá ter camuflado algumas diferenças esperadas, pelo que se crê que com uma amostra maior, e distribuída de forma mais homogénea, as diferenças possivelmente demonstrar-se-iam mais conspícuas.

Finalmente, na categoria que dividia as/os participantes em quatro grupos: mulheres com crenças religiosas (n=165), homens com crenças religiosas (n=47), mulheres sem crenças religiosas (n=211) e homens sem crenças religiosas (n=105), a estatística permitiu-nos afirmar que as diferenças são claras.

No caso dos homens, em 75% das perguntas, os que afirmam ter crenças religiosas ($M=174,98 \pm 29,44$) pontuam menos do que os que não têm ($M=201,09 \pm 22,68$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Das oito perguntas onde não se encontraram diferenças, cinco delas são relativas ao *gender-bashing*. Isto poderá levar mais uma vez à questão de estarmos perante uma população cuja violência não parece um recurso à demonstração de desacordo perante estas matérias, independentemente das crenças religiosas que subjazem aos indivíduos.

No caso das mulheres, as diferenças são ainda mais conspícuas. Em 90% das respostas à GTS, as inquiridas que têm crenças religiosas ($M= 198,58 \pm 22,11$) pontuam menos do que as que não possuem qualquer crença religiosa ($M=210,97 \pm 15,95$). Importa salientar que, para este caso, o facto de a pessoa possuir crenças religiosas influencia mais a sua resposta do que o género com que se identifica. Isto porque para a larga maioria das categorias, o facto de o indivíduo ser homem levou a valores mais discriminatórios, o que não se veio a verificar na categoria religião, onde os homens que não têm crenças religiosas apresentaram pontuações mais positivas do que as mulheres que têm.

Sendo as diferenças a que nos referimos estatisticamente assinaláveis, as únicas três perguntas onde não se sinalizaram diferenças significantes são as três relativas ao *gender-bashing*, voltando-se a corroborar a teoria de se tratar de uma população que não utiliza o insulto/violência como meio de ação nestas matérias.

O estudo de Oliveira et al. (2010), feito em Portugal, procurou perceber em que instituições era a discriminação de pessoas LGBT percebida e sentida. De acordo com os resultados apresentados, a religião aparece não só como a instituição mais discriminatória, como as pessoas que não têm religião apresentam claramente uma maior percepção da existência de discriminação, seguidas das pessoas que têm religião mas não são praticantes. E, no fundo das tabelas, posicionam-se os religiosos praticantes com a menor percepção de discriminação. Estes resultados vão ao encontro dos resultados que aqui se apresentam, onde as/os estudantes com crenças religiosas são mais complacentes em relação às subescalas que medem o preconceito para com pessoas trans.

Mesmo no caso das estudantes que afirmam ter religião, os valores em geral na escala destacam-se pela positiva. A questão levantada no estudo de Oliveira et al. (2010) leva-nos a pensar que talvez estas pontuações elevadas estejam, em parte, relacionadas com a falta de percepção da própria discriminação. Como afirma Sandra Saleiro (2013), muitas vezes estes problemas passam invisíveis à percepção social, levando a um “desconhecimento generalizado” (Saleiro, 2013: 3) que poderá estar refletido nos resultados apresentados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

A amostra estudada, composta por 531 estudantes de 45 instituições portuguesas de ensino superior mostrou-se, de um modo geral, pouco transfóbica e genderista e menos ainda parece recorrer ao insulto/agressão para com pessoas cujas expressões/identidades de género não são expectáveis pelo olhar do sistema dicotómico. Não obstante, as categorias afinidade política, religião, orientação sexual, género e a proximidade com pessoas trans, mostram-se preditores úteis para eventual genderismo e transfobia, como já se havia enunciado em estudos anteriores (Hill e Willoughby, 2005; Winter et al., 2008; Costa et al., 2010; Gerhardstein e Anderson, 2010; Willoughby et al., 2010; Costa e Davies, 2012; Riggs et al., 2012; Cochran, 2013) e que este vem confirmar.

As pontuações elevadas poderão ter a ver com o grau académico da população ou com sua proveniência – comunidade com escolaridade superior, na sua maioria originária do litoral do país, onde se situam os principais centros urbanos. Percebe-se também uma familiaridade com outras sexualidades diferentes da heterossexual, o que, como afirmam Tee e Hegarty (2006), pode levar a atitudes mais positivas para com as minorias de género. Não deixamos de parte a influência da desejabilidade social inerente às respostas, que se apresenta como uma limitação do estudo, assim como a impossibilidade de monitorizar a quantidade de vezes que uma pessoa responde ao questionário. O facto de ser uma escala que foi desenvolvida numa população que não a Portuguesa também pode trazer algumas limitações, pelo que os valores culturais diferem e um ajustamento de algumas questões poderia ter influenciado os resultados finais.

O facto de o método de divulgação ter sido as redes sociais, que funcionam por “círculos de amigos” e o facto de o questionário ter sido respondido por três pessoas com identificação de género diferente da cissexualidade, poderão ter influenciado pela positiva a familiaridade dos indivíduos com pessoas

transgénero, havendo a possibilidade de em outras populações esta ficar abaixo dos 30%, ou, em caso de uma maior representatividade trans, ser muito superior.

Os resultados de estudos de género onde este trabalho se inclui, podem mostrar-nos quais as áreas cruciais de intervenção futura, onde urge a aplicação de um ativismo político que vise estabelecer a homeostasia da sociedade no que à igualdade de direitos diz respeito.

No caso que aqui se apresentou ressalva-se que o genderismo tradicional parece ser incutido de forma mais intensa nos indivíduos do sexo masculino. A influência da instituição religiosa evidencia uma clara restrição à abertura dos indivíduos a expressões e comportamentos de género que diferem dos padronizados. Indivíduos com afinidades políticas mais “ao centro” e direita esperam-se mais ligados a uma expectativa conservadora dos papéis de género, assim como os indivíduos heterossexuais, sendo mais conspícuo no caso dos homens. A familiaridade com pessoas trans surge como uma mais-valia nas atitudes menos discriminatórias, pelo que a visibilidade se mostra mais uma vez, como um fator importante no estudo não só das minorias sexuais, mas das minorias no geral.

Salienta-se a importância da academia. É gritante a falta de discussão sobre os temas das minorias, género, feminismos e desigualdades, inclusive em cursos das ciências sociais e humanas, onde a antropologia se inclui. Como dizia Ruth Benedict:

*“O propósito da antropologia é tornar o mundo seguro para as diferenças humanas”.*²⁵

²⁵ (cit, Vale de Almeida in <http://www.iscte-iul.pt/departamentos/38/apresentacao.aspx> [acedido a 8-6-2016]).

Acreditamos que a academia deve pautar-se por um ensino que intervenha na sociedade em que vivemos, melhorando a qualidade de vida de todas e de todos. Neste âmbito, as ciências sociais e humanas podem (e devem) ter um papel de destaque. O presente estudo, trabalhou em volta dos três conceitos desenvolvidos por Hill e Willoughby, que visam ter perceção de como as pessoas cis lidam com pessoas trans, mas salienta-se a importância de dar voz às pessoas trans acerca dos problemas que lhes dizem diretamente respeito. Conscientes desta necessidade, redobrou-se os cuidados com o rigor metodológico e analítico e espera-se em trabalhos futuros ter a possibilidade de envolver pessoas que se identifiquem enquanto trans. Outro aspeto que se considera pertinente é de verificar se ao falarmos de transsexualidade, transgenderismo ou de cissexualidade, se estaremos a utilizar termos familiares aos/às inquiridos/as, se conhecem o seu significado. Saberá um/uma estudante universitário/a português/a o significado de transsexual? E de transgénero? Uma rápida análise empírica permite perceber que os conceitos sobre identidade de género são frequentemente confundidos com orientação sexual (Hill e Willoughby, 2005). Estaremos a formar académicos com a consciência do impacto que o papel de género tem na organização das sociedades? Terão eles próprios noção da discriminação? Levantam-se algumas questões, que poderão servir como inspiração para trabalhos futuros, que se mostram da máxima importância. Segundo o relatório da agência europeia dos direitos fundamentais²⁶, a discriminação, os maus tratos e o desrespeito são comuns para com pessoas trans nos estados membros da UE, o que leva a uma vida circundada de medos e de barreiras. Em casos mais graves, existem mesmo homicídios motivados por ódio, o que é, infelizmente, uma realidade também conhecida em Portugal. Este ano, assinala-se o 10º aniversário

²⁶ Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2014/11/relatorios-da-agencia-dos-direitos-fundamentais-da-uniao-europeia-fra/>, [acedido a 6-6-2016].

do macabro assassinato de Gisberta Salce Junior, talvez o caso mais mediático de um crime de ódio a uma pessoa trans no nosso país.

Enquanto os relatórios/trabalhos académicos e políticos continuarem a mostrar que alguns cidadãos não gozam dos mesmos direitos que outros, enquanto o plano jurídico for lacónico, omissivo ou explicitamente discriminatório, enquanto se incumprir a declaração universal dos direitos humanos, compete-nos contribuir para contrariar esta realidade. Recusando a manutenção do desconhecimento que leva ao estrangulamento da liberdade de muitos, importa estudar aquela que segundo Pilbeam (1992: 4), é a “a mais humana das nossas características: a complexidade e o alcance do nosso comportamento”.

Em princípio, nada é irrelevante ao estudo da espécie humana, sendo em última instância a evolução, o motivo pelo qual os organismos são como são. Tem-se o comportamento humano moldado pela tradição e a tradição moldada pela nossa forma de pensar, de aprender, de sentir (Richerson e Boyd, 2005). Com o objetivo de se contribuir para este conhecimento, apresentou-se esta dissertação.

REFERÊNCIAS

Referências

- Bagagli, B.P. 2013. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo. *Gênero*, 14(1): 11-27.
- Beauvoir, S. 1967. *O segundo sexo*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro.
- Brigeiro, M. 2013. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. *Sexualidad, salud y sociedad*, 14:253-283.
- Brown, W. 2006. *Regulating aversion: tolerance in the age of identity and empire*. New Jersey, Princeton University Press.
- Burdge, B.J. 2007. Bending gender, ending gender: theoretical foundations for social work practice with the transgender community. *Social work*, 52(3): 243-250.
- Butler, J. 2000. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In Louro, G.L. (ed.). *O corpo educado*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Butler, J. 2004. *Undoing gender*. New York, Routledge.
- Cochran, J. 2013. *Conceptualization of gender nonconformity among mental health professionals*. Dissertação de bacharelato em serviço social, Ohio, Ohio State University.
- Costa, C.G.; Pereira, M.; Oliveira, J.M.; Nogueira, C. 2010. Imagens sociais das pessoas LGBT. In: Nogueira, C.; Oliveira, J.M. (eds.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*. Porto, Clássica-Artes Gráficas, S.A: 93-147.

- Costa, P.A.; Davies, M. 2012. Portuguese Adolescents' attitudes toward sexual minorities: transphobia, homofobia, and gender role beliefs. *Journal of homosexuality*. 59,1424-1442.
- Davy, Z.; Downes, J.; Eckert, L.; Gerodetti, N.; Llinares, D.; Santos, A.C. 2008. *Bound and unbound: interdisciplinary approaches to genders and sexualities*. Cambridge, Cambridge Scholars Publishing.
- Dinis, N.F. 2008. Educação, relações de género e diversidade sexual. *Educação social*, 103(29): 477-492.
- Ezie, Chinyere. 2010. Deconstructing the body: transgender and intersex identities & sex discrimination- the need for a strict scrutiny approach. *Columbia journal of gender and law*, 20: 141-199.
- Filho, A.T. 2005. Uma questão de género: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos pagu*, 24: 127-152.
- Foucault, M. 1994a [1976]. *História da sexualidade I: vontade de saber*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Foucault, M. 1994b [1984]. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Gato, J.; Fontaine, A.M.; Leme, V.B.R. 2014. Validação e adaptação transcultural da escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays. *Psicologia e reflexão crítica*, 27(2): 257-271.
- Gerhardstein, K.R.; Anderson, V.N. 2010. There is more than meets the eye: facial appearance and evaluations of transsexual people. *Sex roles*, 62: 361-373.

- Gressgård, R. 2010. When trans translates into tolerance- or was it monstrous? Transsexual and transgender identity in liberal humanist discourse. *Sexualities*, 13: 539-561.
- Guimarães, R.C.; Cabral, J.A.S. 1997. *Estatística*. Lisboa, McGraw-Hill.
- Hill, D.B. 2002. Genderism, transphobia, and gender bashing: a framework for interpreting anti-transgender violence. In: Wallace, B.; Carter, R. (eds.). *Understanding and dealing with violence: a multicultural approach*. Califórnia, Sage: 113-136.
- Hill, D.B.; Willoughby, B.L.B. 2005. The development and validation of the genderism and transphobia scale. *Sex roles*, 53(8):531-544.
- Hines, S. 2007. *Transforming gender: transgender practices of identity, intimacy and care*. Bristol, The policy press.
- Jesus, J.G. 2012. *Orientações sobre a população transgénero: conceitos e termos*. Disponível em: [http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta es popula o trans](http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans) . [Acedido a 30-11-2012].
- Kite, M.E.; Whitley, B.E. 1996. Sex differences in attitudes towards homosexual persons, behaviors, and civil rights a meta-analysis. *Personality and social psychology bulletin*, 22(4): 336-353. · DOI: 10.1177/0146167296224002. [Acedido a 17-5-2016].
- Kooy, R.W. 2010. *Knowledge and attitudes toward trans persons*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Califórnia, Humboldt State University.
- LaMar, L., Kite, M. 1998. Sex Differences in Attitudes Toward Gay Men and Lesbians: A Multidimensional Perspective. *Journal Of Sex Research*, 35(2),

189-196. Disponível em:
<http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=f97fce7b-7f4d-48fd-9089-7dcdc20876e4%40sessionmgr4002&vid=2&hid=4109> [acedido a 15-5-2016].

Laqueur, T. W. 1992. *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, Harvard University Press.

Leite, A.F.S.; Oliveira, T.R.M. 2013. Trilhas de gênero, armadilhas do pensamento: políticas da masculinidade em um currículo de medicina. *OP SIS*, 13(2):106-128.

Leite, A.F.S.; Henriques, R.P. 2014. A “disforia de gênero” como síndrome cultural norte-americana: notas sobre o imperialismo na atualidade. III Colóquio: Clínica e cultura “faces contemporâneas da razão”.

Louro, G.L. 2000. Pedagogias da sexualidade. In Louro, G.L. (ed.) *O corpo educado*. Belo Horizonte, Autêntica.

Moleiro, C.; Pinto, N. 2015. Sexual orientation and gender identity: review of concepts, controversies and their relation to psychopathology classification systems. *Frontiers in psychology*, 6: 1-6. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01511.

Moore, H.L. 1988. *Feminism and anthropology*. Padstow, T.J. Press.

Nagoshi, J. L.; Adams, A.K.; Terrell, H. K.; Hill, E.D.; Brzuzy, S.; Nagoshi, C.T. 2008. Gender differences in correlates of homophobia and transphobia. *Sex roles*, 59:521-531.

Nagoshi, J.L.; Brzuzy, S. 2010. Transgender theory: embodying research and practice. *Journal of women and social work*, 25(4): 431-443. DOI: 10.1177/0886109910384068.

- Nogueira, C. 2004. Editorial de ex-aequo. *Ex-aequo*, 11: 5-12.
- Norton, A.T.; Herek G.M. 2012. Heterosexual's attitudes toward transgender people: findings from a national probability sample of U.S. adults. *Springer science+ business media online*, DOI: 10.1007/s11199-011-0110-6.
- Oliveira, J.M. 2015. Mil géneros. *Revista política e de ideias*, 7(2):74-76.
- Oliveira, J.M.; Nogueira, C. 2009. Um lugar feminista queer e o prazer da confusão e fronteiras. *Ex-aequo* 20: 9-12.
- Oliveira, J.M.; Pereira, M.; Costa, C.G.; Nogueira, C. 2010. Pessoas LGBT-identidades e discriminação. In: Nogueira, C.; Oliveira, J.M. (eds.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Porto, Clássica-Artes Gráficas, S.A: 149-210.
- Parker, R. 2000. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In Louro, G.L. (ed.) *O corpo educado*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Pinto, N. 2014. *Experiencing and representing transsexuality: developmental trajectories of, and social representations on, transsexual people*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
- Pinto, N.; Moleiro, C. 2012. As experiências dos cuidados de saúde de pessoas transexuais em Portugal: perspetivas de profissionais de saúde e utentes. *PSICOLOGIA*, 26(1): 129-151.
- Pinto, N.; Moleiro, C. 2015. Transsexual people coming to terms with their gender identities. *Professional Psychology: research and practice*. 46(1): 12-20.

- Pilbeam, D. 1992. What makes us human?. In: Jones, S.; Martin, R.; Pilbeam, D. (eds.). *The Cambridge encyclopedia of human evolution*. Cambridge, Cambridge University Press:1-5.
- Queirós, M.; Costa, N.M.; Palma, P.; Caetano, G.; Vieira, P.J. 2010. *Guia para o combate à discriminação nos municípios: planejar para todos e todas, planejar a diversidade. Estudo sobre políticas e medidas de igualdade e combate à discriminação nas autarquias locais*. Lisboa, Comissão para a cidadania e igualdade de género.
- Richerson, P. J.; Boyd, R. 2005. *Not by genes alone: how culture transformed human evolution*. Chicago, The University of Chicago Press.
- Riggs, D.W.; Webber, K.; Fell, G.R. 2012. Australian undergraduate psychology student's attitudes towards trans people. *Gay & lesbian issues and psychology review*, 8(1): 52-62.
- Rodrigues, L; Oliveira, J. M.; Nogueira, C., 2015. Discriminação contra jovens lésbicas em contexto escolar. *Latitude*, 9(1): 55-71.
- Roughgarden, J. 2004. *Evolution's rainbow: diversity, gender and sexuality in nature and people*. Berkeley: University of California Press.
- Saleiro, S. 2009. Transexualidade e transgénero em Portugal: dois “vazios” em debate. In: Silva, M.C. (ed.). *Atas do X congresso luso-Afro Brasileiro de ciências sociais: sociedades desiguais e paradigmas em confronto*. Braga, Centro de investigação de ciências sociais: 84-90.
- Saleiro, S. P. 2013. *Trans Géneros: uma abordagem sociológica da diversidade de género*. Dissertação de doutoramento em sociologia, Lisboa, ISCTE- Instituto universitário de Lisboa.

- Santos, A.C. 2005. *A lei do desejo: direitos humanos e minorias sexuais em Portugal*. Porto, Edições Afrontamento.
- Santos, A.C. 2006. Entre a academia e o ativismo: sociologia, estudos queer e movimento LGBT em Portugal. *Revista crítica de ciências sociais: Estudos queer, identidades, contextos e ação coletiva*, 76: 91-108.
- Santos, A.C. 2009. De objeto a sujeito? Olhares mediáticos sobre o ativismo LGBT Português. *Media & Jornalismo*, 15:69-82.
- Santos, A.C. 2012. Disclosed and willing: towards a queer public sociology, social movement studies. *Journal of social, cultural and political protest*, 11(2): 241-254.
- Santos, A.C. 2013a. Are we there yet? Queer sexual encounters, legal recognition and homonormativity. *Journal of gender studies*. DOI:10.1080/09589236.2012.745682.
- Santos, A.C. 2013b. *Social movements and sexual citizenship in southern Europe*. Basingstoke: Palgrave-Macmillan.
- Santos, A.C.; Pereira, M.M. 2013. *The policy on gender equality in Portugal*. European parliament's committee on women's rights and gender equality. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/studies>. [Acedido a 3-6-2016].
- Schilt, K.; Westbrook, L. 2009. Doing gender, doing heteronormativity: "gender normals", transgender people, and the social maintenance of heterosexuality. *Gender & society*, 23(4): 440-464. DOI: 10.1177/0891243209340034.

- Smith, I.; Oades, L. G.; McCarthy, G. 2012. Homophobia to heterosexism: constructs in need of re-visitation. *Gay and lesbian issues and psychology review*, 8(1), 34-44.
- Tee, N.; Hegarty, P. 2006. Predicting opposition to the civil rights of trans persons in the United Kingdom. *Journal of community and applied social psychology*, 16: 70-80. Doi: 10.1002/casp.851.
- Trugillo, G.; Santos, A.C. 2014. The first revolution is survival. *Lambda Nordica: Queer feminist resistances to the crisis austerity in southern Europe*, 19(2):12-24.
- Vale de Almeida, M. 2010. O contexto LGBT em Portugal. In: Nogueira, C.; Oliveira, J.M. (eds.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Porto, Clássica-Artes Gráficas, S.A: 45-92.
- Valentine, D. 2007. *Imagining Transgender: an ethnography of a category*. London, Duke University Press.
- Weiss, J.T. 2003. GL vs BT. *Journal of bisexuality*, 3:25-55. DOI:10.1300/J159v03_02.
- Winter, S.; Webster, B.; Cheung, P.K.E. 2008. Measuring Hong Kong undergraduate students attitudes towards transpeople. *Sex roles*, 59(9): 670-683.
- Winter, S.; Chalungsooth, P.; Teh, Y.K.; Rojanalert, N.; Maneerat, K.; Wong, Y.W.; Beaumont, A.; Ho, L.M.W.; Gomez, F. C.; Macapagal, R.A. 2009. Transpeople transprejudice and pathologization: a seven-country factor analytic study. *International journal of sexual health*, 21: 96-118.
- Willoughby, B.L.B.; Hill, D.B.; Gonzalez, C.A.; Lacorazza, A.; Macapagal, R.A.; Michelle, E.B.; Doty, N.D. 2010. Who hates gender outlaws? A multisite and

multination evaluation of the genderism and transphobia scale. *International journal of transgenderism*, 12: 254-27.

Worthen, M.G.F. 2013. Na argument for separate analyses of attitudes toward lesbian, gay, bisexual men, bisexual women, MtF and FtM transgender individuals. *Sex roles*, 68: 703-723.

APÊNDICES

SUMÁRIO

A- Glossário	97
B- Questionário	101
C- Instituições de ensino representadas na amostra	105
D- Itens da escala GTS e respetivo fator	109
E- Análise descritiva das respostas à GTS	111
F- Resultados da aplicação do teste t para duas amostras independentes	119
G- Resultados da aplicação do teste paramétrico <i>One-way ANOVA</i>	143
H- Resultados da aplicação do teste não-paramétrico <i>Kruskal Wallis</i>	147

Apêndice A

Glossário²⁷

Bissexual	Quando uma pessoa se sente atraída sexualmente e/ou emocionalmente por pessoas de mais do que um género.
Discriminação	Tratamento desigual ou injusto, que pode ter como base vários motivos, entre eles, etnicidade, orientação sexual ou identidade de género.
Assédio	Qualquer ato ou conduta indesejada pela vítima, que pode estar relacionado com a sua orientação sexual, expressão/identidade de género, ou seja ofensivo, humilhante, ou intimidante.
Gay	Um homem que se sente atraído emocionalmente e/ou sexualmente por homens. Por vezes é também utilizado para lésbicas ou bissexuais. No entanto esta é uma utilização que tem vindo a ser discutida por parte da comunidade LGBT tendo passado a ser utilizado apenas para ser referido a homens atraídos por outros homens.
Género	Refere-se à perceção e experiência interior da pessoa em relação à masculinidade ou feminilidade, assim como a construção social que aloca certos comportamentos em papéis de homem ou mulher.
Expressão de género	Refere-se à manifestação da identidade de género, Tipicamente, as pessoas tendem a fazer com que a sua expressão de género ou apresentação, esteja de acordo com a sua identidade de género, independentemente do sexo que lhes foi atribuído à nascença.

²⁷ Glossário adaptado do site da ILGA Europe, disponível em: <http://www.ilga-europe.org/media/2431> [acedido a 20-3-2016].

Identidade de género	Refere-se á experiência de género individual, como a pessoa se sente, pode ou não, estar de acordo com o sexo que lhe foi atribuído à nascença.
Mudança de género	Refere-se ao processo pelo qual a pessoa redefine o género com que vive para assim exprimir melhor a sua identidade de género. Este processo pode, mas não tem de, envolver assistência médica incluindo terapia hormonal e procedimentos cirúrgicos que as pessoas trans utilizam para fazer o seu corpo corresponder com o seu género.
Cirurgia de mudança de sexo²⁸	Termo médico frequentemente chamado pelas pessoas trans de cirurgia de género confirmatória: cirurgia para atribuir caracteres sexuais primários e secundários a pessoas trans de maneira a fazer corresponder o corpo à sua perceção interior.
Variante de género	Pode-se referir a alguém cuja identidade de género seja diferente das identidades de género/papéis de género normativos.
Crime de ódio	Ofensas motivadas por ódio ou preconceito a um grupo particular de pessoas. Pode ter como base o género, a identidade de género, a orientação sexual, a etnia, religião, idade ou incapacidade.
Heteronormatividade	Refere-se às práticas culturais e sociais onde homens e mulheres são levados a acreditar que a heterossexualidade é a única sexualidade concebível. Isto implica que a heterossexualidade seja a única maneira de ser “normal”.
Heterosexismo	“O heterosexismo é um constructo mais atual e apropriado do termo homofobia, designado para indicar discriminação anti-gay” (Smith et al.; 2012).
Homofobia	Medo, raiva irracional, intolerância e/ou aversão para com homossexuais.

²⁸ Gender reassignment surgery no original

Homossexual	As pessoas são classificadas enquanto homossexuais baseado no seu género e no género do(s) seu(s) parceiro(s). Quando o género do parceiro é o mesmo do que o do indivíduo, então a pessoa é categorizada como homossexual.
Intersexo	É um termo que relaciona o espectro de características físicas ou variações que se encontram entre os ideais estereotipados de masculino ou feminino.
Lésbica	Mulher que se sente atraída sexualmente e/ou emocionalmente por mulheres.
LGBT	Acrónimo para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans
Queer	Tornou-se um termo académico inclusivo para pessoas que não são heterossexuais. Inclui lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans. A teoria queer está a desafiar as normas sociais heteronormativas que ao género e à sexualidade concernem e defende que os papéis de género são construções sociais. Tradicionalmente o termo “queer” era um termo abusivo e por esta razão para alguns, tem uma conotação negativa, ainda assim muitas pessoas LGBT reclamaram o termo como um símbolo de orgulho.
Bandeira arco-íris	Símbolo que celebra a singularidade e diversidade dentro da comunidade LGBT. A bandeira tem seis faixas, cada uma com uma cor diferente desde roxo a vermelho.
Sexo	Refere-se à composição biológica: os caracteres sexuais primários e secundários, genes e hormonas. O sexo legal é normalmente atribuído à nascença e tradicionalmente é compreendido como sendo dois grupos mutuamente exclusivos, homens e mulheres.

Orientação sexual	Refere-se à capacidade de cada pessoa sentir afeto profundo, atração sexual e/ou emocional, relações íntimas/ sexuais com, indivíduos de outro género, do mesmo género ou de mais do que um género.
Transsexual	Pessoa que usa, ou quer usar, hormonas/cirurgia para alterar o seu género e viver a tempo inteiro com o género com que se identifica (Hill e Willoughby, 2005).
Pessoa/mulher/homem Trans	O termo trans é utilizado para fazer referência a pessoas cuja identidade/expressão de género não corresponde às normas sociais
Transfobia	Refere-se às crenças culturais e pessoais negativas, opiniões, atitudes e comportamentos baseados na discriminação, nojo, medo e ou ódio a pessoas trans, ou a pessoas cuja expressão de género ou identidade de género seja desviante.
Assexual	Pessoa que não experiencia atração sexual (Brigeiro, 2013).
Cissexual	“termo utilizado para descrever os indivíduos em que a identidade de género é congruente com o sexo atribuído à nascença” (Pinto, 2014:7).
Transgénero	Termo “guarda-chuva” utilizado para aqueles com várias formas e graus de práticas de alteração de género. Transgénero inclui: lésbicas masculinas, homens gays femininos, travestis, transexuais etc. As categorias não se encontram hermeticamente seladas (Valentine, 2007).

Apêndice B

Questionário

Parte 1. Caracterização da amostra

Instruções: Este questionário destina-se a estudantes do ensino superior português. Se esta descrição não corresponde à sua situação, agradecemos que não participe. Este estudo está a ser realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado e pretende conhecer as atitudes de estudantes universitários/as em relação ao género. Por favor leia atentamente todas as questões. Toda a informação recolhida será **completamente anónima**. Agradecemos desde já a sua participação e a sua honestidade.

Idade: _____ *

Instituição de Ensino que frequenta: _____

Ciclo de estudos que frequenta: 1º (Licenciatura) / 2º (Mestrado) / 3º (Doutoramento) **

Género: Homem/ Mulher/ Transgénero

Orientação sexual: Heterossexual/ Homossexual/ Bissexual/ Outra: _____

Afinidade política: Extrema-esquerda/ Esquerda/ Centro/ Direita/ Extrema-direita/nenhuma

Crenças religiosas? Sim/Não

Nacionalidade: _____

Residência de origem: Norte litoral/ Norte interior/ Centro litoral/ Centro interior/ Sul interior/ Sul litoral/ Ilhas

Tem amigos/as ou conhece pessoas:

Homossexuais (lésbicas, gays) e/ou Bissexuais? S/N

Transgéneros S/N

*Questões com _____, terão espaço para ser preenchido pelos inquiridos.

******Questões com opções terão quadradinhos onde o inquirido escolherá uma das hipóteses apresentadas.

Parte 2. Escala de género (Hill e Willoughby, 2005)

Instruções: Por favor responda às seguintes afirmações usando a escala de 7 pontos apresentada. É-lhe pedido que responda honestamente a cada questão. É importante que indique como se sente agora e não como se sentiu no passado. Pode não estar familiarizado/a com algumas das afirmações, mas tente pensar em situações similares nas quais se poderia encontrar. Responda a todos os itens e não se preocupe com as respostas anteriores. Não existem respostas certas ou erradas.

Concordo totalmente	Concordo	Estou de alguma forma de acordo	Neutro	Estou de alguma forma em desacordo	Discordo	Discordo totalmente				
1	2	3	4	5	6	7				
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7
				1	2	3	4	5	6	7

9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	1	2	3	4	5	6	7
10. Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	1	2	3	4	5	6	7
11. Homens que depilam as pernas são esquisitos	1	2	3	4	5	6	7
12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	1	2	3	4	5	6	7
13. Já “fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina	1	2	3	4	5	6	7
14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	1	2	3	4	5	6	7
15. Mulheres que se veem como homens não são normais	1	2	3	4	5	6	7
16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos	1	2	3	4	5	6	7
17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido	1	2	3	4	5	6	7
18. Se descobrisse que o meu/minha amante era do outro sexo ficaria violento/a	1	2	3	4	5	6	7
19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	1	2	3	4	5	6	7
20. Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	1	2	3	4	5	6	7
21. Homens passivos são fracos	1	2	3	4	5	6	7
22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	1	2	3	4	5	6	7
23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	1	2	3	4	5	6	7

24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	1	2	3	4	5	6	7
25. Homens femininos deixam-me desconfortável	1	2	3	4	5	6	7
26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	1	2	3	4	5	6	7
27. As pessoas ou são homens ou são mulheres	1	2	3	4	5	6	7
28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	1	2	3	4	5	6	7
29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	1	2	3	4	5	6	7
30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	1	2	3	4	5	6	7
31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	1	2	3	4	5	6	7
32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	1	2	3	4	5	6	7

Obrigada pela sua participação! ☺

Apêndice C

Instituições de ensino representadas na amostra

SIGLA	INSTITUIÇÃO	TIPO DE ENSINO	SUBSISTEMA	FREQUÊNCIA
CESPU	Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário	Politécnico	Privado	1
ESAC	Escola Superior Agrária de Coimbra (IPC)	Politécnico	Público	5
ESAD	Escola Superior de Artes e Design (Matosinhos)	Politécnico	Privado	1
ESADCR	Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha	Politécnico	Público	1
ESCS	Escola Superior de Comunicação Social (Lisboa)	Politécnico	Público	1
ESEC	Escola Superior de Educação de Coimbra (IPC)	Politécnico	Público	10
ESEL	Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	Politécnico	Público	2
ESEnf.C	Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Politécnico	Público	6
ESES	Escola Superior de Educação de Santarém	Politécnico	Público	1
ESEV	Escola Superior de Educação de Viseu	Politécnico	Público	3

SIGLA	INSTITUIÇÃO	TIPO DE ENSINO	SUBSISTEMA	FREQUÊNCIA
ESHTE	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril	Politécnico	Público	2
ESHTP	Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Porto	Politécnico	Público	1
ESMAE	Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo	Politécnico	Público	1
ESSP	Escola Superior de Saúde de Portalegre	Politécnico	Público	1
ESTESC	Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Coimbra (IPC)	Politécnico	Público	3
ESTESL	Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa	Politécnico	Público	2
ESTSP	Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto	Politécnico	Público	2
ICBAS	Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar	Universitário	Público	2
IPC	Instituto Politécnico de Coimbra	Politécnico	Público	2
IPCB	Instituto Politécnico de Castelo Branco	Politécnico	Público	2
IPG	Instituto Politécnico da Guarda	Politécnico	Público	2
IPL	Instituto Politécnico de Lisboa	Politécnico	Público	2
IPS	Instituto Politécnico de Setúbal	Politécnico	Público	2

SIGLA	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	TIPO DE ENSINO	SUBSISTEMA	FREQUÊNCIA
IPVC	Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Politécnico	Público	2
ISCAC	Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (IPC)	Politécnico	Público	8
ISCTE	Instituto Universitário de Lisboa	Universitário	Público	7
ISEC	Instituto Superior de Engenharia de Coimbra (IPC)	Politécnico	Público	5
ISEL	Instituto Superior de Engenharia de Lisboa	Politécnico	Público	2
ISEP	Instituto Superior de Engenharia do Porto	Politécnico	Público	1
ISMAI	Instituto Superior da Maia	Universitário	Privado	1
ISPA	Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida	Universitário	Privado	1
IST	Instituto Superior Técnico	Universitário	Público	6
UA	Universidade de Aveiro	Universitário	Público	11
Uaç	Universidade dos Açores	Universitário	Público	12
UAL	Universidade Autónoma de Lisboa	Universitário	Privado	1
Ualg	Universidade do Algarve	Universitário	Público	7

SIGLA	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	TIPO DE ENSINO	SUBSISTEMA	FREQUÊNCIA
UBI	Universidade da Beira Interior	Universitário	Público	5
UC	Universidade de Coimbra	Universitário	Público	336
Uévora	Universidade de Évora	Universitário	Público	4
UFP	Universidade Fernando Pessoa	Universitário	Privado	4
UL	Universidade de Lisboa	Universitário	Público	17
UM	Universidade do Minho	Universitário	Público	7
UNL	Universidade Nova de Lisboa	Universitário	Público	8
UP	Universidade do Porto	Universitário	Público	21
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	Universitário	Público	3

Apêndice D

Itens da escala GTS e respetivo fator

ITEM	FATOR
1. Já bati em rapazes que parecem maricas	GB
2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	GB
3. Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	TR/G
4. Deus criou apenas dois sexos	TR/G
5. Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	TR/G
6. Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	GB
7. Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	TR/G
8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	TR/G
9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	GB
10. Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	TR/G
11. Homens que depilam as pernas são esquisitos	TR/G
12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	TR/G
13. Já “fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina	GB
14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	TR/G
15. Mulheres que se veem como homens não são normais	TR/G
16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	TR/G
17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido	TR/G

ITEM	FATOR
18. Se descobrisse que o meu/minha amante era do outro sexo ficaria violento/a	TR/G
19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	TR/G
20. Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	GB
21. Homens passivos são fracos	TR/G
22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	TR/G
23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	TR/G
24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	TR/G
25. Homens femininos deixam-me desconfortável	TR/G
26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	TR/G
27. As pessoas ou são homens ou são mulheres	TR/G
28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	TR/G
29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	TR/G
30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	TR/G
31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	TR/G
32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	GB

LEGENDA: TR= Transfobia; G= Genderismo; GB= *Gender-bashing*

(Adaptado de Hill e Willoughby, 2005)

Apêndice E

Análise descritiva das respostas à GTS

Tabela E. 1 Análise descritiva das respostas das/os 528 inquiridas/os à GTS.

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Já bati em rapazes que parecem maricas	528	3	7	6,86	,558
Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	528	2	7	6,84	,548
Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	528	1	7	6,21	1,329
Deus criou apenas dois sexos	528	1	7	5,46	2,013
Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	528	1	7	6,30	1,268
Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	528	1	7	6,19	1,372
Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	528	1	7	6,03	1,431
As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	528	1	7	5,61	1,741
Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	528	2	7	6,56	,976
Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	528	1	7	6,44	1,119
Homens que depilam as pernas são esquisitos	528	1	7	6,52	,999

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	528	1	7	6,39	1,107
Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	528	1	7	6,32	1,251
As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	528	1	7	6,19	1,390
Mulheres que se veem como homens não são normais	528	1	7	6,40	1,139
Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	528	1	7	6,48	1,093
Um homem que se veste de mulher é um pervertido	528	1	7	6,38	1,111
Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento	528	1	7	5,45	1,719
Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	528	3	7	6,71	,718
Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	528	1	7	6,75	,704
Homens passivos são fracos	528	1	7	6,43	1,041
Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	528	1	7	6,31	1,160
As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	528	1	7	6,74	,752
Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	528	1	7	6,46	1,137
Homens femininos deixam-me desconfortável	528	1	7	6,12	1,378

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	528	1	7	6,04	1,522
As pessoas ou são homens ou são mulheres	528	1	7	5,31	1,954
Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	528	1	7	6,25	1,252
Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	528	2	7	6,31	1,209
É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	528	1	7	6,39	1,189
Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	528	1	7	6,62	,860
Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	528	3	7	6,88	,426

Tabela E. 2 Análise descritiva das respostas dos indivíduos que se identificaram enquanto homens à GTS.

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Já bati em rapazes que parecem maricas	152	3	7	6,71	,827
Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	152	3	7	6,77	,685
Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	152	1	7	5,78	1,624
Deus criou apenas dois sexos	152	1	7	5,34	2,033
Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	152	1	7	5,83	1,623

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	152	1	7	5,70	1,730
Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	152	1	7	5,65	1,677
As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	152	1	7	5,30	1,862
Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	152	2	7	6,36	1,154
Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	152	1	7	6,07	1,461
Homens que depilam as pernas são esquisitos	152	1	7	6,41	1,100
Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	152	1	7	6,15	1,331
Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	152	1	7	6,04	1,491
As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	152	1	7	5,61	1,761
Mulheres que se veem como homens não são normais	152	1	7	6,14	1,381
Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	152	1	7	6,13	1,459
Um homem que se veste de mulher é um perverso	152	1	7	6,07	1,401
Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento	152	1	7	5,14	1,818

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	152	3	7	6,56	,912
Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	152	1	7	6,55	1,022
Homens passivos são fracos	152	1	7	6,24	1,222
Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	152	1	7	6,01	1,430
As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	152	4	7	6,70	,735
Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	152	1	7	6,25	1,411
Homens femininos deixam-me desconfortável	152	1	7	5,61	1,664
Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	152	1	7	5,55	1,894
As pessoas ou são homens ou são mulheres	152	1	7	4,99	2,179
Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	152	1	7	5,93	1,551
Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	152	2	7	6,11	1,308
É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	152	1	7	6,11	1,476
Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	152	1	7	6,35	1,181
Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	152	4	7	6,86	,461

Tabela E. 3 Análise descritiva das respostas das inquiridas que se identificaram enquanto mulheres à GTS.

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Já bati em rapazes que parecem maricas	376	3	7	6,93	,386
Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	376	2	7	6,86	,479
Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	376	1	7	6,38	1,146
Deus criou apenas dois sexos	376	1	7	5,51	2,005
Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	376	1	7	6,48	1,038
Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	376	2	7	6,39	1,142
Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	376	1	7	6,19	1,290
As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	376	1	7	5,74	1,675
Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	376	2	7	6,64	,884
Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	376	1	7	6,58	,908
Homens que depilam as pernas são esquisitos	376	3	7	6,56	,953
Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	376	2	7	6,49	,988

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	376	2	7	6,43	1,122
As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	376	1	7	6,43	1,127
Mulheres que se veem como homens não são normais	376	2	7	6,50	1,009
Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	376	2	7	6,61	,869
Um homem que se veste de mulher é um pervertido	376	2	7	6,51	,944
Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento	376	1	7	5,57	1,664
Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	376	3	7	6,77	,614
Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	376	3	7	6,83	,504
Homens passivos são fracos	376	2	7	6,50	,949
Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	376	3	7	6,43	1,007
As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	376	1	7	6,75	,760
Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	376	1	7	6,54	,995
Homens femininos deixam-me desconfortável	376	1	7	6,33	1,183
Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	376	1	7	6,24	1,295
As pessoas ou são homens ou são mulheres	376	1	7	5,44	1,842

Perguntas	N	Min	Máx	Média	DP
Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	376	2	7	6,38	1,086
Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	376	2	7	6,40	1,157
É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	376	1	7	6,50	1,033
Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	376	3	7	6,73	,660
Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	376	3	7	6,88	,412

Apêndice F

Resultados da aplicação do teste t para duas amostras independentes

Tabela F. 1 Resultados da aplicação do teste t²⁹ na categoria género.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=528	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,000	3,073	178,234	<u>0,002</u>
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,001	1,555	213,194	0,121
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,000	4,201	214,437	<u>0,000</u>
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,607	0,871	526	0,384
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,000	4,611	202,841	<u>0,000</u>
Pergunta 6. Já provoqueei um homem por ter um comportamento feminino;	0,000	4,522	206,290	<u>0,000</u>
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	0,000	3,551	226,628	<u>0,000</u>
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,017	2,548	254,971	<u>0,011</u>
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,000	2,655	225,950	<u>0,008</u>
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,000	4,004	199,936	<u>0,000</u>
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,065	1,599	526	0,110

²⁹ H_0 = A média da pontuação das respostas das pessoas que se identificam como mulheres é igual à média das pontuações das respostas das pessoas que se identificam enquanto homens.

H_a = A variância das respostas que se identificam como mulheres é diferente da variância das respostas das pessoas que se identificam enquanto homens.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=528	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,000	2,809	221,312	<u>0,005</u>
Pergunta 13. Já fiz pouco de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,000	2,939	223,358	<u>0,004</u>
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,000	5,354	202,886	<u>0,000</u>
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,000	2,929	219,107	<u>0,004</u>
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,000	3,816	195,787	<u>0,000</u>
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,000	3,503	208,687	<u>0,001</u>
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,058	2,616	526	<u>0,009</u>
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,000	2,570	208,658	<u>0,011</u>
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,000	3,267	181,403	<u>0,001</u>
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,001	2,405	228,212	<u>0,017</u>
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,000	3,338	214,088	<u>0,001</u>
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,284	0,636	526	0,525
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,000	2,333	214,362	<u>0,021</u>
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,000	4,890	215,393	<u>0,000</u>
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,000	4,100	210,410	<u>0,000</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=528	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,000	2,246	242,717	<u>0,026</u>
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,000	3,201	213,372	<u>0,002</u>
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,063	2,541	526	<u>0,011</u>
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,000	2,941	213,299	<u>0,004</u>
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,000	3,791	190,344	<u>0,000</u>
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,367	0,451	526	0,652

Tabela F. 2 Resultados da aplicação do teste t à categoria "crenças religiosas" n=mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,068	-0,999	375	0,318
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,000	-2,377	240,280	<u>0,018</u>
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,000	3,369	281,439	<u>0,001</u>
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,000	-7,121	292,378	<u>0,000</u>
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,000	-3,768	264,098	<u>0,000</u>
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,031	-2,210	322,260	<u>0,028</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	0,000	-4,144	290,472	<u>0,000</u>
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,000	-4,964	323,154	<u>0,000</u>
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,096	-1,214	374	0,225
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,000	-2,370	312,324	<u>0,018</u>
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,001	-2,076	296,476	<u>0,039</u>
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,000	-3,863	293,194	<u>0,000</u>
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,238	-1,440	374	0,151
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,000	-4,811	268,571	<u>0,000</u>
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,000	-4,644	248,761	<u>0,000</u>
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,000	-3,150	264,063	<u>0,002</u>
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,000	-3,577	277,622	<u>0,000</u>
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,000	-3,719	317,966	<u>0,000</u>
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,000	-3,645	255,415	<u>0,000</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,000	-2,150	263,670	<u>0,032</u>
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,019	-2,148	319,509	<u>0,032</u>
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquiagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,008	-2,355	324,244	<u>0,019</u>
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu gênero de forma livre;	0,000	-3,545	208,799	<u>0,000</u>
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,000	-4,348	272,811	<u>0,000</u>
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,000	-3,391	293,595	<u>0,001</u>
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,011	-2,564	311,864	<u>0,011</u>
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,000	-5,256	309,607	<u>0,000</u>
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,031	-2,333	309,423	<u>0,020</u>
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,000	-4,027	278,943	<u>0,000</u>
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,000	-3,465	292,309	<u>0,001</u>
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,000	-2,636	302,518	<u>0,009</u>
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquiagem, considerava bater-lhe;	0,000	-2,094	534,142	<u>0,037</u>

Tabela F. 3 Resultados da aplicação do teste t^{30} à categoria "crenças religiosas" n=homens.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,000	-2,431	61,571	<u>0,018</u>
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,001	-1,531	60,539	0,131
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,004	-2,740	76,048	<u>0,008</u>
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,083	-6,418	150	<u>0,000</u>
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,004	-2,751	73,581	<u>0,007</u>
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,010	-1,786	75,200	0,078
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	0,008	-4,005	72,414	<u>0,000</u>
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,585	-3,092	150	<u>0,002</u>
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,014	-1,399	71,875	0,116
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,000	-3,781	61,798	<u>0,000</u>
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,084	-1,307	150	0,193

³⁰ H_0 = A média das pontuações dadas às perguntas das pessoas que dizem possuir crenças religiosas é igual à média das pontuações dadas às perguntas das pessoas que dizem não possuir crenças religiosas.

H_a = A média das pontuações dadas às perguntas das pessoas que dizem possuir crenças religiosas é diferente à média das pontuações dadas às perguntas das pessoas que dizem não possuir crenças religiosas.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene T-teste 95% confiança			
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,000	-3,163	63,369	<u>0,002</u>
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,006	-1,722	71,854	0,089
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,000	-4,448	67,392	<u>0,000</u>
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,000	-2,975	63,169	<u>0,004</u>
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,000	-3,733	58,079	<u>0,000</u>
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,000	-3,573	58,144	<u>0,001</u>
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,552	-3,374	150	<u>0,001</u>
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,000	-2,968	58,710	<u>0,004</u>
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,000	-1,975	60,832	0,053
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,228	-1,754	150	0,081
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,009	-2,752	70,203	<u>0,008</u>
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,000	-2,655	53,752	<u>0,010</u>
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,002	-2,850	70,315	<u>0,006</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,000	-4,022	65,168	<u>0,000</u>
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,007	-3,365	73,520	<u>0,001</u>
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,253	-4,604	150	<u>0,000</u>
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,000	-3,045	65,848	<u>0,003</u>
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,000	-3,432	66,747	<u>0,001</u>
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,000	-2,864	60,139	<u>0,006</u>
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,212	-1,400	150	0,164
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,000	-2,145	51,063	<u>0,037</u>

Tabela F. 4 Resultados da aplicação do teste t à categoria amigos LGB, n=homens.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,995	-0,012	150	0,990
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,100	0,783	150	0,435
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,346	2,030	150	<u>0,044</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene T-teste 95% confiança			
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,410	1,027	150	0,306
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pênis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,143	2,373	150	<u>0,019</u>
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,355	0,197	150	0,844
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo;	0,462	1,286	150	0,200
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,847	0,222	150	0,825
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,005	0,683	6,170	0,519
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,010	1,583	6,200	0,163
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,902	1,360	150	0,176
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,271	-0,854	150	0,394
Pergunta 13. "Já fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,429	-0,706	150	0,481
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,719	1,152	150	0,251
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,464	1,112	150	0,268
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos;	0,015	1,455	6,192	0,194

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,107	1,528	150	0,129
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,516	-1,062	150	0,290
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,163	1,239	150	0,217
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,284	1,069	150	0,287
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,059	1,160	150	0,248
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,653	0,823	150	0,412
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,101	1,014	150	0,312
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,650	0,479	150	0,633
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,019	1,991	6,253	0,092
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,050	1,648	6,295	0,148
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,927	1,598	150	0,112
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,564	0,383	150	0,702
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,420	-0,078	150	0,938
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,459	0,205	150	0,838

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,845	-0,183	150	0,855
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquiagem, considerava bater-lhe;	0,978	0,028	150	0,978

Tabela F. 5 Resultados da aplicação do teste t à categoria "Amigos LGB", n= mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,233	-0,585	374	0,559
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,074	-0,859	374	0,391
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,026	1,078	8,171	0,312
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,788	0,100	374	0,920
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,535	-0,209	374	0,835
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,055	-1,043	374	0,298
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	0,068	-0,863	374	0,389
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,452	0,736	374	0,462
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,192	0,666	374	0,506

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene T-teste 95% confiança			
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,378	-0,281	374	0,779
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,045	1,144	8,153	0,285
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,469	0,471	374	0,638
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,817	-0,030	374	0,976
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,237	1,126	374	0,246
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,905	0,167	374	0,868
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,194	0,593	374	0,553
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,359	0,553	374	0,581
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,460	-0,371	374	0,711
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,220	-0,607	374	0,544
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,473	-0,356	374	0,722
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,002	0,889	8,112	0,400
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,215	0,629	374	0,530
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,418	0,333	374	0,740

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,399	0,638	374	0,524
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,471	0,276	374	0,783
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,991	0,300	374	0,764
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,540	0,731	374	0,465
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,002	0,574	8,110	0,581
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,849	1,047	374	0,296
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,011	0,879	8,134	0,405
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,029	0,410	8,090	0,692
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,874	-0,63	374	0,950

Tabela F. 6 Resultados da aplicação do teste t para a categoria "Tipo de ensino", n= homens.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=149	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,384	0,702	147	0,484
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,003	1,138	20,037	0,268

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=149	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,934	1,154	147	0,250
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,030	1,400	21,567	0,176
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,707	-0,105	147	0,917
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,045	-1,398	26,457	0,174
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo;	0,864	0,658	147	0,512
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,465	1,402	147	0,163
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,210	0,397	147	0,692
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,425	1,286	147	0,200
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,475	0,808	147	0,420
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,816	-0,107	147	0,915
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,721	0,430	147	0,668
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,951	0,968	147	0,335
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,075	1,224	147	0,223

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=149	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos;	0,083	1,712	147	0,089
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,171	1,071	147	0,286
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,650	0,057	147	0,955
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,121	0,778	147	0,438
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,303	-0,567	147	0,571
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,231	1,041	147	0,300
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,325	0,810	147	0,419
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,000	1,382	19,674	0,182
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,635	0,944	147	0,347
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,097	2,219	147	<u>0,028</u>
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,515	0,767	147	0,444
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,433	1,136	147	0,218
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,141	-0,937	147	0,350
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,224	1,106	147	0,270

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=149	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,243	-0,938	147	0,350
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,267	-0,557	147	0,578
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,863	0,169	147	0,866

Tabela F. 7 Resultados da aplicação do teste t para a categoria "tipo de ensino", n=mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,101	0,869	371	0,386
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,961	0,009	371	0,993
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,950	0,271	371	0,787
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,796	-0,240	371	0,810
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,794	-0,091	371	0,928
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,324	-0,085	371	0,993
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo;	0,877	0,932	371	0,352
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,005	1,722	62,640	0,090

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,160	-0,813	371	0,417
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,002	1,372	59,242	0,175
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,028	-1,456	79,997	0,149
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,151	0,789	371	0,431
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,003	-2,304	114,249	<u>0,023</u>
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,027	1,228	60,843	0,224
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,809	-0,305	371	0,760
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,625	-0,311	371	0,756
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,341	0,664	371	0,507
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,126	1,353	371	0,177
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,180	-0,710	371	0,478
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,796	0,064	371	0,949
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,032	0,639	60,272	0,525

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,017	1,468	62,908	0,147
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,791	0,203	371	0,839
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,307	0,519	371	0,604
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,242	1,261	371	0,208
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,735	0,310	371	0,757
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,894	0,508	371	0,611
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,312	0,800	371	0,424
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,929	0,007	371	0,995
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,012	1,182	59,969	0,242
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,504	-0,320	371	0,749
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,824	0,111	371	9,912

Tabela F. 8 Resultados aplicação do teste t para a categoria "amigos transgênero", n=mulheres.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,127	0,782	372	0,435
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,212	0,667	372	0,505
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,000	5,857	365,475	<u>0,000</u>
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,000	5,480	299,746	<u>0,000</u>
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pênis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,000	5,248	366,830	<u>0,000</u>
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,001	2,220	310,930	<u>0,027</u>
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo;	0,000	5,016	323,525	<u>0,000</u>
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,000	3,507	253,466	<u>0,001</u>
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,565	0,418	374	0,676
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,000	3,585	325,457	<u>0,000</u>
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,942	0,374	374	0,785
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,000	5,369	373,996	<u>0,000</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,434	0,821	374	0,412
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,000	3,064	321,172	<u>0,002</u>
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,000	3,730	330,528	<u>0,000</u>
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,000	4,412	367,781	<u>0,000</u>
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,006	2,168	274,026	<u>0,031</u>
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,000	3,569	270,292	<u>0,000</u>
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,000	2,391	318,775	<u>0,017</u>
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,001	2,006	312,368	<u>0,046</u>
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,000	3,133	343,606	<u>0,002</u>
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,005	2,256	279,107	<u>0,025</u>
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,083	1,063	374	0,288
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,000	5,004	371,760	<u>0,000</u>
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,000	4,868	343,871	<u>0,000</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=376	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,000	5,875	360,521	<u>0,000</u>
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,000	5,192	293,476	<u>0,000</u>
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,000	3,253	322,454	<u>0,001</u>
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,000	4,955	356,872	<u>0,000</u>
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,000	4,300	362,796	<u>0,000</u>
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,000	3,736	373,530	<u>0,000</u>
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,121	0,812	374	0,417

Tabela F. 9 Resultados da aplicação do teste t^{31} à categoria "amigos transgénero", n= homens.

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene	T-teste 95% confiança		
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas;	0,045	1,251	92,269	0,214
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina;	0,337	0,441	150	0,660

³¹ H_0 = A média das pontuações dadas pelas pessoas que se identificam enquanto mulheres e têm amigos/as Transgénero é igual à média das pontuações dadas pelas pessoas que se identificam enquanto mulheres e não têm amigos/as transgénero.

H_a = A média das pontuações dadas pelas pessoas que se identificam enquanto mulheres e têm amigos/as transgénero é diferente da média das pontuações dadas pelas pessoas que se identificam enquanto mulheres e não têm amigos/as transgénero

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene T-teste 95% confiança			
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me;	0,000	4,479	129,909	<u>0,000</u>
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos;	0,005	2,449	91,410	<u>0,016</u>
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pénis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente;	0,000	4,366	124,319	<u>0,000</u>
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino;	0,003	2,261	99,934	<u>0,026</u>
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo;	0,000	3,706	104,183	<u>0,000</u>
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino;	0,009	3,070	95,219	<u>0,003</u>
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher;	0,001	2,637	113,060	<u>0,010</u>
Pergunta 10. Homens que agem como mulheres deviam ter vergonha na cara;	0,000	4,171	137,183	<u>0,000</u>
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos;	0,410	1,134	150	0,259
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina;	0,002	3,689	131,724	<u>0,000</u>
Pergunta 13. “Já fiz pouco” de uma mulher por ela agir e parecer masculina;	0,490	1,137	150	0,257
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	0,003	3,041	97,669	<u>0,003</u>
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais;	0,000	5,158	149,245	<u>0,000</u>
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos;	0,000	3,782	114,894	<u>0,000</u>
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um pervertido;	0,005	3,268	107,953	<u>0,001</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene T-teste 95% confiança			
	Sig.	t	Df	Sig.
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento;	0,195	2,216	150	<u>0,028</u>
Pergunta 19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema;	0,000	2,907	124,905	<u>0,004</u>
Pergunta 20. Já me comportei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino;	0,772	0,189	150	0,851
Pergunta 21. Homens passivos são fracos;	0,038	2,605	101,738	<u>0,011</u>
Pergunta 22. Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar;	0,000	3,938	130,096	<u>0,000</u>
Pergunta 23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre;	0,000	2,860	146,040	<u>0,005</u>
Pergunta 24. Operações de mudança de sexo são moralmente erradas;	0,000	4,006	144,740	<u>0,000</u>
Pergunta 25. Homens femininos deixam-me desconfortável;	0,000	5,649	143,986	<u>0,000</u>
Pergunta 26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens;	0,000	3,822	108,488	<u>0,000</u>
Pergunta 27. As pessoas ou são homens ou mulheres;	0,000	3,683	102,191	<u>0,000</u>
Pergunta 28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres;	0,043	2,424	102,632	<u>0,017</u>
Pergunta 29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável;	0,000	4,159	133,435	<u>0,000</u>
Pergunta 30. É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem;	0,000	4,655	149,272	<u>0,000</u>

T-TESTE PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES n=152	Levene Sig.	T-teste 95% confiança		
		t	Df	Sig.
Pergunta 31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis;	0,039	1,869	105,845	0,064
Pergunta 32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, considerava bater-lhe;	0,826	-0,072	64,371	0,943

Apêndice G

Resultados da aplicação do teste paramétrico One-way ANOVA

Tabela G. 1 Apresentação dos resultados da aplicação do teste One-way ANOVA³². Para todos os resultados apresentados encontram-se validados os pressupostos de variância e homogeneidade da amostra.

Questão	Grupo	Sig.
Pergunta 1. Já bati em rapazes que parecem maricas	Nacionalidade	0,738
Pergunta 2. Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	Ciclo de estudos	0,504
	Nacionalidade	0,871
Pergunta 3. Se descobrisse que o meu melhor amigo estava a mudar de sexo passava-me	Ciclo de estudos	0,376
	Nacionalidade	0,108
	Residência	0,311
Pergunta 4. Deus criou apenas dois sexos	Ciclo de estudos	0,299
Pergunta 5. Se um amigo meu quisesse remover o pênis para se tornar mulher, não o iria apoiar abertamente	Ciclo de estudos	0,742
	Nacionalidade	0,602
Pergunta 6. Já provoquei um homem por ter um comportamento feminino	Ciclo de estudos	0,791
	Nacionalidade	0,390
	Residência	0,720

³² H₀= Não há diferença na pontuação média das respostas dos três grupos de estudantes definidos pelo ciclo de estudos que frequentam.

H₀= Não há diferença na pontuação média das respostas dos três grupos de estudantes definidos pela nacionalidade.

H₀= Não há diferença na pontuação média das respostas dos sete grupos de estudantes definidos pela sua residência de origem.

H₀= Não há diferença na pontuação média das respostas dos 45 grupos de estudantes definidos pela instituição de ensino que frequentam.

Questão	Grupo	Sig.
Pergunta 7. Homens que se vestem de travestis metem-me nojo	Ciclo de estudos	0,232
Pergunta 8. As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	Ciclo de estudos	0,521
Pergunta 9. Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher iria perguntar-lhe se era na realidade um homem ou uma mulher	Nacionalidade	0,390
	Residência	0,665
Pergunta 11. Homens que depilam as pernas são estanhos	Ciclo de estudos	0,241
	Nacionalidade	0,611
Pergunta 12. Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	Ciclo de estudos	0,321
Pergunta 13. Já fiz pouco de uma mulher por ela agir e parecer masculina	Ciclo de estudos	0,187
	Nacionalidade	0,640
Pergunta 14. As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo;	Ciclo de estudos	0,650
Pergunta 15. Mulheres que se veem como homens não são normais	Ciclo de estudos	0,972
	Nacionalidade	0,349
Pergunta 16. Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	Ciclo de estudos	0,406
	Nacionalidade	0,513
Pergunta 17. Um homem que se veste de mulher é um perverso	Ciclo de estudos	0,546
	Nacionalidade	0,612
Pergunta 18. Se descobrisse que a minha amante era do outro sexo, ficaria violento	Ciclo de estudos	0,871
	Residência de origem	0,188

Questão	Grupo	Sig.
19. Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	Nacionalidade	0,688
20. Já me comentei de forma violenta com um homem porque ele era muito feminino	Ciclo de estudos Residência de origem	0,898 0,925
21. Homens passivos são fracos	Ciclo de estudos Nacionalidade Residência	0,125 0,777 0,945
22. Se um homem com um vestido, maquiagem e voz fininha se aproximasse do meu filho, usaria a força física para o parar	Ciclo de estudos Nacionalidade	0,615 0,547
23. As pessoas não deveriam poder expressar o seu gênero de forma livre	Nacionalidade	0,830
25. Homens femininos deixam-me desconfortável	Residência	0,489
26. Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	Ciclo de estudos Nacionalidade	0,196 0,541
27. As pessoas ou são homens ou mulheres	Nacionalidade	0,501
28. Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	Instituição Ciclo de estudos	0,362 0,391
29. Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	Nacionalidade	0,615
31. Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	Ciclo de estudos	0,643
32. Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquiagem, considerava bater-lhe	Nacionalidade	0,646

Não rejeitar a H_0 se Sig > 0,05

Apêndice H

Resultados da aplicação do teste não-paramétrico Kruskal Wallis

Tabela H. 1 Resultados Kruskal Wallis para o grupo " orientação sexual", n=Homens.

	Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	Homens passivos são fracos	Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	Homens femininos deixam-me desconfortável
Qui-quadrado	4,965	7,961	19,985	5,723	17,474	11,904
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	,174	,047	,000	,126	,001	,008
Eu e os meus amigos						
	Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	As pessoas ou são homens ou são mulheres	Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	Não faz mal fazer troca de pessoas travestis	Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
Qui-quadrado	26,663	20,843	14,517	13,327	8,182	3,691
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	,000	,000	,002	,004	,042	,297

H₀= As quatro categorias definidas pela orientação sexual dos estudantes tem a mesma distribuição de pontuações nas respostas dos alunos à GTS.

H_A= Existe pelo menos um grupo de estudantes, definido pela sua orientação sexual, que tem a distribuição nas respostas dadas à GTS diferente das demais. Aceitou-se H₀ sempre que a sig > 0,005 e a H_a sempre que a sig < ou igual a 0,05.

Tabela H. 2 Resultados do teste de Scheffé, para o grupo “orientação sexual” apenas se encontram representados os resultados cujas diferenças entre as categorias foram significativas para os testes Kruskal-Wallis e ANOVA, n=homens.

Comparações múltiplas						
Scheffé	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95% Lower Bound Upper Bound
Rank da pergunta 3	Heterossexual (m=5,50) ³³	Homossexual (m=6,56)	-22,701	8,766585	,087 ³⁴	-47,492 2,089
Rank da pergunta 5	Heterossexual (m=5,52)	Bissexual (m=6,92)	-39,264*	11,324	0,008	-71,288 -10,169
Rank da pergunta 7	Heterossexual (m=4,86)	Homossexual (m=6,60)	-26,191*	8,932	0,038	-51,452 -0,930
Rank da pergunta 8	Heterossexual (m=4,86)	Bissexual (m=6,92)	-51,896*	11,533	0,000	-84,511 -19,281
Rank da pergunta 10	Homossexual (m=6,72)	Homossexual (m=6,36)	-37,158*	8,3955	0,000	-60,900 -13,415
Rank da pergunta 12	Heterossexual (m=5,93)	Heterossexual (m=5,84)	24,518*	8,257	0,035	1,1672 47,869
Rank da pergunta 14	Heterossexual (m=5,30)	Homossexual (m=6,80)	-26,254*	8,362	0,022	-49,902 -2,607
Rank da pergunta 15.	Heterossexual (m=5,91)	Homossexual (m=6,56)	-33,040*	8,6772	0,003	-57,578 -8,501
	Heterossexual (m=5,91)	Homossexual (m=6,76)	27,080*	8,185	0,014	3,931 50,229

³³ Os valores de “m” indicados na tabela foram retirados de uma análise descritiva e correspondem aos valores médios de pontuação à pergunta segundo o grupo n=152.

³⁴ Apesar de ser um valor > 0,05 ambos os testes Kruskal-Wallis e *one-way* ANOVA deram significativos.

Comparações múltiplas							
Scheffé	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Rank da pergunta 16	Homossexual (m=6,88)	Heterossexual (m=5,88)	29,365*	8,030	0,004	6,657	52,074
Rank da pergunta 17	Heterossexual (m=5,82)	Bissexual (m=6,92)	-35,623*	11,450	0,024	-68,005	-3,240
		Homossexual (m=6,72)	-25,499*	8,335	0,027	-49,072	-1,926
Rank da pergunta 18	Heterossexual (m=4,83)	Homossexual (m=6,20)	-30,783*	9,081	0,011	-56,465	-5,101
Rank da pergunta19	Homossexual (m=6,96)	Heterossexual (m=6,42)	21,019*	7,112	0,036	0,9061	41,132
Rank da pergunta21	Heterossexual (m=6,10)	Bissexual (m=6,83)	-24,898	11,550	<u>0,204</u>	-57,563	7,767
Rank da pergunta22	Heterossexual (m=5,74)	Bissexual (m=6,83)	-33,934*	11,467	0,036	-66,363	-1,505
		Homossexual (m=6,72)	-32,017*	8,347	0,002	-55,624	-8,410
Rank da pergunta 24	Heterossexual (m=6,01)	Bissexual (m=7,00)	-31,176*	10,442	0,033	-60,706	-1,647
		Homossexual (m=6,92)	-26,176*	7,601	0,009	-47,673	-4,680
Rank da pergunta 25	Heterossexual (m=5,35)	Bissexual (m=6,42)	-29,662	12,346	<u>0,128</u>	-64,579	5,253
		Homossexual (m=6,28)	-21,679	8,988	<u>0,126</u>	-47,097	3,737

Comparações múltiplas							
Scheffé		(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95% Lower Bound Upper Bound
Variável dependente							
Rank da pergunta 26	Heterossexual (m=5,12)	Bissexual (m=6,58)	Homossexual (m=6,88)	-34,488*	11,298	0,028	-66,440 -2,536
Rank da pergunta 27	Homossexual (m=6,40)	Heterossexual (m=4,53)	Heterossexual (m=6,88)	-40,246*	8,225	0,000	-63,506 -16,987
Rank da pergunta 29	Heterossexual (m=5,89)	Bissexual (m=6,92)	Heterossexual (m=6,88)	35,930*	8,742	0,001	11,208 60,653
Rank da pergunta 30	Homossexual (m=6,76)	Heterossexual (m=5,88)	Heterossexual (m=6,80)	-35,926*	11,609	0,025	-68,757 -3,095
Rank da pergunta 31	Heterossexual (m=6,21)	Heterossexual (m=6,80)	Heterossexual (m=6,80)	24,041*	8,094	0,035	1,1502 46,933
				-21,021	7,951	<u>0,77</u>	-42,507 1,465

Tabela H. 3 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "orientação sexual", n = mulheres.

Já bati em rapazes que parecem maricas	Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	Deus criou apenas dois sexos	Se um amigo quisesse remover o pênis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo
7,459	1,819	15,990	15,070	7,659	1,911	16,211
Qui- quadrado						
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	,059	,611	,001	,054	,591	,001
As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino						
17,669	Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	Homens que depilam as pernas são esquisitos	Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo
1,333	6,245	4,941	7,647	6,512	10,772	
Qui- quadrado						
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	,001	,721	,176	,054	,089	,013
Mulheres que se veem como homens não são normais						
10,700	Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos	Um homem que se veste de mulher é um pervertido	Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento	Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	Homens passivos são fracos
10,324	10,324	7,640	16,750	5,268	2,297	9,095
Qui- quadrado						
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	,013	,016	,054	,001	,153	,513
						,028

	Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	Homens femininos deixam-me desconfortável	Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	As pessoas ou são homens ou são mulheres
Qui- quadrado	12,876	5,494	5,006	10,118	14,613	22,263
g.l.	3	3	3	3	3	3
Sig.	<u>,005</u>	,139	,171	<u>,018</u>	<u>,002</u>	,000
	Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe	
Qui- quadrado	8,981	10,472	8,767	6,275	4,606	
g.l.	3	3	3	3	3	
Sig.	<u>,030</u>	<u>,015</u>	<u>,033</u>	,099	,203	

Tabela H. 4 Resultados do teste de Scheffé, para o grupo “orientação sexual” apenas se encontram representados os resultados cujas diferenças entre as categorias foram significativas para os testes Kruskal-Wallis e ANOVA, n= mulheres.

Scheffé		Comparações múltiplas					
Variável dependente	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Lower Bound	Upper Bound
Rank da pergunta 3	Heterossexual (m ³⁵ =6,30)	Bissexual (m=6,97)	-60,060*	16,645	0,005	-106,809	-13,312
Rank da pergunta 4	Heterossexual (m=5,35)	Bissexual (m=6,57)	-64,549*	18,369	0,007	-116,139	-12,959
Rank da pergunta 7	Heterossexual (m=6,10)	Bissexual (m=6,77)	-58,206*	17,836	0,015	-108,298	-8,114
Rank da pergunta 8	Heterossexual (m=5,63)	Bissexual (m=6,67)	-72,233*	18,704	0,002	-124,763	-19,703
Rank da pergunta 14	Heterossexual (m=6,37)	Bissexual (m=6,87)	-43,009	26,421	<u>0,078³⁶</u>	-89,126	3,107
Rank da pergunta 15	Heterossexual (m=6,44)	Bissexual (m=6,87)	-37,092	16,310	<u>0,162</u>	-82,898	7,714
Rank da pergunta 16	Heterossexual (m=6,57)	Bissexual (m=6,97)	-43,118*	15,156	0,046	-85,683	-0,553
Rank da pergunta 18	Heterossexual (m=5,45)	Bissexual (m=6,50)	-67,960*	19,344	0,007	-122,288	-13,633
Rank da pergunta 21	Heterossexual (m=6,45)	Bissexual (m=6,87)	-40,833	16,724	<u>0,116</u>	-87,803	6,136
Rank da pergunta 22	Heterossexual (m=6,37)	Bissexual (m=6,93)	-55,699*	16,885	0,013	-103,120	-8,278

³⁵ Os valores de “m” indicados na tabela foram retirados da análise descritiva e correspondem aos valores médios de pontuação à pergunta segundo o grupo n=373.

³⁶ Apesar de ser um valor > 0,05 ambos os testes Kruskal-Wallis e *one-way* ANOVA deram significativos.

		Comparações múltiplas						
Scheffé	Variável dependente	(I) Orientação Sexual	(J) Orientação Sexual	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95% Lower Bound	Upper Bound
	Rank da pergunta 25	Heterossexual (m=6,27)	Bissexual (m=6,80)	-47,222	12,333	<u>0,061</u>	-95,901	1,455
	Rank da pergunta 26	Heterossexual (m=6,16)	Bissexual (m=6,87)	-60,352*	17,325	0,008	-109,008	-11,697
	Rank da pergunta 27	Heterossexual (m=5,28)	Bissexual (m=6,50)	-74,551*	19,131	0,002	-128,280	-20,823
	Rank da pergunta 28	Heterossexual (m=6,33)	Bissexual (m=6,83)	-52,539*	17,434	0,030	-101,503	-3,576
	Rank da pergunta 29	Heterossexual (m=6,33)	Bissexual (m=6,90)	-45,706	16,572	<u>0,057</u>	-92,250	0,836
	Rank da pergunta 30	Heterossexual (m=6,45)	Bissexual (m=6,83)	-37,483	16,037	<u>0,143</u>	-82,523	7,557

Tabela H. 5 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "afinidade política", n = homens.

	Já bati em rapazes que parecem maricas	Já me comentei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	Deus criou apenas dois sexos	Se um amigo quisesse remover o pênis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino	Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo
Qui- quadrado	5,912	10,530	13,372	23,686	13,406	4,036	25,179
g.l.	4	4	4	4	4	4	4
Sig.	,206	<u>,032</u>	<u>,010</u>	<u>,000</u>	<u>,009</u>	<u>,401</u>	<u>,000</u>

	As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	Homens que depilam as pernas são esquisitos	Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina
Qui- quadrado	7,444	2,949	15,911	6,513	15,914	,911
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	,114	,566	<u>,003</u>	,164	<u>,003</u>	,923

	As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	Mulheres que se veem como homens não são normais	Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos	Um homem que se veste de mulher é um pervertido	Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento	Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema
Qui- quadrado	18,331	13,926	18,224	24,435	9,435	10,242
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	<u>,001</u>	<u>,008</u>	<u>,001</u>	<u>,000</u>	,051	<u>,037</u>

Imagens Sociais de Pessoas Transgénero: uma análise a partir de estudantes do ensino superior português

		Se um homem com um				Operações de		Homens	
		vestido, maquilhagem e voz		As pessoas não		mudança de sexo		femininos	
		fininha se aproximasse do		deveriam poder		são moralmente		deixam-me	
		meu filho/a, usaria a força		expressar o seu		erradas		desconfortável	
		física para o parar		género de forma livre					
Qui-	2,234	6,977		11,422		26,081		12,323	
quadrado									
g.l.	4	4		4		4		4	
Sig.	,693	,137		,022		,000		,015	
		Eu não iria a um bar		É moralmente errado		Se eu encontrasse um			
		frequentado por		mulheres		homem a usar saltos			
		mulheres que já		frequentemente		altos, collants e			
		tivessem sido		masculinas		maquilhagem,			
		homens		deixam-me		maquilhagem,			
		mulheres		desconfortável		consideraria bater-lhe			
Qui-	12,584	5,069		10,497		3,622		8,284	
quadrado									
g.l.	4	4		4		4		4	
Sig.	,013	,280		,033		,460		,082	

H₀= As seis categorias definidas pela afinidade política das/os estudantes tem a mesma distribuição de pontuações nas respostas dos alunos à GTS.

H_A= Existe pelo menos um grupo de estudantes, definido pela sua afinidade política, que tem a distribuição nas respostas dadas à GTS diferente das demais.

Tabela H. 6 Resultados do teste de Scheffé, para o grupo “afinidade política” apenas se encontram representados os resultados cujas diferenças entre as categorias foram significativas para os testes Kruskal-Wallis e ANOVA, n= homens.

Variável dependente	(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Comparações múltiplas			Intervalo de confiança 95%	
			Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Rank da pergunta 2	Extrema-esquerda (m ³⁷ =6,00)	Esquerda (m=6,90)	-27,218	9,993	0,122 ³⁸	-58,397	3,960
Rank da pergunta 3	Esquerda (m=6,21)	Direita (m=5,15)	28,865*	9,055	0,042	0,611	57,119
Rank da pergunta 4	Esquerda (m=5,99)	Centro (m=4,20)	37,755*	10,670	0,017	4,463	71,047
Rank da pergunta 5	Esquerda (m=6,18)	Direita (m=4,04)	38,570*	8,631	0,001	11,640	65,500
Rank da pergunta 7	Direita (m=4,58)	Extrema-esquerda (m=6,57)	31,099*	8,927	0,019	3,244	58,955
Rank da pergunta 10	Centro (m=5,33)	Esquerda (m=6,12)	-50,859*	16,208	0,48	-101,431	-0,288
Rank da pergunta 12	Direita (m=5,73)	S/Afinidade (m=5,75)	-42,952*	8,795	0,000	-70,393	-15,511
		Esquerda (m=6,43)	-38,913*	9,796	0,005	-69,479	-8,347
		Esquerda (m=6,52)	-33,960*	10,537	0,039	-66,838	-1,081
		Esquerda (m=6,52)	-30,179*	8,595	0,018	-56,998	-3,360

³⁷ Os valores de “m” indicados na tabela foram retirados da análise descritiva e correspondem aos valores médios de pontuação à pergunta segundo o grupo n=151.

³⁸ Apesar de ser um valor > 0,05 ambos os testes Kruskal-Wallis e *one-way* ANOVA deram significativos.

Scheffé		Comparações múltiplas					
Variável dependente	(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	Upper Bound
						Lower Bound	
Rank da pergunta 14	Direita (m=4,35)	Esquerda (m=5,96) S/Afinidade (m=5,92)	-37,733*	8,981	0,002	-65,756	-9,710
Rank da pergunta 15	Esquerda (m=6,48)	Centro (m=5,20)	-31,416	10,605	<u>0,073</u>	-1,673	64,506
Rank da pergunta 16	Direita (m=5,42)	Esquerda (m=6,52)	-36,045*	8,324	0,001	-62,019	-10,071
Rank da pergunta 17	Direita (m=5,15)	Esquerda (m=6,42) S/Afinidade (m=6,19)	-41,982*	8,407	0,000	-68,214	-15,751
Rank da pergunta 19	Direita (m=6,15)	Esquerda (m=6,78)	-38,561*	9,365	0,003	-67,781	-9,342
Rank da pergunta 23	Direita (m=6,42)	Esquerda (m=6,93)	-21,804	7,372	<u>0,073</u>	-44,806	1,197
Rank da pergunta 24	Direita (m=5,31)	Esquerda (m=6,64) Centro (m=6,60) S/Afinidade (m=6,11)	-20,968*	6,566	0,042	-41,457	-0,479
Rank da Pergunta 25	Direita (m=4,77)	Esquerda (m=5,91)	-41,945*	7,672	0,000	-65,885	-18,004
Rank da Pergunta 26	Direita (m=4,85)	Esquerda (m=6,01)	-36,455*	10,767	0,025	-70,050	-2,859
			-31,385	8,547	0,011	-58,052	-4,718
			-31,164*	9,341	0,029	-60,310	-2,018
			-28,853*	9,026	0,041	-57,015	-0,691

Comparações múltiplas									
Scheffé		(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%		
Variável dependente							Lower Bound	Upper Bound	
Rank da pergunta 27		Esquerda (m=5,58)	Centro (m=3,73)	36,508*	11,388	0,040	0,977	72,039	
			Direita (m=3,85)	32,007*	9,221	0,020	3,266	60,748	
Rank da pergunta 29		Direita (m=5,46)	Esquerda (m=6,30)	-26,546	8,947	0,072	-54,462	1,369	
			S/Afinidade (m=6,25)	-29,502	9,966	0,073	-60,597	1,593	
Rank da pergunta 30		Esquerda (m=6,45)	Centro (m=5,07)	32,015*	10,181	0,047	0,249	63,782	
			Direita (m=5,35)	29,956*	8,235	0,013	4,261	55,652	

Tabela H. 7 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "afinidade política", n = mulheres.

Qui- quadrado	4,710	2,627	8,259	15,127	17,156	10,404
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	,318	,622	,083	,004	,002	,034
	Já bati em rapazes que parecem maricas	Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	Se descobrisse que o/a meu melhor amigo/a estava a mudar de sexo, passava-me	Deus criou apenas dois sexos	Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	Já provoquei um homem por ele ter aparência ou comportamento feminino
Qui- quadrado	18,200	22,226	9,032	11,685	3,880	12,506
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	,001	,000	,060	,020	,422	,014
	Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	Homens que depilam as pernas são esquisitos	Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina
Qui- quadrado	7,283	9,540	18,762	7,489	15,401	10,881
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	,122	,049	,001	,112	,004	,028
	Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	Mulheres que se veem como homens não são normais	Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	Um homem que se veste de mulher é um pervertido	Se descobrisse que o/a meu/minha amante era do outro sexo, ficaria violento

	Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	Já me comportei de forma violenta para com um homem porque ele era muito feminino	Homens passivos são fracos	Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	Operações de mudança de sexo são moralmente erradas
Qui- quadrado	3,497	2,278	14,000	16,492	6,951	17,925
g.l.	4	4	4	4	4	4
Sig.	,478	,685	,007	,002	,139	,001

	Homens femininos deixam-me desconfortável	Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	As pessoas ou são homens ou são mulheres	Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres
Qui- quadrado	21,404	15,569	35,368	14,111
g.l.	4	4	4	4
Sig.	,000	,004	,000	,007

	Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
Qui- quadrado	17,423	15,142	19,013	5,758
g.l.	4	4	4	4
Sig.	,002	,004	,001	,218

Tabela H. 8 Resultados do teste de Scheffé, para o grupo “afinidade política” apenas se encontram representados os resultados cujas diferenças entre as categorias foram significativas para os testes Kruskal-Wallis e ANOVA, n=mulheres.

Scheffé		Comparações múltiplas					
Variável dependente	(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Lower Bound	Upper Bound
Rank da pergunta 4	Direita (m ³⁹ =4,98)	Esquerda (m=5,94)	-47,419	17,013	<u>0,103</u> ⁴⁰	-100,090	5,250
Rank da pergunta 5	Esquerda (m=6,67)	Direita (m=6,10)	50,158*	14,890	0,024	4,059	96,257
Rank da pergunta 6	Centro (m=6,05)	S/Afinidade (m=6,40)	31,411*	9,966	0,043	0,557	62,265
Rank da pergunta 7	Esquerda (m=6,53)	Esquerda (m=6,53)	-37,921	15,704	<u>0,215</u>	-86,541	10,698
Rank da pergunta 8	Esquerda (m=6,18)	Direita (m=5,67)	61,016*	16,466	0,009	10,037	111,995
Rank da pergunta 10	Esquerda (m=6,78)	S/Afinidade (m=6,09)	34,756*	11,021	0,043	0,637	68,876
Rank da pergunta 12	Esquerda (m=6,73)	Direita (m=5,25)	59,043*	17,225	0,021	5,716	112,369
		S/Afinidade (m=5,55)	39,888*	11,528	0,019	4,192	75,580
		Direita (m=6,36)	35,387	14,203	<u>0,187</u>	-8,583	79,358
		Direita (m=6,14)	48,498	15,168	0,039	1,538	95,458

³⁹ Os valores de “m” indicados na tabela foram retirados da análise descritiva e correspondem aos valores médios de pontuação à pergunta segundo o grupo n=372.

⁴⁰ Apesar de ser um valor > 0,05 ambos os testes Kruskal-Wallis e *one-way* ANOVA deram significativos.

Comparações múltiplas									
Scheffé		(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	Lower Bound	Upper Bound
Variável dependente									
Rank da pergunta 14	Esquerda (m=6,62)	Direita (m=6,29)	36,697	15,205	<u>0,215</u>	-10,374	83,770		
Rank da pergunta 15	Esquerda (m=6,72)	Direita (m=6,00)	54,012*	14,981	0,012	7,632	100,391		
Rank da pergunta 17	Esquerda (m=6,79)	S/Afinidade (m=6,35)	36,415*	10,137	0,013	5,030	67,799		
Rank da pergunta 18	Esquerda (m=5,89)	Centro (m=5,07)	45,657	18,093	<u>0,176</u>	-10,356	101,681		
Rank da pergunta 21	Esquerda (m=6,74)	Direita (m=6,12)	47,785*	15,362	0,048	0,224	95,345		
Rank da pergunta 22	Esquerda (m=6,73)	S/Afinidade (m=6,23)	38,391*	10,400	0,009	6,193	70,588		
Rank da pergunta 24	Esquerda (m=6,79)	Centro (m=6,21)	48,514*	14,151	0,021	4,704	92,324		
Rank da pergunta 25	Esquerda (m=6,63)	Direita (m=5,95)	62,260*	15,787	0,004	13,385	111,134		
Rank da pergunta 26	Esquerda (m=6,54)	S/Afinidade (m=6,23)	34,362*	10,566	0,033	1,651	67,074		
		S/Afinidade (m=6,06)	34,109*	10,715	0,040	0,935	67,282		

		Comparações múltiplas					
Scheffé		(I) Afinidade política	(J) Afinidade política	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95% Lower Bound Upper Bound
Variável dependente							
Rank da pergunta 27		Esquerda (m=6,07)	Centro (m=4,71) Direita (m=4,71) S/Afinidade (m=5,30)	81,106* 75,975* 47,352*	17,409 17,409 11,652	0,000 0,001 0,003	27,208 22,077 11,277 135,005 129,874 83,426
Rank da pergunta 28		Esquerda (m=6,62)	Centro (m=6,02)	52,297*	16,020	0,032	2,699 101,895
Rank da pergunta 29		Esquerda (m=6,66)	Direita (m=5,86)	52,974*	15,175	0,017	5,995 99,954
Rank da pergunta 30		Esquerda (m=6,74)	Centro (m=6,05)	46,902*	14,688	0,039	1,428 92,375
Rank da pergunta 31		Esquerda (m=6,89)	Centro (m=6,55)	46,575*	12,546	0,009	7,735 85,416

Tabela H. 9 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "ciclo de estudos", n= homens.

	P.9 Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	P.10 Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	P.19 Rapazes femininos deveriam ser curados do seu problema	P.23 As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	P.24 Operações de mudança de sexo são moralmente erradas
Qui-quadrado	5,561	4,385	2,621	,737	1,477
g.l.	2	2	2	2	2
Sig.	,062	,112	,270	,692	,478

	P.25 Homens femininos deixam-me desconfortável	P.27 As pessoas ou são homens ou são mulheres	P.29 Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	P.30 É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	P.32 Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
Qui-quadrado	,138	1,844	4,755	,327	1,129
g.l.	2	2	2	2	2
Sig.	,933	,398	,093	,849	,569

Tabela H. 10 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "ciclo de estudos", n= mulheres.

	Já bati em rapazes que parecem maricas	Se eu visse um homem na rua que eu pensasse que era afinal uma mulher, iria perguntar-lhe se era na verdade um homem ou uma mulher	Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre
Qui-quadrado	,327	3,558	3,482	2,235	,354
g.l.	2	2	2	2	2
Sig.	,849	,169	,175	,327	,838

Imagens Sociais de Pessoas Transgênero: uma análise a partir de estudantes do ensino superior português

	Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	Homens femininos deixam-me desconfortável	As pessoas ou são homens ou são mulheres	Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
Qui-quadrado	5,941	4,795	3,824	,530	,660	,934
g.l.	2	2	2	2	2	2
Sig.	,051	,091	,148	,767	,719	,627

H₀= As três categorias definidas pelo ciclo de estudos das(dos) estudantes tem a mesma distribuição de pontuações nas respostas dos alunos à GTS.

H_A= Existe pelo menos um grupo de estudantes, definido pela seu ciclo de estudos que tem a distribuição nas respostas dadas à GTS diferente das demais.

Tabela H. 11 Resultados da aplicação do Kruskal Wallis para o grupo "residência de origem", n= homens.

	2 Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	4 Deus criou apenas dois sexos	5 Se um amigo quisesse remover o pénis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	7 Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	8 As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino
Qui-quadrado	2,804	3,361	7,910	12,070	6,699
g.l.	6	6	6	6	6
Sig.	,833	,762	,245	,060	,350
					7,790

10 Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	11 Homens que depilam as pernas são esquisitos	12 Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	13 Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	14 As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	15 Mulheres que se veem como homens não são normais
5,539	18,160	15,383	6,783	11,196	18,655
Qui- quadrado					
g.l.	6	6	6	6	6
Sig.	,477	,006	,017	,082	,005

16 Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pénis e uns testículos	17 Um homem que se veste de mulher é um pervertido	19 Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	22 Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	23 As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	24 Operações de mudança de sexo são moralmente erradas
8,700	10,825	6,451	9,860	6,027	10,979
Qui- quadrado					
g.l.	6	6	6	6	6
Sig.	,191	,094	,375	,420	,089

28 Eu e os meus amigos					
26 Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	27 As pessoas ou são homens ou são mulheres	29 Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	30 É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	31 Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	32 Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
11,654	10,476	2,970	5,455	7,940	3,291
Qui- quadrado					
g.l.	6	6	6	6	6
Sig.	,070	,106	,813	,209	,772

Tabela H. 12 Resultados do teste de Scheffé, para o grupo “residência de origem” apenas se encontram representados os resultados cujas diferenças entre as categorias foram significativas para os testes Kruskal-Wallis e ANOVA, n=homens.

Scheffé Variável dependente	Comparações múltiplas					
	(I) Residência de origem	(J) Residência de origem	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95% Lower Bound Upper Bound
Rank da pergunta 11	Norte Litoral (m ⁴¹ =6,89)	Norte Interior (m=5,58)	35,444	12,139	<u>0,221</u> ⁴²	-8,292 79,181
Rank da pergunta 12	Norte Litoral (m=6,78)	Reg. Autónomas (m=5,77)	-41,165	12,597	<u>0,107</u>	-86,552 4,221
Rank da pergunta 15	Norte litoral (m=6,93)	Centro interior (m=5,92)	33,151	10,106	<u>0,105</u>	-3,260 60,563

⁴¹ Os valores de “m” indicados na tabela foram retirados da análise descritiva e correspondem aos valores médios de pontuação à pergunta segundo o grupo n=152.

⁴² Apesar de ser um valor > 0,05 ambos os testes Kruskal-Wallis e *one-way* ANOVA deram significativos.

Tabela H. 13 Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis para o grupo "residência de origem", n = mulheres.

	1 Já bati em rapazes que parecem maricas	2 Já me comportei violentamente com uma mulher porque ela era muito masculina	4 Deus criou apenas dois sexos	5 Se um amigo quisesse remover o pênis para se tornar numa mulher, não o iria apoiar abertamente	7 Homens que se vestem de travestis para prazer sexual metem-me nojo	8 As crianças não devem ser encorajadas a explorar o seu lado feminino e masculino	
Qui- quadrado	3,589	4,047	9,502	9,226	8,988	7,008	
g.l.	6	6	6	6	6	6	
Sig.	,732	,670	,147	,161	,174	,320	
	10 Homens que agem como mulheres deveriam ter vergonha na cara	11 Homens que depilam as pernas são esquisitos	12 Não consigo compreender porque é que uma mulher há-de agir de forma masculina	13 Já "fiz pouco" de uma mulher por ela agir e parecer masculina	14 As crianças devem brincar com brinquedos apropriados ao seu sexo	15 Mulheres que se veem como homens não são normais	
Qui- quadrado	1,663	2,573	3,234	10,161	10,072	9,116	
g.l.	6	6	6	6	6	6	
Sig.	,948	,860	,779	,118	,122	,167	
	16 Evitaria falar com uma mulher se soubesse que ela criou artificialmente um pênis e uns testículos	17 Um homem que se veste de mulher é um pervertido	19 Rapazes femininos deviam ser curados do seu problema	22 Se um homem com um vestido, maquilhagem e voz fininha se aproximasse do meu filho/a, usaria a força física para o parar	23 As pessoas não deveriam poder expressar o seu género de forma livre	24 Operações de mudança de sexo são moralmente erradas	
Qui- quadrado	10,415	4,722	5,921	7,294	4,823	8,569	
g.l.	6	6	6	6	6	6	
Sig.	,108	,580	,432	,295	,567	,199	

Imagens Sociais de Pessoas Transgênero: uma análise a partir de estudantes do ensino superior português

	26 Eu não iria a um bar frequentado por mulheres que já tivessem sido homens	27 As pessoas ou são homens ou são mulheres	28 Eu e os meus amigos frequentemente gozamos com homens que se vestem de mulheres	29 Mulheres masculinas deixam-me desconfortável	30 É moralmente errado uma mulher apresentar-se em público enquanto homem	31 Não faz mal fazer troça de pessoas travestis	32 Se eu encontrasse um homem a usar saltos altos, collants e maquilhagem, consideraria bater-lhe
Qui- quadrado	8,110	16,450	7,048	3,530	9,540	6,519	3,322
g.l.	6	6	6	6	6	6	6
Sig.	,230	,012	,316	,740	,145	,368	,767

H₀= As sete categorias definidas pela residência de origem das/dos estudantes tem a mesma distribuição de pontuações nas respostas dos alunos à GTS.

H_A= Existe pelo menos um grupo de estudantes, definido pela sua residência de origem que tem a distribuição nas respostas dadas à GTS diferente das demais